

*Fraágil
Coração*

ENQUANTO EU RESPIRAR,
JAMAIS DEIXAREI DE CUIDAR DE VOCÊ

JESS LISLEY



FRÁGIL
CORAÇÃO
Jess Lisle

Copyright ® 2019 Jess Lisley

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem autorização.

Capa: LA Capas.

Diagramação: Jess Lisley

Revisão: Mônica Novaes

Ficha para Catalogação

Frágil Coração/ Jess Lisley – São João do Ivaí/PR
Edição 2019.

258 pág.

Certificado de Registro AVCTORIS

1e8d8b747429143330928506a7d2f0e618663359a0b41071891a176fc5cd0c15

Dedicatória

Essa é a primeira obra que me arrisquei a escrever, quando comecei não achei que fosse capaz de finalizá-la, uma coisa eu aprendi:

Somos capazes de muitas coisas basta acreditar em si próprio.

Dedico a minha família e as minhas leitoras e leitores que me ajudaram na caminhada até aqui.

Sumário

<u>Prólogo</u>	<u>7</u>
<u>Capítulo 1</u>	<u>12</u>
<u>Capítulo 02</u>	<u>18</u>
<u>Capítulo 03</u>	<u>25</u>
<u>Capítulo 04</u>	<u>30</u>
<u>Capítulo 05</u>	<u>36</u>
<u>Capítulo 06</u>	<u>43</u>
<u>Capítulo 07</u>	<u>49</u>
<u>Capítulo 08</u>	<u>54</u>
<u>Capítulo 09</u>	<u>61</u>
<u>Capítulo 10</u>	<u>65</u>
<u>Capítulo 11</u>	<u>71</u>
<u>Capítulo 12</u>	<u>77</u>
<u>Capítulo 13</u>	<u>84</u>
<u>Capítulo 14</u>	<u>90</u>
<u>Capítulo 15</u>	<u>96</u>
<u>Capítulo 16</u>	<u>102</u>
<u>Capítulo 17</u>	<u>107</u>
<u>Capítulo 18</u>	<u>113</u>
<u>Capítulo 19</u>	<u>122</u>
<u>Capítulo 20</u>	<u>130</u>
<u>Capítulo 21</u>	<u>135</u>
<u>Capítulo 22</u>	<u>142</u>
<u>Capítulo 23</u>	<u>148</u>
<u>Capítulo 24</u>	<u>153</u>
<u>Capítulo 25</u>	<u>160</u>
<u>Capítulo 26</u>	<u>166</u>
<u>Capítulo 27</u>	<u>172</u>
<u>Capítulo 28</u>	<u>180</u>

<u>Capítulo 29</u>	<u>187</u>
<u>Capítulo 30</u>	<u>191</u>
<u>Capítulo 31</u>	<u>198</u>
<u>Capítulo 32</u>	<u>204</u>
<u>Capítulo 33</u>	<u>210</u>
<u>Capítulo 34</u>	<u>216</u>
<u>Capítulo 35</u>	<u>225</u>
<u>Capítulo 36</u>	<u>238</u>
<u>Epílogo</u>	<u>249</u>
<u>Agradecimentos</u>	<u>256</u>
<u>Outras Obras:</u>	<u>258</u>
<u>Incansável Coração – livro 2</u>	<u>258</u>
<u>Obstinado Coração – livro 3</u>	<u>258</u>

Prólogo

06 anos atrás

ISAAC HALE

Troquei meu plantão no hospital, hoje eu quero sair com a minha noiva, faz tempo que ela vem cobrando para sairmos juntos, porque eu vivo enfiado no hospital. Escolher a medicina como profissão foi minha realização, a residência em cirurgia cardíaca está quase no fim e eu preciso me dedicar por completo. Ser um bom cirurgião está no topo da minha lista, mas me dedicar também ao meu relacionamento é uma das prioridades, pois acredito naquele velho ditado “quem ama cuida”, e confesso estar deixando isso um pouco de lado.

A data do nosso casamento está se aproximando e Vivian anda igual doida atrás de todos os preparativos, já que eu não posso ajudar muito, às vezes a vejo aborrecida com minha ausência, porém ela entende que estou vivendo um momento crucial para a minha formação.

Soube que hoje haverá um espetáculo de uma renomada companhia de ballet, um clássico será apresentado, "Lago dos Cisnes", sei que Vivian gosta muito dessas apresentações e quero lhe fazer um agrado, então comprei os ingressos e fiz uma reserva em um bom restaurante.

Mando uma mensagem para ela, avisando do nosso compromisso e que mais tarde passo pegá-la. Chego ao apartamento de Vivian por volta das oito horas da noite e ela logo vem toda deslumbrante, vestindo um belo

vestido vermelho justo, saltos pretos como a cor dos seus cabelos negros, lindíssima, muito vaidosa e maquiada, como sempre, como se isso fosse primordial. Sua vaidade extrema me incomoda um pouco, mas nesses quatro anos de relacionamento eu nunca reclamei.

— Vamos querido — diz toda sorridente e me dá um beijo no rosto, claramente para não borrar o batom.

Desço assim que estaciono no anfiteatro e entrego a chave para o manobrista. Dou a volta para abrir a porta para Vivian, como um bom cavalheiro. Dirigimo-nos aos nossos lugares, quando o espetáculo começa, eu me surpreendo, não sabia que ficaria tão deslumbrado. A personagem principal move-se com tanta leveza e graciosidade que me deixa extasiado. São movimentos precisos, saltando como se tivesse o peso de uma pluma, nas pontas dos pés parece ficar ainda mais bela, fico realmente encantado com a apresentação e o desempenho da bailarina.

Após o espetáculo levo Vivian ao restaurante, só que infelizmente no meio do jantar o meu celular começa a tocar.

— Querida, me perdoe, mas eu preciso ir. Houve um acidente na BR 416, com muitos feridos. Estão precisando de mim no hospital — vejo sua expressão de decepção.

— Como sempre não é, Isaac? O trabalho em primeiro lugar e eu sempre sozinha. — ela limpa a boca com o guardanapo fino e me olha com desgosto. — Pode ir, terminarei o meu jantar e depois pego um táxi.

Levanto para me despedir, mas Vivian vira o rosto. Não queria mais uma vez decepcioná-la deste jeito. Pago a conta, deixo dinheiro para o táxi e me apresso para o hospital.

Quando finalmente terminamos de atender todos os feridos, vou para

o vestiário me trocar, na expectativa de ir para casa de Vivian e passar o resto da noite com ela. Quem sabe ainda podemos salvar o que restou da noite. No entanto, por uma simples ironia, quem invade os meus pensamentos no caminho é a graciosidade daquela bela bailarina.

Passa das quatro horas da manhã quando chego. Entro de fininho e tomo um banho no quarto de hóspedes para não acordá-la. Abro a porta de seu quarto, acendo a luz do abajur e não posso crer no que meus olhos estão vendo. O mundo gira sob meus pés.

— Que porra é essa? — vocifero descontrolado ao ver Vivian dormindo abraçada ao meu irmão mais novo, Felipe. Os dois acordam assustados com o grito, ela totalmente nua enrolada nos lençóis e ele apenas de cueca. Perdi todo o controle e avancei — Felipe, seu desgraçado! Eu vou matar você e essa vagabunda! — aponto o dedo para ele — É assim que me trata depois de tudo o que eu fiz por você? Tudo o que eu faço para te agradar, para o nosso relacionamento dar certo, Vivian? — Não sinto o ritmo do meu coração batendo de tão acelerado que está, a raiva me consome. Vivian tenta explicar, mas eu não consigo assimilar uma palavra sequer. Já meu irmão não diz nada, permanecendo quieto e indiferente a tudo.

Viro as costas e vou para o quarto de hóspedes. Pego minhas coisas e saio. No caminho visto a camisa e quando a porta está fechando, Vivian aparece vestida com um roupão.

— Espera Isaac, por favor. Eu posso explicar!

— Não tem o que explicar. Eu não quero ver você nunca mais! — Minha voz sai aparentemente calma, mas estou a ponto de cometer uma loucura.

— Isaac, pelo nosso amor! — suplica, me fazendo sorrir em deboche.

— Amor? — Indago e saio do elevador, com uma expressão de psicopata. Ela me encara com lágrimas nos olhos, posso ver seu medo — Que amor, Vivian? Você transou com o meu irmão, porra! — grito, esmurrando um vaso próximo. Ela se agacha, prestes a ajoelhar-se.

— Isaac...

— Cala a boca, Vivian! Deus... Deus sabe o quanto me dediquei ao nosso relacionamento, você deveria ser compreensiva, mas não, o que você fez? O que você fez?!

— Me... me perdoe... Por favor.

— Perdão? Perdão?! — Meu sorriso é diabólico — Eu não vou te perdoar, NUNCA! — entro no elevador enquanto a vejo cair de joelhos, antes das portas se fecharem.

Capítulo 1

RAÍSSA MONTENEGRO

Minha rotina se resume em ballet, hospital e minha casa. Desde que fui diagnosticada com cardiopatia congênita há seis anos minha vida é assim. Uma doença silenciosa que carrego em meu coração desde o nascimento, mas que mostrou seus sintomas quando eu estava no auge da minha carreira como bailarina clássica. Foi aí que fui obrigada a diminuir drasticamente o ritmo de tudo. Agora ando em marcha lenta, porque meu coração literalmente não aguenta. Não imaginam como é difícil para uma pessoa feita para ser ligada no 220 dia e noite, de repente ter que reduzir a carga. É a mesma coisa que cortar as asas de um passarinho.

Aqui na academia de dança todos ficaram chocados com a notícia. Tive o meu primeiro sintoma em uma das aulas, quando apresentaríamos um clássico, conhecido como O Lago dos Cisnes. Viajávamos com a companhia fazendo apresentações nos grandes anfiteatros do estado. E lembro-me que senti uma tontura forte e perdi a consciência. Acordei com os meus colegas e professores no quarto do hospital. Em seguida o médico veio com a suspeita do diagnóstico solicitando que eu procurasse um especialista na área.

Desde então eu não danço profissionalmente, mas a companhia insiste que eu fique para compor o corpo docente. Agora eu apenas transmito todo o meu conhecimento para os alunos, participo de testes para a escolha dos papéis principais nos espetáculos e monto coreografias. Assim venho seguindo nestes últimos anos. O que eu mais amo nessa vida é dançar, e por sorte a doença não tirou isto de mim por completo. Ainda posso brincar com alguns passos, mas não com toda a agitação de uma grande apresentação.

Também sou voluntária no hospital, dou aulas de dança para as crianças, e sinto-me muito grata por poder levar um pouco de prazer para o lugar. E é incrível ver que diante de tantas limitações, as crianças não perdem o brilho e a esperança, isso me ensina muito a cada dia.

Hoje é dia de consulta com o meu cardiologista. O "*MedStar Washington Hospital Center*", é um hospital especializado em cardiologia, oncologia e transplantes. Também possui um centro de tratamentos para pessoas que sofrem queimaduras. Conta com uma área especial, composta por um estúdio espelhado para aulas de dança e teatro, como um pequeno anfiteatro com cadeiras confortáveis para o público. É um hospital muito conceituado em Washington, EUA.

Quando chego para a consulta a recepcionista pede para que eu aguarde um pouco, pois o Dr. Wagner está terminando uma cirurgia de emergência. Resolvo ir ver as crianças do centro de oncologia para passar o tempo, minhas carequinhas mais fofas do mundo. Sempre trago fantoches na bolsa, então os procuro enquanto caminho. Minha bolsa parece um guarda trecos gigante, se eu mergulhar de ponta lá dentro para procurar algo é possível que eu não volte mais.

Distraída, eu bato em uma grande parede branca, perco o controle das pernas e vou para o chão igual um saco de batatas. Quando olho para cima me deparo com um homem alto, vestido com um jaleco, cabelos negros, barba cerrada e olhos escuros que transparecem sua impaciência.

— Ficou louca menina? Olha por onde anda! — fala e sai todo nervosinho.

— Grosso!

Muito gentil, nem me ajudou a levantar. E daí se eu estava mergulhada na minha bagunça?! Por sorte não caiu tudo no chão, pois

garanto que levaria um bom tempo para juntar tudo.

Chego na ala infantil, as enfermeiras já me conhecem, sou figurinha carimbada por aqui.

— Oi Raíssa, à que devemos a honra da sua presença hoje? — Pergunta uma das enfermeiras, animada em me ver.

— Vim para a minha consulta, mas Dr. Wagner está encerrando uma cirurgia, então resolvi visitar as minhas carecas favoritas.

— Pode ir, mas não demore muito. Estão renomeando a chefia de alguns setores do hospital, vamos evitar problemas.

— Sério? Trombei com um troglodita agora pouco, eu estava distraída e ele só faltou me fuzilar com os olhos, nunca o vi por aqui.

— Não sei quem pode ser, tem muita gente nova trabalhando aqui.

— Hummm... Bom, se todos forem igual aquele lá, isso aqui vai ficar um saco — dou uma risada contida e Amália também.

— Vai lá Raíssa, e se cuida.

— Pode deixar e fique tranquila, não vou demorar — pisco e saio.

Quando entro no quarto as crianças gritam em uníssono.

— Tia Raíssa!!!

Logo levo o indicador na boca em sinal de silêncio, em uma tentativa inútil de acalmá-las. Quando o alvoroço passa eu reúno todas para brincar um pouco. Os quarenta minutos ali foram o ponto alto da minha visita. Dói muito saber que estes anjos não podem sair do hospital para fazer qualquer coisa simples, como brincar em um parque ou sentir o ar fresco, sem que a saúde

piore. O câncer é realmente uma doença agressiva demais, e se eu tivesse o poder de mudar algo, seria proibir crianças inocentes de sofrer com uma doença tão hostil. Como isso não está ao meu alcance, faço o que posso, tentando transmitir alegria ao trazer um pouco do meu conhecimento.

Me chamam para a consulta pouco depois. Dr. Wagner analisa os meus exames e diz que não há nenhuma alteração significativa, mas fala que eu preciso continuar com os cuidados, como realizar o acompanhamento médico periodicamente, pois a qualquer momento meu coração pode começar a falhar. Confesso que o meu diagnóstico me assustou no início, a aceitação nos primeiros dias foi difícil, mas as dificuldades só fortaleceram meu pensamento de que eu precisava tocar minha vida normalmente e dar o melhor de mim.

— Ah Raíssa, antes que eu esqueça, quero te parabenizar pelo trabalho que tem feito com as aulas de dança para as crianças, é difícil encontrar voluntários dedicados como você. Continue assim — o médico abre seu belo sorriso.

— Obrigada doutor, pode ter certeza que faço tudo com muito amor. Eu amo aquelas crianças como se fossem minhas — levanto e me despeço. Vou em direção à recepção para agendar a próxima consulta, porque querendo ou não a cada dois meses eu preciso passar aqui para ver se tudo caminha bem, ou se a doença evoluiu.

Para ajudar quando eu saio rumo ao estacionamento, cai um dilúvio. Antes de sair correndo até o meu carro, eu procuro as chaves, mas alguém esbarra em mim. Hoje definitivamente é o dia!

Quando olho para trás, é o mesmo cara que trombei mais cedo. Não é possível!

— Você de novo? Tirou o dia para me atrasar.

Não respondo, apenas reviro os olhos. Ele me encara com sua carranca, a qual ficou mais fechada com a minha expressão.

— Olha aqui, eu não tive culpa dessa vez. Estava aqui parada até você se fazer de cego e trombar em mim. Da primeira vez eu até assumo que estava distraída, mas agora definitivamente não foi minha culpa. — Eu e essa mania de falar demais.

— Tanto faz — sai correndo na chuva e entra em uma Land Rover.

— Babaca!

Tanta beleza com tanta grosseria. Me lembro da famosa frase de um dos meus livros favoritos, O Pequeno Príncipe: "O essencial é invisível aos olhos".

O que nos leva a ver além das aparências. Ali, naquela personificação de deus grego, fica claro exatamente isso. O que tem de lindo, tem de babaca.

Bufo, finalmente acho a chave e corro para o meu carro.

Capítulo 02

ISAAC HALE

Minha mudança para Washington é uma das melhores coisas que aconteceu em minha vida nos últimos seis anos. O "MedStar Washington Hospital Center", é um dos centros de referência em cirurgia cardíaca. Pelo menos para uma coisa Vivian serviu! A decepção sofrida foi tão imensa que mergulhei de cabeça em minha formação e consegui fazer do meu nome uma referência entre os grandes cirurgiões cardíacos.

São quinze dias nesta cidade nova, hospital novo, pessoas novas. Aqui me ofereceram o cargo de chefe no departamento de cirurgia cardíaca, uma oferta realmente irrecusável. O hospital dispõe de um grande centro de pesquisa, onde eu posso colocar em prática tudo aquilo que já está no papel há algum tempo.

O hospital está cheio, então o dia está agitado. Na hora do almoço eu sigo para o refeitório, no balcão eu pego o meu almoço e procuro uma mesa em que eu possa pelo menos comer sossegado, mas não há sequer uma desocupada. Avisto de longe uma mesa em um canto afastado, e de certa forma respiro aliviado, porque não quero me sentar com outros funcionários do hospital. Meu humor não está dos melhores.

Quando me aproximo noto que há uma moça sentada na mesa. Olho no relógio em meu punho e vejo que não dá tempo para procurar outro lugar, já é quase hora do término de intervalo. Há uma pilastra próxima e por isto não consegui enxergar a loira.

— Com licença, você se importa se eu me sentar? Todas as outras

mesas estão ocupadas. — Quando ela levanta o olhar para mim eu não posso crer, é a mesma maluca que me trombou duas vezes na semana passada. — Só pode estar de brincadeira, você está me perseguindo?

— Que eu saiba Dr. Hale, foi o senhor que pediu para se sentar aqui! — diz debochada.

— Como sabe o meu nome? — ela coloca a colher de doce na boca e aponta para o meu crachá — Hum, bom almoço! — digo e dou as costas.

— Pode sentar doutor, não vou te morder e muito menos trombar em você novamente. Aliás, você também precisa olhar por onde anda! — abre um sorriso. — Já estou terminando e vou sair.

Sento e a observo desconfiado. Meu plano de almoçar em paz foi por água abaixo. Sem querer passo a estudá-la enquanto come sua sobremesa e lê um livro, o qual não identifico a capa. Ela usa um coque bem feito, tem os cabelos loiros, olhos verdes e uma boca bem desenhada. Esguia, se veste de uma forma esquisita, aliás, é toda esquisita, e sem pensar eu pergunto:

— Como se chama?

— Raíssa — responde e não desgruda os olhos do livro. Sinto a obrigação de ganhar sua atenção.

— É a segunda vez que te vejo por aqui! Trabalha em qual setor?

— Não trabalho aqui. Sou voluntária, dou aulas de dança para as crianças da oncologia.

— Interessante. — Não diz nada, está mergulhada na leitura e em nenhum momento olha para mim. Mal educada! Almoço por alguns minutos em silêncio, seu celular apita, ela verifica e suspira fechando o livro.

— Preciso ir, bom almoço! — se despede pegando sua bolsa e sai na direção do balcão. A observo pegar uma barra de chocolate e colocar na bolsa.

Posso notar suas belas curvas, ela é alta. Há muito tempo não vejo uma mulher tão bonita naturalmente, não parece se preocupar muito com a aparência, não está maquiada e aparenta ser o tipo de mulher que se ocupa com coisas mais importantes do que estar sempre impecável.

Para com isso Isaac! Está reparando demais na moça. Me repreendo.

Termino meu almoço calmamente, quando me levanto para voltar ao meu consultório noto que há um envelope no chão, o pego e nele está escrito "Raíssa Montenegro". Ela deve ter deixado cair quando saiu. Guardo o envelope no bolso do jaleco e saio. O devolverei assim que a encontrar novamente.

O dia segue corrido. Wagner e eu estamos trabalhando em um caso complexo, buscando alternativas para conseguirmos salvar a vida da criança que nasceu com uma grave cardiomiopatia e vem sobrevivendo até agora. Temos que buscar algo eficaz e rápido para fazer o que é preciso, mas o tempo é o nosso maior inimigo.

Depois de horas de estudo, conseguimos criar uma estratégia para o procedimento. Agendo a cirurgia para o dia seguinte. Wagner antes de sair se depara com o envelope que Raíssa deixou cair.

— O que é isso?

— Uma moça deixou cair no refeitório.

— Vai encontrá-la na oncologia.

— Você a conhece?

— Sim! É minha paciente.

Confesso que fico muito curioso por saber que Raíssa é paciente dele, mas guardo as perguntas. Sei que a ética médica nos impede de falar sobre nossos pacientes, a não ser que estejamos trabalhando juntos no caso. No final do plantão me dirijo até o estúdio para ver se Raíssa está lá, para poder entregar seu envelope, mas já está tudo fechado.

Indo em direção ao estacionamento entro no meu carro e ligo o rádio. Toca uma música que eu gosto muito, *Still Loving You* do Scorpions. No caminho para casa eu mergulho na letra, o que me causa dor e amargura.

*"Time, it needs time
To win back your love again
I will be there, I will be there
Love, only love
Can bring back your love someday
I will be there, I will be there*

*Fight, baby, I'll fight
To win back your love again
I will be there, I will be there
Love, only love
Can break down the walls someday
I will be there, I will be there (...)"*

*"Tempo, é preciso de tempo
Para reconquistar seu amor
Eu estarei lá, estarei lá
O amor, apenas o amor
Poderá trazer seu amor de volta algum dia
Eu estarei lá, estarei lá*

*Lutarei, garota, lutarei
Para reconquistar seu amor
Eu estarei lá, estarei lá
O amor, apenas o amor
Poderá acabar com as barreiras algum dia
Eu estarei lá, estarei lá(...)"*

Still loving you (Ainda te amo) – Scorpions

Desligo o rádio com raiva, porque me fez lembrar de Vivian. Aquela ordinária aproveitadora, torço que esteja apodrecendo em algum canto. Empurro meus pensamentos para o fundo da mente e surpreendentemente quem me vem na cabeça é a bela bailarina do espetáculo que assisti com Vivian na noite mais infernal da minha vida. Lembrar daquilo me dá um certo aperto, pois em meio a tantas coisas ruins que aconteceram naquele dia, eu ainda consigo lembrar de todos os passos minuciosamente perfeitos da bailarina, a luz própria emanada por ela, tão majestosa quanto a beleza rara de uma flor delicada.

Capítulo 03

RAÍSSA MONTENEGRO

— E cinco, seis, sete, oito, *demiplié*, e *grandplié*, *demiplié*, *grandplié*... Vamos lá meninas, a flexão dos joelhos é importante, mantenham a postura sempre, uma bailarina deve ser graciosa em seus movimentos! — assisto as minhas alunas enquanto caminho pela sala espelhada, orientando-as no exercício da barra. Lembro da minha primeira aula de *ballet*. Sempre amei demais dançar, é como se minha alma dependesse disto para sobreviver. Quando eu calçava as minhas sapatilhas, era como viajar para outro mundo. Cada pirueta, saltos, cada passo me deixava mais leve e satisfeita. No começo foi difícil aceitar que eu não posso mais viver na correria dos espetáculos e nem nos exaustivos ensaios até que tudo se saísse perfeito. Aos poucos me adaptei a minha nova rotina, com ensaios mais leves. Foi um recomeço. — Por hoje é só, meninas.

Encerro a aula, já está escurecendo e eu ainda preciso fazer compras no mercado, pois minha geladeira está parecendo loteamento novo, só tem luz e água. Também preciso abastecer minha dispensa, eu tenho que parar com essa mania feia de esperar zerar tudo para reabastecer.

Já no estacionamento do mercado eu vejo um Land Rover vermelho e logo me lembro do doutor simpatia pura. Rio de mim mesma por pensar uma bobagem dessas. Pego o carrinho, e corredor por corredor vou colocando o necessário nele. De repente tudo começa a rodar, e o ar falta em meus pulmões. Entro em desespero, pois estou sozinha.

Lógico! Para uma pessoa que tem uma bomba no peito que pode

explodir a qualquer momento, tudo é possível!

Quando noto que meus pés não vão mais me sustentar, eu agarro firme no ferro do carrinho, é o único apoio que encontro para não despencar no chão. Logo vejo que não é o suficiente. O ar se esvai cada vez mais, e então eu sinto alguém me apoiar.

— Respira fundo, Raíssa. Sente-se aqui, no chão mesmo. Vai passar, você precisa se acalmar, respira fundo. — Ele sabe quem eu sou, disse meu nome, mas eu não consigo assimilar o som da sua voz e muito menos consigo olhar para o seu rosto.

Ele me ajuda a encostar em uma prateleira quando sento no chão.

— Respira fundo — sinto o homem medir meu pulso. Meu coração bate descompassado.

Aos poucos o ar vai voltando, é como se um balão vazio fosse ganhando forma a cada lufada de ar. Quando volto em si por completo, vejo que quem me deu apoio foi o doutor simpatia.

— Obrigada Dr. Hale, apareceu em um momento bem oportuno. Obrigada mesmo. — Eu realmente estou agradecida.

Logo percebo que muitas pessoas estão em volta, uma platéia não esperada para o show de hoje.

— Ela está bem pessoal. Por favor, vamos dar espaço! — Além de lindo, grosso, babaca, até que desta vez ele acerta em afastar as pessoas. Odeio me sentir vulnerável — Pronta para se levantar? — pergunta, e eu respondo concordando com a cabeça.

Com a ajuda de suas mãos na minha cintura eu fico em pé.

— Obrigada.

— Não tem que me agradecer! Quando vi você apoiada nesse carinho, toda desengonçada, percebi que havia algo errado.

Desengonçada?

— Estou melhor e preciso ir, obrigada mais uma vez. – Ele apenas me dá um sorriso contido e acena com a cabeça. Fica me olhando de longe com as mãos no bolso da calça, nem termino de comprar o que preciso, quero sair logo deste mercado.

Na fila do caixa as pessoas ficam me olhando e isso me incomoda. Quando chega a minha vez de passar as compras, a moça do caixa pergunta se eu estou bem e se eu preciso de alguma coisa. Agradeço a gentileza e sigo para o meu carro. Quando vou guardar as compras o bonitão aparece, para me ajudar. Fico surpresa com sua atitude.

— Se não tivesse me socorrido hoje, eu diria que você é irritante!

— E você é toda esquentadinha! – abre um sorriso impressionante, seus dentes são perfeitamente brancos e alinhados. — Só estou ajudando, para de dar chique!

— Nossa! O Sr. Mau Humor sabe brincar?! – indago e rio com ele da situação — Da próxima vez que for sorrir me avisa que eu coloco meus óculos escuros.

— O que? — Ele para o que está fazendo e fica me olhando como se eu tivesse um chifre de unicórnio bem no meio da minha testa. Não me aguento diante da expressão e me acabo de rir. Ele fica mais perplexo.

— Calma Dr. Simpatia, só estou brincando, apenas quis dizer que seu sorriso é bonito, só isso, dentes tão brancos assim chamam atenção! Reluziu e

quase me cegou.

Ele ri sem graça, entendendo a brincadeira. Noto como coloca as mãos no bolso da calça, observando tudo a sua volta. Reparo nele detalhadamente. Um homem alto, músculos acentuados, tem um sorriso fofo, mas tem algo escondido, algo que deixa transparecer amargura.

— Raíssa, o Dr. Wagner me disse que você é paciente dele, sei que não é da minha conta, mas essa sua crise respiratória me deixou preocupado. Ah, já ia me esquecendo! Aquele dia no refeitório do hospital você deixou cair um envelope, está na minha maleta, guardei para te devolver quando a visse novamente, na verdade me aproximei de você lá dentro do mercado para te falar sobre isso, foi quando vi que você não estava bem.

— Não precisava se incomodar, são apenas alguns exames, nada de muita importância. — No fundo estou muito agradecida por não precisar voltar no laboratório e solicitar uma cópia dos resultados.

Sinto que ele quer mesmo saber o que há de errado comigo, mas meu senso avisa para que eu me afaste, ou estarei sujeita a ter sérios problemas com o bonitão. Porém o inesperado acontece, sem nenhum teatro ele pergunta:

— Quero conhecer um bom restaurante aqui em Washington, tem algum para indicar? Não aguento mais comer a comida do hospital! — interroga e eu o olho. — Me acompanha?

Capítulo 04

ISAAC HALE

— Raíssa está me ouvindo? — pergunto, pois ela parece estática.

— Acho que por hoje chega... Não é uma boa idéia, estou cansada — diz, e pela primeira vez vejo que fica sem graça perto de mim.

— Bom, se está com medo de se sentir mal novamente, lembre-se que sou médico e posso prestar os primeiros socorros — O que eu acabo de dizer? — Desculpa, não quis ser inconveniente — ela me olha incrédula, como se eu tivesse falado qualquer bobagem, e começa a rir — Tá de brincadeira, né?! — Meu mau humor mais uma vez toma conta — Ah, esquece!

Tiro o envelope do bolso e entrego a ela, que olha fixo nos meus olhos. Raíssa ainda emana a mesma energia positiva e alegre, o que serve para me deixar ainda mais desconsertado.

— Obrigada — guarda na bolsa. Quando vou me despedir, ela diz: — Eu aceito acompanhar você em um jantar, mas fique sabendo que não vou rachar a conta com ninguém, é por sua conta. — E em nenhum momento perde o brilho no olhar.

— Tá bom! Essa eu pago, que seja um bom restaurante, porque estou realmente faminto.

— Então vamos! Vou na frente, me segue.

Quero oferecer para ir no meu carro, mas não forço a barra. A sigo

pelo caminho e logo estaciono em uma praça com ar caseiro, várias lanchonetes simples pelo calçadão. Desço do carro e vou de encontro a ela, enquanto a vejo descer do carro.

— Que lugar é esse?

— Dr. Simpatia, te apresento o melhor cachorro quente de Washington — fecho a cara. Ela não pode estar falando sério! Eu pedi um restaurante e ela me trouxe em uma barraquinha de cachorro-quente.

— Raíssa, eu disse que quero comer em um restaurante.

— Para de reclamar. Você vai gostar do cachorrão do Sr. Lió, é o melhor da cidade!

Tenho que me conter para não revirar os olhos, minha vontade é virar as costas, entrar no carro e ir para casa. Antes não tivesse a convidado para me acompanhar, e agora vim parar em uma barraquinha nesta praça.

— Eu mereço — resmungo enquanto caminhamos.

— Aconselho você a pedir o dogão duplo, é uma delícia!

— Pode ser – falo mal humorado.

Não demora muito e o pedido fica pronto. Sentamos em um dos bancos, e tenho que confessar que o lanche está ótimo. Mesmo assim sinto falta de uma mesa, em um lugar fechado. Mas a simplicidade do momento e de Raíssa, me faz pensar que as coisas simples da vida também podem ser prazerosas. Comemos em silêncio, e sua pergunta vem logo após terminar o lanche:

— Gostou?

— É bom! — Não quero dar o braço a torcer. Ela faz bico e eu sorrio.

— Ah fala sério doutor! Diz que adorou, é o melhor cachorro quente da cidade — argumenta.

— Tá bom! É ótimo, mas não posso afirmar que é o melhor da cidade, até porque não provei todos os cachorros quentes de Washington.

— Ok, espertinho — Raíssa pega o lixo das minhas mãos sem eu ao menos pedir, levanta-se e joga na lixeira do lado da barraquinha. Em seguida volta a se sentar do meu lado — Você é novo por aqui? Faz quanto tempo que está em Washington?

— Faz uns quarenta dias, sou o novo chefe de cirurgia cardíaca do hospital. — Noto que ela me olha firme e engole em seco.

— Que bom, Dr. Simpatia. Só espero que esse mau humor não afete seus pacientes! Devia sorrir mais vezes, ia alegrar muitas enfermeiras do hospital — esboça um sorriso contido.

— Por que você me chama de Dr. Simpatia? Não sou sempre mau humorado, pelo menos não desse jeito que você fala — pergunto levemente irritado com sua implicância.

— Tá vendo só, você mesmo assumiu — Raíssa sorri. — Te chamo assim porque nas primeiras vezes que, literalmente, nos trombamos, você foi um grosso, de cara fechada e sequer pediu desculpas. Me esborrachei no chão e você saiu como se nada tivesse acontecido.

— Me desculpe então, Raíssa — fico sem graça. — Realmente, aquele não foi um bom dia.

— Está desculpado. Vamos dar uma volta no parque? Adoro vir aqui durante a noite, as luzes dão um contraste lindo com as sombras das árvores.

Nos levantamos e andamos sentido à pista de caminhada em volta do

belo lago.

— Você me disse que é voluntária no hospital, o que você realmente faz? — Lembro dela ter comentado, mas não o que especificamente.

— Dou aula de dança para as crianças da oncologia, elas não podem sair do hospital, então procuro levar um pouco de alegria.

— Admirável. Algum tipo específico de dança?

— Sou bailarina, mas ali fazemos de tudo um pouco, claro que respeitando as limitações de cada um.

— Assisti a um espetáculo de *ballet* uma vez, mas já faz muito tempo. — Meu telefone começa a tocar no bolso, quando o pego vejo que é do hospital, enquanto eu atendo nós continuamos a caminhar — Hale... Sim, já estou indo! — desligo encarando-a — Raíssa, eu preciso ir, é uma chamada de emergência do hospital.

— Bem, eu também preciso ir doutor, amanhã será um dia cheio.

— Vamos! Te acompanho até seu carro.

— Até mais Dr. Hale!

— Até Raíssa! Boa noite — ela abre um belo sorriso, entra no carro, dá partida e sai.

Pego meu carro e vou em disparada para o hospital. Parado em um sinal vermelho um sorriso brota em meu rosto. Não posso negar que a presença de Raíssa é agradável. O sinal abre e eu continuo o caminho, pensando que desde criança eu não comia em uma barraquinha de cachorro-quente.

Raíssa tem algo que me chama a atenção, e eu não sei dizer o que. Há

muito tempo não me envolvo com ninguém, porque o golpe sofrido por Vivian e pelo meu próprio irmão, me fechou para o mundo, e então não me relaciono mais. Minha ex destruiu o meu coração e levou com ele a vontade de ter alguém, e mesmo assim, Raíssa com seu jeito me faz pensar diferente.

Capítulo 05

RAÍSSA MONTENEGRO

— A companhia veio conversar sobre o espetáculo de final de ano Raíssa, vamos refazer O Lago dos Cisnes — Carter diz. Ele é um dos meus professores, sou uma grande admiradora de seu trabalho, hoje em dia é ele que dirige a companhia de dança.

— Que maravilha Carter! Quando começam os testes para a escolha dos solos? — fico animada com a notícia, é a minha peça favorita.

— Então Raíssa, estávamos conversando e queríamos que você fizesse a Odete, — sinto a expectativa se misturar com tristeza — sabemos de sua condição, mas nós realmente queremos que você seja a estrela desse espetáculo e não vemos uma bailarina clássica tão talentosa quanto você para ocupar o lugar.

— É um honra, agradeço muito pelo convite, mas não posso te responder agora — faço uma anotação mental para procurar Dr. Wagner mais tarde. — Conversarei com o meu médico, tudo bem?

— Claro Raíssa, ainda temos tempo, vou agendar os testes e aviso, também quero que participe das avaliações e escolha dos solos.

— Certo Carter, obrigada — me despeço e saio do estúdio. Há mais duas turmas para dar aula no *MedStar*.

Mesmo sabendo que não posso aceitar e muito menos interpretar Odete, minha alma clama pelo o solo. Eu sou uma bailarina com mais de

duas décadas de aprendizado e uma grande bagagem com apenas vinte e nove anos. Minha alma suplica para estar nos palcos, mas infelizmente nada disso é possível. E com isso, a sensação é que um pedaço meu sempre estará faltando.

Eu aguardo as crianças chegarem na sala do hospital, enquanto isso planejo algumas atividades para a apresentação do dia das crianças. Quero algo que possa envolver até as que não podem dançar. Desejo trabalhar a inclusão das mais limitadas quero mudar este cenário e transmitir a mensagem sobre superação física e emocional, sobre vencer obstáculos dentro de suas limitações.

Enquanto queimo os neurônios procurando algo, as enfermeiras aparecem trazendo os pacientes. A alegria reina no espaço, já no meio da aula noto a presença imponente no meio de toda a bagunça. Dr. Hale está na porta de braços cruzados, observando tudo. Encontro seus olhos negros e aceno com a cabeça, ele retribui. Volto a me envolver com as atividades e quando olho novamente para a porta, não o vejo mais.

Mais tarde sozinha no meu apartamento, os pensamentos vagam em torno da última pessoa que me envolvi. Fechei meu coração para o amor desde que descobri a doença. Às vezes me sinto carente por não ter ninguém para me apoiar e estar comigo nas horas que mais preciso. Mas também estou acostumada com a solidão, perdi meus pais há alguns anos, os quais me deixaram uma abundante conta bancária, que somada ao meu trabalho, eu consigo me manter sem nenhuma preocupação. Minha única inquietação é literalmente manter meu coração batendo com força o suficiente para continuar viva.

A semana segue normalmente, converso com Dr. Wagner e como já esperado, eu não posso forçar a barra e fazer o papel. Comunico o Carter que reforça para eu participar da escolha e insiste que eu faça a preparação da solista selecionada.

— Ah Raíssa, já estava esquecendo, seu antigo parceiro Jason Weston, também vai participar dos testes.

Quando ele diz o nome de Jason meu coração salta. Eu não o vejo desde que foi para a Rússia, ele foi uma pessoa fundamental na minha vida após a descoberta da minha doença. Além de parceiros, éramos namorados. Mas ele despedaçou meu coração ao ir embora para alavancar a própria carreira. Quando finalmente comecei a amá-lo de verdade, logo o perdi. Sinceramente, não sei como lidarei com o seu retorno.

"— Raíssa, recebi uma proposta para dançar pela academia nacional da Rússia — diz de repente, como se estivesse procurando o momento exato para me dar a notícia.

— Isso significa que você vai embora? — pergunto direta.

— Sim, realmente eu não pude recusar a oferta, é uma das maiores companhias de ballet do mundo. Venha comigo?! Você é talentosa, garanto que vai conseguir uma vaga também.

Meu coração ansiava por ficar perto de Jason, mas algo me dizia que eu não poderia sair dali.

— Não posso Jason! Você está me deixando sozinha e despedaçando meu coração, mas eu entendo melhor do que ninguém, eu entendo, e também faria a mesma coisa se fosse comigo, mas eu não posso ir com você, sinto que preciso ficar. Eu te amo Jason e amar é colocar as necessidades da pessoa acima das suas, vá tranquilo, eu vou ficar bem.

— Nunca em minha vida vou conhecer alguém tão incrível quanto você Raíssa!"

Meus pensamentos são interrompidos com o toque do meu celular, olho na tela e não reconheço o número.

— Alô?

— Oi Raíssa, tudo bem?

— Quem é?

— Já se esqueceu de mim? – riu do outro lado da linha. Eu reconheceria aquela risada em qualquer lugar.

— Jason?

— Sou eu, acabei de chegar a Washington e quero te ver!

— Claro, já fazem seis anos — rio com as lembranças. — Ainda moro no mesmo lugar, podemos nos encontrar no café que tem aqui na rua, o que acha?

— Perfeito, te encontro em trinta minutos! Beijos.

— Até logo. — E agora, o que eu vou fazer? Na verdade eu estou indisposta para esse reencontro, não sei como vai ser a minha reação na presença de Jason, e realmente não quero um novo envolvimento amoroso com ele.

O elevador do prédio para dois andares abaixo do meu, a porta abre e o doutor bonitão entra. Fico espantada com a avalanche de surpresas que o dia reservou para mim.

— Oi Raíssa, o que faz aqui?

— Moro aqui, no oitavo andar, e você doutor?

— Eu também, me mudei essa semana.

— Que coincidência.

O caminho até o térreo é feito no mais absoluto silêncio, quando as portas se abrem saímos juntos.

— Eu vou até o café aqui da rua, quer me acompanhar? — Inacreditável. Fico olhando para ele e finalmente consigo responder.

— Vamos Dr. Simpatia, te acompanho, mas só porque já estava mesmo indo lá – rio da situação. Ele com a mania de enfiar as mãos no bolso fica ainda mais lindo, e duplica quando abre o seu sorriso arrebatador. É grosso às vezes e mau humorado, mas ao mesmo tempo fofo e isso me chama a atenção.

Andamos lado a lado em silêncio. Chegamos ao café e sentamos na mesa próxima da janela. Peço um cappuccino com creme e raspas de chocolate e ele um café expresso. O clima está fresco, o outono é a minha estação do ano preferida, as folhas secas das árvores caídas e acumuladas nas ruas me dão nostalgia.

— Por que está tão quieta? Desconhecia esse seu la.... — Dr. Hale não consegue terminar o que está dizendo e eu também não consigo responder.

— Boa noite Raíssa! — olho em direção a voz, e Hale não parece gostar de ser interrompido.

— Oi Jason! — levanto para cumprimentá-lo e sou puxada para um abraço. Pensei que meu coração saltaria pela boca quando o encontrasse, mas me surpreendo quando percebo que não sinto absolutamente nada.

Há somente a sensação de território já explorado, com a certeza de que não existe mais sintonia entre nós dois. É apenas reconfortante vê-lo depois de tanto tempo. Jason sorri e me dá um beijo no canto da boca. Surpresa com a atitude eu olho para o Isaac, que não parece feliz com a

situação.

Capítulo 06

ISAAC HALE

Foi uma surpresa encontrar Raíssa no elevador e uma surpresa ainda maior saber que ela mora no mesmo prédio que eu. No café ela fez seu pedido, parecia preocupada com alguma coisa, estranhei, pois em pouquíssimo tempo me acostumei em vê-la sempre sorridente e despreocupada.

— Por que está tão quieta? Desconhecia esse seu la.... — fui interrompido por um cara.

— Boa noite Raíssa!

— Oi Jason! — Logo ele a puxou para um abraço, e aquilo me incomodou mais do que deveria, mas a gota d'água foi presenciar um beijo malicioso que ele plantou no canto da boca dela. Raíssa ficou levemente corada e me olhou, respirei fundo, e mais do que aborrecido com aquele abraço seguido do beijo, fiquei puto comigo mesmo por estar começando a me importar demais.

Raíssa parecia avessa e desconfortável com o contato.

— Boa noite Jason. — Seu nome sai amargo da minha boca, quando já ia me levantar para pagar minha conta e voltar para casa, Raissa me surpreendeu.

— Senta com a gente Jason. — Ela dá a volta na mesa e senta ao meu lado, quando eu ia me despedir, ela segura o meu braço, me deixando sem reação — Esse aqui é o meu noivo, Isaac! — Eu sou o que? A encarei.

— Sério?! Não me falaram que estava noiva! — Jason fica meio sem graça — Me desculpe por beijar sua noiva cara, é que eu não sabia...

— Ah, somente os amigos mais próximos sabem. Não é mesmo amor? — Raíssa interrompe antes que eu consiga dizer algo.

Eu não digo nada, só fiquei ali sem saber o que fazer e muito menos o que responder. O que será que essa doida estava fazendo? Logo ela me entregou seu celular por baixo da mesa escrito algo na tela.

"Por favor, me ajuda, depois te explico tudo"

É louca mesmo, mas entro na dela. Passo o meu braço por cima de seu ombro, marcando um território que não me pertence.

— Soube que esteve doente — perplexo, o cara muda de assunto.

— Sim, mas não quero conversar sobre isso — Raíssa corta o assunto e Jason fica mais sem graça. — Veio só para o espetáculo, ou vai auxiliar nos testes? — Estou perdido com a conversa, e minha vontade de ir embora é imensa.

— Ainda não sei, recebi a ligação de Carter e ele disse que minha presença seria indispensável. Deixei algo para trás quando fui embora, e retornei na esperança de recuperar — sinto que há segundas intenções. Remexo-me na cadeira e sem querer puxo Raíssa para mais perto de mim. Vi o desconforto explícito de Jason, o que deu mais gás para me meter.

— Bem, está ficando tarde, querida, e precisamos terminar umas coisas lá em casa. Vamos? — falo convicto de que ela me acompanhará.

— Claro — Me sinto aliviado com a sua resposta. Levanto e estendo a mão para Jason e acabo apertando mais forte do que deveria, deixando bem claro minha insatisfação.

— Até mais Jason — ela se despede, e para manter as aparências segura a minha mão até sairmos do café. — Obrigada Dr. Hale, não sei nem como te agradecer por me salvar dessa enrascada, achei que ia conseguir lidar com a situação, mas travei.

— Vamos embora, pois a senhorita me deve uma boa explicação sobre o que aconteceu. A sua sorte é que estou de bom humor.

A única coisa que me deixou irritado diante de toda a situação, foi perceber que eu me importo com ela, muito mais do que pensava e caminhamos em silêncio na volta para o prédio.

— Antes que você dê chique, vou te contar tudinho.

— É bom mesmo. Quero saber mesmo o porquê me prestou a esse papel — falo sério. — Vamos para a sua casa, porque a minha ainda está uma bagunça devido à mudança. E eu não quero ficar no elevador conversando com uma louca — sorrio para ela.

— Louca? Eu? — se indigna, rindo — Você ainda não viu nada!

Já dentro de seu apartamento vejo como tudo é aconchegante e bem decorado. É pequeno como o meu, mas com um aspecto feminino, um quadro grande na sala, preto e branco com os pés de uma bailarina nas pontas dos pés.

— Fique a vontade doutor, já volto! — E some pelo apartamento, enquanto isso fico observando aquele quadro que me tanto me chamou atenção, e algumas lembranças inconvenientes me atormentam.

Raíssa volta com uma roupa mais à vontade, com os cabelos presos em um coque mal feito, e descalço.

— Sente-se — oferece o sofá.

— Pode começar! Desembucha logo — peço sem mais delongas. Ela respira fundo e começa:

— Há alguns anos eu me envolvi com Jason, estudamos *ballet* na mesma academia por anos, e quando nos formamos passamos a nos relacionar, éramos solistas, ele é um bailarino incrível, nunca escondi minha admiração. Ficamos juntos por um tempo, até Jason receber uma proposta para dançar em nome de companhia da Rússia, e sem nem pensar duas vezes ele foi embora. Até me chamou para ir junto, mas eu não pude me afastar na época, dei todo meu apoio, mas acabei ficando sozinha. Eu o amava, e levou um tempo para superar sua ausência. Logo depois eu descobri que estava doente — ela para por um momento, como se pensasse em cada palavra que sai de sua boca. — Soube hoje que ele está de volta e fiquei sem reação, e naquele momento que ele me abraçou, eu fiquei desconfortável, quando ele me deu aquele beijo, percebi que não sinto mais nada, e a única coisa que veio em minha cabeça, foi te apresentar como meu noivo para poder me livrar dele e voltar para casa logo. Me desculpa por isso, foi totalmente impulsivo, como um mecanismo de defesa, entende?

— Está tudo bem Raíssa. Fica me devendo uma — a olho nos olhos e vejo algo diferente ali, algo nela me é familiar. Também tenho muita curiosidade em saber sobre sua doença, mas percebo seu desconforto quando toca no assunto. — Já vou indo, a gente se tromba por aí — falo brincando.

— Quer ficar para jantar? Não sou muito boa na cozinha, mas me arrisco em um macarrão bem turbinado — seu sorriso quase me convence.

— Fica para outro dia, e pode ter certeza que vou te cobrar esse macarrão. Estou morto! A medicina cobra muito de mim e eu realmente preciso dormir, caso contrário sou capaz de dormir em cima do prato e acabar passando vergonha.

— Tudo bem então. — Caminhamos até a porta, ela abre e sorri —

Fica para outro dia — vou até ela e sem pensar dou um beijo em seu rosto — Até mais... Isaac.

— Até!

Chego no meu apartamento e vou direto para o chuveiro, deito na cama depois do banho quente e ao fechar meus olhos, só consigo ver a bailarina da fatídica noite. Entretanto, desta vez, Raíssa também toma meus pensamentos. Ela é doce e extrovertida, algo que nunca encontrei em mulher nenhuma, talvez eu não tenha dado tantas oportunidades assim, e por loucura momentânea, semelhanças me fazem pensar que Raíssa e a bailarina podem ser a mesma pessoa.

Capítulo 07

ISAAC HALE

O som estridente do toque do meu celular me tira de um sono profundo, estava cansado, andava fazendo plantões extras, e ser chefe do departamento de cardiologia do *Medstar* cobrava seu preço. Quando olho na tela me situo, são três horas da manhã e o número insistente é do hospital, provavelmente seja alguma emergência.

— Boa noite, doutor! Uma moça deu entrada agora, com problemas cardíacos. O plantonista solicitou o apoio de um cardiologista, e o médico que estava de sobreaviso não atende nossas ligações — informa, me fazendo bufar. Irresponsabilidade é algo muito comum e que me incomoda demais.

— Estou a caminho. — Por sorte moro próximo do hospital, e não levo muito tempo para chegar.

Ao sair do prédio noto uma movimentação inusitada. Mas com a pressa não paro para perguntar o que está acontecendo.

Pego o prontuário antes de entrar na sala de emergência e verifico o que foi feito até o momento, vejo os sintomas apresentados, e espero o residente detalhar os procedimentos realizados.

Admito que não esperava encontrar Raíssa como paciente.

Presto todo atendimento necessário. Realmente é um choque vê-la daquela forma, tão vulnerável. Foi difícil de controlar sua arritmia cardíaca, sendo necessário colocá-la no aparelho de oxigênio para que o ar chegasse em seus pulmões. Vê-la tão debilitada e frágil, acabou comigo.

Quando seu quadro se estabiliza, posso respirar mais aliviado. Peço para a encaminharem para um quarto. Então pego seu prontuário e estudo mais a fundo.

Raíssa sofre de uma doença congênita no coração, fez uma bateria de exames recentemente, porém, solicito que refaça outra vez.

Depois de ter feito tudo, resolvo passar em seu quarto para vê-la. Me deparo com uma moça ruiva dormindo sentada na cadeira ao lado. Olho para Raíssa na cama, que mesmo pálida continua linda. Quando estou saindo, a moça que a acompanha me chama.

— Doutor, como minha prima está?

— Solicitei alguns exames, ela vai ficar bem — a curiosidade me corrói e não consigo conter — Como aconteceu?

— Eu cheguei nessa madrugada, de tempos em tempos venho visitá-la, e quando entrei em seu apartamento, ela estava caída na sala, levei o maior susto. — O que explica o alvoroço na entrada do prédio.

— Volto mais tarde para conferir como ela está. — Não prolongo o assunto. Estou preocupado com ela, que em tão pouco tempo tomou um espaço significativo na minha vida, gerando certa necessidade de cuidar e mantê-la segura.

O dia amanheceu e logo vejo a moça que está com Raíssa sair do quarto. Sem querer fico vigiando. Não me ausentei do hospital com medo do seu quadro se desestabilizar e eu não estar por perto. Depois, entro no seu quarto e fico a observando enquanto dorme.

— O cenário ficou meio cinzento — murmura do nada.

— Bom dia, maluca! — Mesmo nessas condições ela não perde o

senso de humor. — Como se sente?

— Não sei dizer, e você, o que está fazendo aqui?

— Uma arritmia forte fez você perder a consciência. Sua prima te encontrou no seu apartamento e chamou a ambulância, me acordaram de madrugada porque não conseguiram contatar o cardiologista de plantão.

— Tinha me esquecido de Rebeca — ela coloca a mão na cabeça e fecha os olhos. — Me sinto cansada.

— Volte a dormir. É normal que isso aconteça, seu coração trabalhou em ritmo excessivo e descompassado. Não quero que você se esforce. Pedi novos exames e dependendo dos resultados eu te libero para voltar para casa ainda hoje. — Em um gesto impensado, eu levo a mão e afago seus fios loiros e macios.

— Obrigada, Dr. Simpatia — respira fundo e abre um sorriso contido. Raíssa fecha os olhos e não volta a abri-los. Fico mais um pouco ali, a fazendo companhia até a prima dela voltar.

— Bom dia Rebeca. Raíssa já acordou, mas devido ao cansaço voltou a dormir. Por favor, qualquer mínima mudança, peça para me chamarem.

— Pode deixar, doutor — Rebeca se insinua mordendo o canto do lábio. — Com certeza vou te chamar.

Vou direto para o quarto dos plantonistas, na tentativa de descansar um pouco. Pensei que tendo conhecimento do quadro clínico de Raíssa me deixaria aliviado, mas pelo contrário, estou mais preocupado, pois sua situação não é boa e pode se agravar.

Sem nenhum esforço eu pego no sono. Mais uma vez aquela bailarina fantástica toma conta dos meus sonhos. Era como se ela quisesse me mandar

uma mensagem, se curvando ao terminar o espetáculo e acenando diretamente para mim enquanto sorria, estava escuro, e por isso não conseguia enxergar seu rosto com nitidez.

Capítulo 08

RAÍSSA MONTENEGRO

Meus olhos estão mais pesados do que de costume. Sinto um cansaço extremo. Quando os sintomas ficaram evidentes na noite anterior e eu assimilei ao fato de estar sozinha, entrei em pânico, o que pode ter agravado a situação. Foi desesperador.

O bipe constante e a presença imponente dentro do quarto, eu sabia exatamente quem era antes mesmo de abrir os olhos.

— O cenário ficou meio cinzento — falei, notando o bonitão se aproximar da cama.

— Bom dia, maluca! Como se sente? — Sua tentativa de esconder a preocupação foi totalmente sem sucesso, era perceptível identificá-la no tom de sua voz.

— Não sei dizer, e você, o que está fazendo aqui? — Eu estava curiosa para saber se era ele quem havia me achado, mas como?

— Uma arritmia forte fez você perder a consciência. Sua prima te encontrou no seu apartamento e chamou a ambulância, me acordaram de madrugada porque não conseguiram contatar o cardiologista de plantão.

.

Meu Deus, minha prima estava para chegar e por conta da confusão com Jason, eu havia me esquecido completamente.

— Volte a dormir. É normal que isso aconteça, seu coração trabalhou em ritmo excessivo e descompassado. Não quero que você se esforce. Pedi novos exames e dependendo dos resultados eu te libero para voltar para casa ainda hoje. — orientou, quando reclamei do cansaço.

Agradei sutilmente constrangida com a aproximação repentina dele. Fechei meus olhos e não os abri, ainda sentindo a presença de Isaac no quarto. Em seguida, minha prima entrou e não perdeu a oportunidade de querer se engraçar com o médico. Logo depois se acomodou na cadeira ao meu lado. Virei o rosto e a olhei.

— Prima, que susto! — fala exasperada.

— Bom dia pra você também, Rebeca — sorrio. — Que bom que você veio, estava com saudades.

— Eu também, Ra — ela se acomoda na maca comigo.

Rebeca é uma maluca, baladeira, que adora confusões, mas é a única pessoa que eu posso chamar de amiga ou até irmã, alguém que eu posso realmente confiar.

— Me desculpa, eu esqueci que você viria. O defunto ressuscitou, e acabei me esquecendo de você.

— Como assim o defunto ressuscitou? — ela franze o cenho, confusa.

— Jason está de volta.

— E isso é bom ou ruim?

— É bom porque ao me encontrar com ele, eu percebi que o sofrimento pela ausência dele não existe mais, não sinto mais nada por ele. E é ruim porque acabei inventando uma mentira descabida e envolvendo Isaac.

— Calma aí! — faz sinal com as mãos para que eu pare — Volta à fita, não estou entendendo nada. Quem é Isaac? E que mentira foi essa? Adoro uma confusão.

— Isaac é o médico bonitão que acabou de sair daqui e você se ofereceu descaradamente — Rebeca ri.

— Ai meu Deus, aquele pedaço de mau caminho!

Suspiro e conto tudo detalhadamente para ela, que me olha espantada no final.

— Não acredito que você teve coragem!

— Tive a melhor professora — insinuo, apontando para ela.

— Mas só digo uma coisa, esse negócio de você não querer se envolver com ninguém só porque está doente, não é certo. Você precisa viver, nunca é tarde para amar, você só tem um defeitinho ai dentro — indica o meu peito — Não está morta, por favor, Raíssa, vou ter que falar isso mais quantas vezes?

— É uma escolha Rebeca — respiro fundo. — Não é como se eu pudesse abrir meu coração para alguém, me apaixonar e viver felizes para sempre. Eu não tenho tempo para isso. — Meu humor fica péssimo. É um assunto sobre o qual eu definitivamente não gosto de falar.

— Aiii, mas é cabeça dura hein! Não falo mais nada, você que sabe! — Mesmo contrariada, ela não sai do meu lado e fica abraçada comigo. Com a ajuda do silêncio eu pego no sono outra vez.

Mais tarde ouço uma voz grave me chamando.

— E aí, mocinha, o que andou aprontando? — Dr. Wagner brinca.

— Um piripaque doutor, nada demais — sorrimos juntos. Ele como sempre está lindo, com seus cabelos grisalhos. Eu nunca vou cansar de admirá-lo por sua gentileza e competência. Sua esposa também é médica aqui no *Medstar*, sua família é realmente linda, uma família que eu nunca vou ter. Esta aí uma coisa que me lamento dolorosamente, não poder construir uma família.

— Dr. Hale já me informou sobre tudo o que aconteceu. Vamos observá-la mais de perto, a partir de agora vamos te acompanhar juntos. Na minha ausência ele irá te atender, certo? Foi realizada uma nova bateria de exames, que concluíram que faremos uma cirurgia para implantar um marca-passo em você.

— Como isso funciona? E para que serve? — pergunto nitidamente preocupada.

— O marca-passo é um dispositivo implantável que emite estímulos elétricos até o coração para garantir uma frequência cardíaca mínima, é recomendado para pacientes que tenham algum desgaste do sistema elétrico do coração que pode acontecer pelo envelhecimento ou por alguma doença cardíaca, basicamente ele serve para controlar seus batimentos — afirma como sempre muito claro e sucinto. — Mas fique tranquila porque se trata de uma cirurgia simples, que leva no máximo uma hora. Será feito um pequeno corte embaixo da sua clavícula, e eu vou usar uma veia como caminho, são conectados dois eletrodos ao coração. Os eletrodos ficarão ligados a um gerador implantado sob a sua pele, dessa maneira, o dispositivo consegue interpretar a frequência cardíaca do seu coração e emitir estímulos elétricos.

— E o acompanhamento médico?

— É simples, só preciso programar o funcionamento do marca-passo para verificar se ele está funcionando corretamente, e continuamos com as consultas periódicas, mensais.

— Tenho os testes da academia para acompanhar e escolher a solista de uma apresentação. Isso tudo pode me atrapalhar ou influenciar em algo?

— Não Raíssa, desde que mantenha o repouso orientado e posteriormente não se esforce de maneira que possa te prejudicar — ele me tranquiliza. — Vou marcar a cirurgia para hoje ainda, o quanto antes fizermos isso, melhor vai ser para você.

— Obrigada doutor — engulo seco. — O Dr. Hale vai acompanhar a cirurgia?

— Acredito que não, mas se você preferir eu posso solicitar a presença dele.

— Não há necessidade, obrigada.

— Até logo, mocinha.

Ele sai ao se despedir. Logo noto que Rebeca não está mais no quarto e me sinto sozinha. Mais tarde a equipe de residentes chega para me preparar para a cirurgia. Eu assino todos os formulários e pouco tempo depois sou encaminhada para o centro cirúrgico. No corredor encontro com Rebeca, que vem até mim e diz que tudo ficará bem. Ao entrar na sala, o Dr. Wagner está me esperando com mais médicos. Ele conversa amenidades comigo, na tentativa de me acalmar, mas sem sucesso. Me sinto nervosa e com medo, e esses sentimentos só se esvaem quando o vejo entrar no centro cirúrgico.

— Oi Hale, não há necessidade de me acompanhar aqui, é simples e será rápido.

— Eu sei Wagner, mas eu quero acompanhar o procedimento.

Seus olhos negros encontram os meus e ele se aproxima.

— E aí, Raíssa, tudo bem? — apenas aceno em concordância — É um procedimento simples, vai ficar tudo bem e estarei aqui para garantir isso, certo?! — e consinto outra vez.

Capítulo 09

ISAAC HALE

Estava quase ficando louco de preocupação, me segurei para não passar por cima da ética médica e tomar a paciente de Wagner, para colocá-la sob os meus cuidados. Com jeitinho, consegui convencê-lo de acompanhar Raíssa de perto, uma das vantagens de ser chefe do departamento é esta. As consultas pareciam não ter fim, enquanto eu estava enfiado no consultório, irritado com o relógio que parecia ter parado.

Quando consegui finalizar tudo no consultório, imediatamente me dirigi ao centro cirúrgico onde Raíssa será operada. Um procedimento simples, mas que faço questão de estar perto. Ela estava acordada quando eu entrei e conectada aos aparelhos, esperando o anestesista iniciar.

— Oi Hale, não há necessidade de me acompanhar aqui, é simples e será rápido.

— Eu sei Wagner, mas eu quero acompanhar o procedimento.

Busquei o olhar de Raíssa e encontrei as íris lindas e claras. É incrível como ela demonstra ser uma pessoa tão forte mesmo sendo tão frágil.

Nós conversamos brevemente. Espero ela adormecer e fico por perto. Wagner é um cirurgião excepcional, minha preocupação é infundada e desnecessária, mas alguma coisa dentro de mim não permite que eu a deixe sozinha.

O implante ocorreu perfeitamente, e ao finalizar Raíssa é encaminhada para o pós-operatório e eu vou atrás. No quarto, Rebeca está

sentada lendo um livro e levanta-se ao reparar a movimentação. Preocupada, ela vem ao meu encontro para obter notícias.

— Só temos um problema doutor.

— Qual? — meu sentido de alerta apita.

— Eu não posso ficar aqui por muito tempo, vim apenas para ficar alguns dias, e Raíssa não tem ninguém. Fico preocupada de ter que deixá-la sozinha. — É preocupante, mas eu darei um jeito. Quando vou responder, sou interrompido, o que me deixa totalmente irritado.

— Eu cuido dela — Jason! De onde esse idiota surgiu?

— Como assim? — interrogo cada segundo mais irritado.

— Isso mesmo que você ouviu, eu vou cuidar dela! E não adianta me falar que você vai cuidar, porque já sei de tudo, vocês não estão noivos. — Imbecil! Como ele soube? — Na academia me informaram sobre tudo, e ninguém nem sabe da sua existência, doutor — falou com sarcasmo. — E conhecendo Raíssa como eu conheço, ela é bem capaz de ter inventado uma bagunça toda para se livrar de mim naquele dia.

— Se ela quis se ver livre de você, foi porque quer manter distância — digo friamente, vendo Jason tencionar o maxilar. — E não precisamos resolver isto agora, quando ela acordar, conversaremos — digo. — Rebeca, me chame caso precisar. E você Jason, por favor, se retire. Raíssa ainda não pode receber visitas, somente dos parentes — finalizo e saio na sequência, sem deixá-lo responder.

Caminho até a recepção e proíbo as visitas de Raíssa, pelo menos por enquanto, mantendo autorizada somente a entrada da Rebeca.

Idiota!

Que cara inconveniente! Ele não sabe com quem está lidando, vamos ver quem pode mais, aqui é o meu território!

Meu humor ficou péssimo pelo restante do dia, só melhorou sutilmente quando passei no quarto de Raíssa para conferir como ela estava. Dormia profundamente, e eu aproveitei para acariciar seu cabelo, reparando, ainda que na penumbra, cada belo traço do seu rosto.

Eu quero e torço muito para que ela fique bem, mas eu preciso me afastar, porque estou envolvido demais, preocupado demais com a pequena de sorriso fácil. Porém, ela precisa de mim e me afastar nesta situação que se encontra está fora de cogitação.

Antes de sair, sem nem ao menos pensar, eu me abaixo e inspiro o cheiro doce de seus cabelos.

— Eu volto de manhã, pequena — sussurro mais para mim, do que para ela.

Capítulo 10

RAÍSSA MONTENEGRO

Acordo com algumas dores, segundo o médico são normais por conta do procedimento. Estou sozinha e o sol já está forte, o dia lá fora parece estar lindo. Logo Rebeca entra no quarto com um copo de café nas mãos, o que me deixa com água na boca.

— Bom dia, Ra. Como você se sente?

— Como se tivesse sido atropelada por um caminhão.

— Você não sabe da maior — ela está eufórica. — Jason apareceu aqui ontem e o bonitão o colocou pra correr.

— Como assim? — meu instinto diz que nada de bom poderia ter acontecido nessa visita repentina.

— Pois é. Ele chegou falando que ia cuidar de você quando eu fosse embora, disse que sabia que você e o doutor não estão noivos.

— Droga! — afundo ainda mais a cabeça no travesseiro. Minha mentira foi para o ralo.

— Mas o bonitão não desmentiu e ainda proibiu as visitas. — Faço uma anotação mental para agradecer Isaac.

Meu café da manhã chega, minha barriga ronca alto como um trator. Rebeca e eu comemos juntas e conversando amenidades. Recebo flores da academia de dança e no buquê tem um bilhete, dizendo que estão todos ansiosos para o meu retorno. É o que eu mais quero, pois ficar deitada nesta

cama está me dando calos.

Mais tarde Dr. Wagner passa para fazer uma visita, diz que tudo correu bem e que eu posso ir para casa. Também recomenda uma série de cuidados, e que antes de ir eu preciso realizar mais alguns exames, apenas para garantir que tudo está bem. Rebeca vai na frente para ajeitar o apartamento, já que há dias ninguém pisa por lá. Quando estou distraída com um livro, Isaac aparece.

— Boa tarde dona moça! Como se sente? — ele abre aquele belo sorriso, ok, isso é novidade.

— Bem doutor, obrigada.

— Pronta para ir pra casa?

— Com toda certeza! Queria agradecer novamente pelo que fez por mim, Beca me contou sobre o episódio com Jason.

—Eu não desmenti você, mas precisa conversar com ele, ele parece se preocupar e pelo que notei não pretende se afastar — noto certo desconforto em suas palavras.

— Eu não quero, já sofri demais, passo a vez.

Eu não aguento mais de saudade das crianças, e essa espera para poder sair está me matando. Então aproveito a deixa:

— Posso te pedir um favor? Mas você tem que prometer que não vai ficar carrancudo e nem fazer brotar o mau humor que vive aí dentro — ele me olha surpreso e ergue uma de suas sobrancelhas. — Quero ver minhas carecas, tem jeito?

— Achei que ia pedir algo absurdo pelo jeito que falou! Vou buscar

uma cadeira de rodas e te levo lá, mas já aviso que não podemos demorar.

— Obrigada — fico eufórica, só não saio pulando da cama porque não posso fazer movimentos bruscos.

Isaac demora pouco tempo para voltar com a cadeira, me ajuda a levantar da cama e me acomodar. Saímos pelos corredores e eu posso notar os olhares focados no doutor, o que não é para menos, o cara é um deus grego de jaleco.

— Vou comprar uns babadores para trazer ao hospital da próxima vez que eu vier.

— Por que? — ele fica confuso.

— As enfermeiras e todas as outras mulheres não param de te admirar.

— Fique você sabendo, dona Raíssa, que eu não estou interessado em mulher nenhuma, e que eu quero passar bem longe de problemas. Mulheres são apenas diversão. — Isaac quis ser irônico, mas não conseguiu disfarçar o desconforto em seu tom de voz. Diante da sua resposta ácida, eu não falo mais nada.

Seguimos em silêncio até chegarmos na ala da oncologia pediátrica, e quando adentramos a sala, as crianças reagem fazendo aquela festa. Explico a elas sobre o meu breve afastamento, e que voltarei assim que me recuperar.

O tempo que passei ali foi precioso. Isaac não quis entrar na bagunça, mas ficou o tempo inteiro nos observando, e rindo de uma coisa ou outra. Parei para observá-lo melhor, e é notável que algo muito sério o magoou no passado, e esse é o motivo pelo qual ele se fecha repentinamente, como se fosse um mecanismo de defesa. Porém, ele não é uma pessoa completamente fechada, é amável e carinhoso, preocupado e responsável.

Voltamos para o quarto e Isaac sai para obter informações sobre minha alta, logo depois vem ao meu encontro informando que Wagner pegou o resultado dos exames e que eu estou liberada.

— Preciso ir Raíssa, mais tarde se der tempo eu passo na sua casa.

— Tudo bem, obrigada por tudo.

— Até logo, maluca

— Preciso ir, mais tarde se der tempo passo na sua casa.

— Tudo bem doutor, obrigada por tudo!

— Até logo maluca.

Rebeca volta para me levar para casa. O cheirinho de lar me conforta o suficiente para me fazer relaxar. Tomo um banho e fico no sofá, enquanto Rebeca prepara o jantar. Quando ela termina, a campainha toca. Deve ser Isaac.

Levanto para abrir a porta me assusto.

— Jason, o que faz aqui?

— Vim te ver, não pude visitá-la no hospital.

— Entre — convido por pura educação. Não estou nada disposta para dar explicações e muito menos ficar inventando desculpas. E por sorte ele não pergunta nada sobre o assunto. Jason janta conosco e ajuda Rebeca a limpar a cozinha. Os dois se sentam na sala comigo logo depois.

— Na próxima semana começam os testes, acha até lá está liberada para voltar pelo menos para acompanhar?

— Acho que sim.

(...)

Passamos horas agradáveis conversando sobre o *ballet* ele contou muita coisa sobre como foi seu trabalho na Rússia, quando me dei conta já era tarde da noite, notei que ainda tínhamos alguma ligação, mas não era carnal, era amizade, uma ligação pura e sincera, pelo menos era o que ele demonstrava, não podia negar que sua visita foi agradável, na hora de ir embora o acompanhei até a porta, e Jason se despediu de mim com um beijo no canto da minha boca, foi uma coisa totalmente imprevista, eu realmente precisava ser mais cautelosa em relação a ele, não quero dar esperanças onde tudo o que eu posso oferecer é minha amizade.

Quando me deitei lembrei que Isaac disse que viria e não apareceu, era como se a necessidade de sua presença fosse imposta de tal forma que eu não saberia distinguir como e nem o porquê.

Capítulo 11

RAÍSSA MONTENEGRO

Dias se passaram, Rebeca foi embora e me vi sozinha mais uma vez. O inverno estava chegando e os dias frios eram cada vez mais frequentes, minha recuperação foi à melhor possível, Rebeca até conseguiu ficar uns dias a mais o que agradei imensamente, sentia falta daquela louca. Hale sumiu do mapa, não o vi nem no hospital e nem no prédio, até estranhei, mas aí me lembrei da sua rotina atribulada no hospital, que como ele mesmo dizia o consumia, e dada a essas circunstâncias não o procurei, pois não queria atrapalhar, mas sentia sua falta de certa forma. Jason aparecia às vezes e só falávamos em *ballet*.

Hoje é dia de teste e eu estou mais do que pronta para voltar. Estou morrendo de saudades das minhas sapatilhas, das minhas alunas e das minhas carecas mais que especiais, eu preciso voltar para as aulas do hospital também.

Quando chego na academia, sou recepcionada com carinho por todos. Parecem ansiosos pela minha volta, Jason vem ao meu encontro e passa o braço pelo meu ombro.

— E aí, preparada para as audições?

— Sempre pronta!

Ao entrar no auditório, aquele ar de familiaridade me invade, noto uma grande movimentação, bailarinas da academia e também de outras escolas estão presentes para fazer o teste. É um dia cheio, o que acaba me

animando mais. Na bancada estão Carter, eu e outros dois professores. Jason está no palco dando as coordenadas e assim segue o dia. São selecionadas muitas bailarinas, mas ainda vamos analisar uma por uma, em audições privadas. Odete merece ser interpretada pela melhor bailarina, sinto que o posto deve ser passado com maestria.

Eu não sei como descrever o dia, foi gratificante, empolgante e passou muito rápido.

— E aí, o que achou? — Jason chega perto de mim.

— Muito bom, temos ótimas bailarinas, a escolha vai ser difícil!

— Ninguém nunca vai se igualar a você, Raíssa — ele me pega de surpresa, me fazendo corar. — Antes que eu esqueça, preciso te apresentar uma pessoa, um amigo que me ajudou muito lá na Rússia, e que agora vai trabalhar aqui na companhia com a gente.

— É mesmo? Quem é? — já na saída um rapaz alto, cabelos negros, pele clara veio de encontro a nós dois.

— Esse é Felipe, novo fisioterapeuta da academia — Felipe subitamente me lembra a alguém.

— Raíssa — me apresento. — Prazer em conhecê-lo, Felipe — damos as mãos em um cumprimento formal.

— O prazer é meu, Raíssa. Estava ansioso para conhecer você. É cara, ela é realmente linda — desconfortável com a situação, opto por sair de cena.

— Boa noite Jason, até amanhã... E até mais Felipe — me despeço de ambos.

— Raíssa, vamos jantar? — Tá bom, isso sim é uma surpresa. Eu quero, simplesmente, estalar os dedos e desaparecer, como num passe de mágica. Respiro fundo e respondo:

— Hoje não Jason, me desculpe estou cansada e eu realmente quero ir para casa! Até mais — saio rápido para não dar tempo de ele argumentar.

(...)

Entro no elevador e um braço forte impede as portas. É Isaac.

— Oi!

— Oi Raíssa, como está?

— Bem! Você sumiu, não apareceu mais...

— Estou muito ocupado, as coisas no hospital andam corridas, nem sua consulta pós-operatória consegui acompanhar, mas Wagner disse que estava bem — ele abre seu costumeiro sorriso encantador.

— Sim, estou em boas mãos.

— Está! Wagner é um excelente cirurgião cardíaco, melhor que ele só eu.

— Pouco convencido Dr. Simpatia, se bem que agora posso te chamar de Dr. Sorriso.

— Você e esses apelidos, não vou nem perguntar o porquê do sorriso, acho que não quero saber — ele ri. — Quando vai aprender a me chamar pelo nome? — A porta do elevador se abre em seu andar, e ele sai segurando a porta para ouvir a minha resposta.

— Não sei, quem sabe um dia. É divertido ver você irritado — sorrio

para Isaac.

— Quer jantar comigo? Parece cansada e eu confesso que também estou morto, mas vai ser bom ter uma companhia. — Este sim é um convite tentador.

— E desde quando você sabe cozinhar?

— Eu não sei, mas sei pegar o telefone e pedir comida.

— Hum, é justo, pois confesso que eu também não tenho muitos dotes culinários.

— E então?

— Posso pelo menos tomar um banho antes?

— Claro!

— Então vai pedindo que eu já desço de volta!

— 612!

— O que?

— O número do meu apartamento.

— Ah claro! Como se eu pudesse me perder nas três portas existentes em cada andar — dou uma risada contida. — Solta essa porta e vai logo pedir comida, que eu estou faminta.

Nossos olhares se cruzam e ficam fixos um no outro, evidenciando algo palpável entre nós dois.

(...)

Já de banho tomado e vestida, vou para o apartamento de Isaac. Toco a campinha e fico mais de cinco minutos esperando ele atender. Quando ele abre a porta, minha boca seca. Isaac está só com uma calça de moletom, secando os cabelos e os pés descalços.

— Desculpa a demora — ele diz. Minha santa dos deuses gregos me ajuda! — Entra! Já fiz o nosso pedido, pedi pizza, espero que não se importe.

— Pra mim está ótimo — eu estou extremamente desconfortável. Até o pé dele é bonito.

— Já volto, fique á vontade! — e vai para o quarto, voltando com uma camiseta azul. Agradeço mentalmente, não ia conseguir ficar olhando pra ele sem camisa com aquele corpo escrito "me pegue".

Se controla Raíssa! Já está fazendo papel de boba, e não existe nada aqui.

Capítulo 12

ISAAC HALE

Estava terminando o banho quando a campainha tocou, devia ser Raíssa, me apressei em acabar logo, sai do chuveiro com a toalha na cintura e fui em direção a porta, no meio do caminho lembrei que não seria nada oportuno ela me ver dessa maneira, voltei para o quarto vesti uma cueca e rapidamente um moletom e fui recebê-la.

— Desculpa a demora — ela estava me olhando com seus olhos verdes arregalados — Entra! Já fiz nosso pedido, pedi pizza, espero que não se importe.

— Pra mim está ótimo — ela entrou desconfiada, com as mãos enfiadas no bolso do casaco preto, parecia querer fugir.

— Já volto, fique á vontade — fui para o meu quarto, para terminar de me vestir, considerando que ela ficou desconfortável por me ver sem camisa. Imagina se tivesse ido atender a porta de toalha?

Quando voltei ela estava observando a decoração mínima do meu apartamento, antes mesmo de falar algo a campainha toca novamente, era o entregador da pizza, o paguei e fui em direção a cozinha, Raíssa veio junto comigo sentou-se na banqueta e ficou me observando pegar os pratos e os talheres, peguei um suco de laranja na geladeira e a servi, sentei na outra banqueta ao seu lado, quando me dei por mim Raíssa tinha dispensado o garfo e faca e comia com as mãos.

— O que foi? — pergunta me olhando de lado.

— Nada, você só me impressiona a cada dia.

— Não vai me dizer que nunca viu uma mulher comer pizza com as mãos? É muito mais gostoso assim.

— Só convivi com as mulheres da minha família e a minha noiva, e ela nunca faria isso — dito isso, Raíssa engasga. Eu solto os meus talheres e a socorro, já que ela não para de tossir. — Está melhor?

— Você tem noiva? Por que não me disse nada? — Começo a gargalhar, a cara que ela fez foi engraçada.

— Não! Não tenho, me desculpe — coço a nuca. — Eu quis dizer ex-noiva, é passado.

— Ai que susto, já estava achando que eu ia morrer enforcada por uma louca ciumenta, imaginei ela entrando por essa porta e me vendo aqui, ta certo que a gente não tem nada, somos só amigos, mas mesmo assim, se fosse eu, ficaria louca e ia querer saber nos mínimos detalhes o que meu noivo estaria fazendo com uma mulher em casa e jantando com ela e os dois de pijama...

Minha nossa, ela desembestou a falar e não para mais, a segurei pelos ombros para ver se ela parava e me olhou com aqueles olhos arregalados.

— Calma Raíssa, precisa respirar.

— A culpa foi sua! — Eu simplesmente disparo a rir.

— Coma logo, antes que esfrie. E espera aí, você disse nós dois de pijama? Saiu para vir aqui de pijama?

— Ué, e o que é que tem? Só coloquei um casaco por cima por causa do frio — não sei por que ainda fico surpreso.

— Não tem nada. — Ela realmente é uma caixinha de surpresas.

Quando acabamos de comer ela se levanta, pega os pratos e os leva até a pia.

— Deixe aí, não se preocupe em lavar.

— Deixa de ser mandão, minhas mãos não vão cair! — Raíssa tira o casaco e pendura na banqueta. É realmente ela está de pijama. Uma calça listrada justa de malha, e uma blusa de mangas compridas, com um ursinho estampado na frente.

Ouçó o celular dela tocar, ela seca as mãos e vai até o casaco para pegar. Quando olha na tela, revira os olhos.

— Droga!

— O que foi?

— É o Jason, ele me chamou pra sair hoje e eu disse que não.

— Você desmentiu “nosso noivado”? — faço aspas com as mãos.

— Não, nem conversamos sobre isso.

— Então me dá aqui que eu atendo — estendo a mão para que ela me entregue, decidido a ensinar o filho da mãe a ter postura comigo.

— Não exagera — Raíssa pede.

— Alô?

"Quem?"

— Isaac Hale!

"Quero falar com a Raíssa"

— Raíssa está no banho! O que você quer?

"Quero falar com ela e não com você."

— Desculpe amigo, mas ela é minha noiva, está na minha casa e não tem nada para falar com você. Se for assunto do trabalho, eu tenho certeza que pode esperar até amanhã. Passar bem — desligo e devolvo o celular para Raíssa, que me olha incrédula. — Por hoje você está livre do engomadinho — nós acabamos rindo.

— Obrigada por isso, realmente hoje eu não estava afim de lidar com ele. Obrigada mesmo.

— Amigos servem para isso — aperto de leve o nariz dela. — Já disse que você me deve uma?

— Já, bom, acho que já, não me lembro — ela sorri envergonhada e volta a lavar os pratos, eu enxugo e guardo enquanto nós conversamos.

— Vamos assistir alguma coisa?

Fomos para a sala, e ficamos discutindo o que assistir, até que entramos em um consenso de ver uma série juntos para podermos discutir sobre, a série escolhida foi Arrow.

Assistimos três episódios, aproveitando que amanhã é sábado, e eu ficarei de folga. Então não me importei de acompanhar Raíssa até tarde na série. O tempo está muito frio, e por isso levanto para buscar um cobertor, já que ela está toda encolhida no canto do sofá. Pego um para mim e outro para ela.

— Se importa se eu sentar aí com você? Está muito frio, e o meu

tapete também não é dos mais confortáveis.

— Claro que não, a casa é sua, fique à vontade — Raíssa sorri para mim, eu me sento ao seu lado, eu em uma ponta e ela na outra. Ela continua vidrada na série, que por sinal é muito boa.

Terminamos mais um episódio, até eu pegar no sono e apagar. Acordo assustado no meio da noite, a TV permanece ligada, Raíssa dorme profundamente, e em algum momento ela estendeu os pés em cima de mim, e eu nem percebi.

Um sorriso brota no canto dos meus lábios enquanto eu a observo na penumbra, como ela é linda, atrapalhada e ao mesmo tempo delicada. Me levanto e a ajeito no sofá, a cubro com os cobertores e vou para o meu quarto. Penso em acordá-la para ir para sua casa, mas acho melhor não tirá-la dali, o desejo de cuidar dela cresce em mim, e mais uma vez isso me assusta.

Chego no meu quarto e arrumo minha cama, deito e mesmo cansado não consigo pegar no sono. Levanto em um salto, ajeito os travesseiros e volto para a sala, ela ainda dorme profundamente, não podia deixar ela ali, então a peguei nos braços, ela suspira, mas não acorda e se aconchega em mim, murmurando algo inaudível, sorrio, levo-a para a cama e a cubro. Volto para meu belo sofá e me deito, ainda fico acordado por um tempo, só pensando como é bom ter ela por perto, ela é diferente de todas as outras que já conheci, mas ao mesmo tempo sinto que devo me afastar.

Capítulo 13

RAÍSSA MONTENEGRO

Ontem à noite apaguei, dormi igual uma pedra, acordei em uma cama que não era minha e lembrei que estava na casa de Isaac. Levantei, e quando olhei pela janela estava branco, neve, eu adorava a neve, um cenário límpido e apaixonante, uma imensidão branca que transmite nostalgia, uma sensação de paz, lembrei dos meus pais, da minha infância, quando meu pai me levava para o quintal para brincarmos na neve, como minha infância foi boa e feliz.

Não sabia onde tinha deixado meu casaco, peguei um cobertor e me enrolei, quando cheguei na sala vi Isaac todo torto no sofá, ia acordar com dor nas costas. Para retribuir a gentileza resolvi fazer um café, fui até sua cozinha e busquei o necessário em sua geladeira que por sinal era bem recheada, eu não sabia fazer muita coisa, mas tinha pão no armário, fiz uns ovos mexidos, queijo e presunto, era o suficiente, também peguei um suco de laranja, e esquentei o leite e fiz um café preto forte. Agora eu não sabia se ia para minha casa e o deixava dormir, ou se o acordava.

Vou até o banheiro, dou uma ajeitada no cabelo fazendo um coque, volto para a sala e pego meu casaco. Passou da hora de ir para casa e Isaac precisa descansar. Saindo de fininho, ele me chama.

— Bom dia, maluca — a voz embargada pelo sono. — Já vai?

— Vou — me viro devagar em sua direção. — Você podia ter me chamado ontem para que eu fosse para a minha casa.

— Eu não quis te acordar, está muito frio! Não vou fazer nada hoje,

que tal ficar aqui para terminarmos de ver a série?

— Acho melhor não.— eu quero ficar, mas estou receosa.

— Deixa de manha, você também não vai fazer nada, ou vai?

— Não... Bem, na verdade não tenho nada para fazer, mas já te incomodei demais.

— Que nada e pelo que eu me lembre, você me deve uma macarronada.

— Poxa vida, tem memória de elefante?

— Eu disse que ia cobrar — Isaac sorri. Ele levanta, pega as cobertas e vem na minha direção. — Além disso, esse frio nos impede de sair de casa — ergue o cobertor e passa pelos meus ombros me enrolando, e faz o mesmo com o outro em seus ombros.

— Está bem — continuo dividida em querer ficar, ter a companhia agradável de Isaac ou não querer incomodar. — Fiz o café, não sei se está do seu gosto, mas eu tentei. Eu preciso ir para casa pelo menos para escovar os dentes, se não daqui a pouco te derrubo com o meu bafinho matinal — o faço gargalhar com vontade.

— Eu sempre tenho escova de dente nova no armário, pode pegar uma se quiser.

— Obrigada. — Impressão minha, ou ele quer me manter aqui a todo custo?

Fomos tomar o café que preparei, e pelo jeito ele gosta do café bem doce, visto que adoçou duas vezes. Depois arrumamos a bagunça e nos aconchegamos na sala. Voltamos para a série, e discutimos ao ver Oliver

Queen fazer justiça com as próprias mãos.

— Ele está mesmo determinado a acabar com a lista do pai — falo totalmente imersa na série.

— Está mesmo, e eu estou com fome — diz de repente, eu o olho sorrindo. Vejo o relógio na parede e consto que passa do meio dia.

— Claro, olha a hora. Levanta daí e vem me ajudar, não vou fazer nada na sua cozinha sozinha. — Já que eu sou um desastre, não vou causar uma catástrofe sozinha, pelo menos assim ele não teria motivo para rir de mim.

— Só vou para verificar e me certificar de que você não vai colocar fogo no meu apartamento — ele aponta o dedo em sinal de que está me vigiando.

Coloco a água para esquentar, vou até a geladeira e pego o que acho necessário. Pico os tomates e a carne e também faço uma salada. Em pouco tempo tudo fica pronto, e eu acabo derrubando o molho vermelho no meu pijama.

— Eita, que coisa!

— O que houve? — pergunta.

— Derrubei na roupa, a criança aqui não sabe comer sem se sujar!

Não se preocupe, pode usar uma camiseta minha se quiser — fala despreocupado, limpando o canto da boca. Isaac me olha e leva a mão para tirar os restos de macarrão do meu pijama. Quando me toca, sinto que foi em cima do meu marca-passo. Ele para e passa os dedos vagarosamente e com delicadeza, me olha no fundo dos olhos e parece imerso em pensamentos. Quando afasta a mão, meu coração parece acelerado e não de uma forma

ruim. — Me desculpa, Raíssa.

— Tudo bem, já acostumei com isso, é um preço pequeno a se pagar para manter meu coração batendo.

Minhas palavras de certa forma acabam o incomodando e confesso que a mim também, nunca fui pessimista e nem queria ser, mas ali naquele momento algo dentro de mim me falou que eu quero viver muito tempo, e aquele meu frágil coração não permitiria isso.

Lágrimas brotam nos meus olhos, Isaac as enxuga com seus dedos, me sinto vulnerável, e agradeço por não estar sozinha nesse momento de fraqueza.

— Não chora pequena — olho no fundo dos seus olhos negros e corro para seus braços sem pedir permissão. Eu preciso de um abraço, de um consolo. Eu quero isso, eu necessito. — Você vai ficar bem, eu vou cuidar de você, prometo.

Ouvir isto me preenche de alívio. Até quando eu ia ter alguém que cuidasse de mim? Que ficasse por perto? Até quando?

Meu choro é afagado pelo abraço de Isaac, estar dentro dos seus braços é como uma fortaleza. Me sinto segura, cuidada, não sei se pela carência de afeto ou por ser uma pessoa sozinha na vida, mas ele me desperta essa sensação de segurança. Isaac não me solta até que meus soluços cessem, e a razão me traga de volta.

— Está melhor? — pergunta com ar de preocupação.

— Sim, obrigada. — Eu não conseguiria ir para a minha casa com a dúvida assolando a minha cabeça. — Você promete não me abandonar? Eu sei que você não é nada meu, mas... — minha voz é novamente embargada pelo choro.

— Eu prometo, e eu nunca quebro uma promessa.

Capítulo 14

ISAAC HALE

O desespero que ela demonstrou partiu meu peito em dois, era como se eu estivesse sentindo sua dor, prometi cuidar dela e era isso que iria fazer, não importando como eu cumpriria minha promessa.

— Vem, deixa essa bagunça aí. — Dessa vez ela não questiona. — Me ajuda a trazer o colchão para sala? — A olho e um pequeno sorriso aparece em seu rosto.

Já no quarto eu pego uma camiseta e a entrego.

— Vai trocar esse pijama lambuzado de molho de macarrão — sorrio e aponto para a porta do banheiro do meu quarto, ela pega a camiseta da minha mão e parece envergonhada, mas vai se trocar. Quando volta está rindo da sua própria aparência.

— Cabem duas de mim nessa camiseta!

— Ainda assim continua linda — vejo que ela cora, porém não responde nada. — Me ajuda aqui, o sofá está pequeno demais para nós dois.

Nós colocamos o colchão no meio da sala sobre o tapete, eu regresso no quarto para pegar os travesseiros e depois volto para sala. Raíssa está enrolada no cobertor, e nós nos entretemos na série novamente. Em algum momento começamos a conversar amenidades e rir dos próprios assuntos.

— Você não está cansado de assistir esse bonitão lutar sem camisa?

— Para falar a verdade, estou sim.

— Troca isso então e coloca um filme, caso contrário vou sair da sua casa aprendendo a atirar nas pessoas de arco e flecha — ela gargalha escandalosamente, e eu também não contengo o riso.

Não conseguíamos entrar em um consenso sobre qual filme assistir, estamos discutindo as possibilidades quando seu celular toca, ela o pega e me mostra que é Jason. Ótimo, o Mauricinho não dá sossego!

Faço um sinal para que ela o atenda.

— Oi, Jason — Raíssa coloca a ligação no viva-voz.

"Oi, Raíssa. Tudo bem?"

— Estou bem.

"O doutorzinho avisou que eu liguei?"

— Sim, avisou. Por quê?

"Por nada, só queria saber. O que vai fazer mais tarde? Quer sair e tomar um chocolate quente? Está nevando e você adora."

— Estou ocupada Jason, estou na casa do meu noivo.

"É sério esse lance?"

— Sim, é sério. Eu preciso desligar, até segunda Jason— ela não dá tempo para ele responder e desliga, depois me olha séria. — Se você me desmentir, eu juro que vou te dar umas porradas! — ergo as duas mãos em rendição, cada vez mais irritado com as intromissões do dançarino besta.

— Não vou — resolvo mudar de assunto: — e eu já estou cansado de procurar um filme, coloca qualquer um que você quiser. — Ela pega o controle da TV e começa a procurar. — Nicholas Sparks? Vou chorar! — Eu

não posso reclamar, já que a deixei escolher.

— Um Porto Seguro! Faz tempo que quero ver esse filme.

O frio estava demais, enquanto o dia ia avançando a temperatura ia abaixando no termômetro, até o momento que Raíssa desceu do sofá e deitou comigo no colchão, porque estava tremendo e o cobertor não a aquecia, deitou do meu lado e estava vidrada no filme, querendo saber o que aquela moça tinha feito para ser perseguida pela polícia, assisti ao filme até certo ponto e peguei no sono.

(...)

Acordo meio perdido, a noite está caindo e a sala escura. A TV desligou sozinha, e Raíssa está muito próxima a mim, quase deitada em meu ombro, dormindo feito uma criança. Afago seus cabelos e sem pensar deposito um beijo ali. Ela cheira a morango, e eu continuo acariciando seus fios macios, ela se aproxima ainda mais, deitando a cabeça em meu peito. Eu não quero acordá-la, então prefiro me ajeitar passando o braço por baixo de seu pescoço, fecho meus olhos e logo o sono vem, e com ele o sonho...

"Uma linda bailarina, toda vestida de branco, subindo na ponta dos pés, saltando e dando piruetas, parecia querer fugir de algo. De repente ela usava uma roupa preta e seus passos ficam mais agressivos, eu estava na platéia admirando a sua beleza e desenvoltura, era admirável e esplêndida, linda de corpo e alma, sua plenitude transparecia a cada passo e a cada salto..... Logo notei que era aquela apresentação, Vivian e Felipe estavam, e tiraram a bailarina do palco. Ver aquilo foi como se um pedaço de mim tivesse sido arrancado, eu gritava mas ninguém me ouvia, ela clamava por socorro mas eu estava preso e não podia ajudá-la, não conseguia ver seu rosto o que aumentava ainda mais minha agonia...."

Acordei assustado, estava escuro, olhei no relógio e já havia passado

das nove horas. Raíssa ainda dormia me levantei com cuidado para não acordá-la e fui tomar um banho. Aquele sonho me deixou perplexo, me perseguia desde a noite em que meu coração foi arrancado do peito. E desde que vim para cá, os sonhos e as lembranças estavam mais intensas. Fiquei debaixo do chuveiro por um bom tempo, e logo meus pensamentos foram interrompidos por batidas na porta.

— Isaac, eu preciso ir para casa, vim aqui agradecer a hospitalidade.

— Espera um pouco Raíssa, já estou saindo! — respondo alto.

Termino meu banho, me enxugo e quando saio, não a encontro no quarto. Me troco rapidamente e vou para a sala, onde ela está sentada na beirada do sofá.

— Está tarde, preciso ir.

— Se quiser ficar, fique à vontade. — Sim, eu realmente estou insistindo.

— Obrigada, mas já foi demais para um dia só. Além disso, eu preciso de um banho. Obrigada mesmo, eu gostei, você é um ogro às vezes, mas também sabe ser gentil — ela pega o casaco preto e o veste, caminha em direção a porta e eu a acompanho.

Antes de abirmos a porta ela se vira para mim e me olha com a imensidão verde de seus olhos, e inesperadamente sou abraçado outra vez.

— Obrigada mesmo Isaac, e me desculpe pela crise que tive mais cedo, às vezes isso tudo me assusta, eu não queria ter causado problemas. — Eu retribuo o abraço e acaricio a cabeça dela.

— Não tem porque agradecer, estarei aqui sempre que precisar.

Ela se solta do nosso abraço e abre a porta, me olha novamente e sussurra: Até logo. Depois entra no elevador e some da minha vista.

Merda. Estou confuso. Nunca uma pessoa despertou tanto em mim o desejo de proteção e cuidado, nem meus irmãos e muito menos Vivian, que a foi à única mulher com quem me relacionei de verdade. Vivian foi tão tóxica na minha vida, que fui consumido pelo ódio, e parecia que o antídoto para toda mágoa se chamava Raíssa Montenegro.

Capítulo 15

RAÍSSA MONTENEGRO

Tenho consulta nesta semana, o Dr. Wagner possivelmente vai me liberar para voltar com as aulas para as crianças. No caminho do hospital eu fico pensando no final de semana, em como Hale foi gentil e atencioso.

Jason me ligou novamente no domingo, mas fiz questão de não atender, eu preciso focar na avaliação das bailarinas solistas e na preparação de novas aulas com as crianças do hospital, pois a parte da atenção e o desenvolvimento de atividades lúdicas é fundamental para suportar um tratamento tão hostil.

Muitas vezes os tratamentos são agressivos, invasivos e dolorosos, o que pode acabar comprometendo o desenvolvimento psicossocial.

As atividades lúdicas aparecem como importante estratégia de confronto a essas condições, propiciando um ambiente menos traumatizante e mais humanizado, podendo promover a saúde e o bem estar da criança a tais condições e também da família.

Brincar é essencial no tratamento dos pequenos com câncer e hospitalizados, seus benefícios centralizam-se no fortalecimento da alegria infantil na promoção a socialização e bem estar, e na aceitação do tratamento.

Fazer parte disso tudo é gratificante, estudei muito antes de iniciar o trabalho. O projeto contém planejamento, avaliação e monitoramento das ações. A equipe do projeto é composta por psicólogos e assistentes sociais, os quais realizam os atendimentos e acompanham de perto todo o

desenvolvimento das atividades. Tudo isso me fez uma falta danada e estou muito ansiosa para voltar.

Fui liberada para voltar com as aulas e podia dançar, porém sem exageros. Estou mais do que feliz e aliviada.

Vou direto até a direção da ala de oncologia para remarcar as aulas. Depois de tudo organizado eu vou para o estacionamento do hospital para pegar o meu carro, mas sou parada por Felipe.

— Oi Raíssa, que prazer em vê-la.

— Oi Felipe, o que faz por aqui?

— Vim para uma entrevista — ele coçou a cabeça. Felipe é nitidamente estranho.

— Boa sorte então, até mais! — me despeço rápido e sigo para o meu carro.

Felipe não me inspira confiança, ou eu que sou muito desconfiada. Entro no meu carro e olho pelo retrovisor, ele acende um cigarro e olha fixamente para a entrada do hospital, me causando arrepios.

(...)

O dia amanhece branco e eu adoro este cenário, me empolga ainda mais. Já havia decidido que vou fazer o Quebra Nozes, quero levar a alegria e a determinação de Clara para as crianças, uma composição de *Tchaikovsky*, que conta as aventuras de um Quebra Nozes de aparência humana, vestido igual um soldado, mas que tinha as pernas e a cabeça com tamanho nada convencional.

Eu vou realizar o planejamento do espetáculo, montar as coreografias,

incluindo também aquelas crianças que não podem andar. Penso em cada detalhe minuciosamente para que todas participem.

Levanto da mesa e vou buscar meu café quente na cozinha, mas a campainha toca.

Eu não esperava visitas.

Olho pelo olho mágico e encosto na porta. Logo cedo! Confiro no relógio que ainda são onze horas da manhã.

Abro a porta e me deparo com os olhos azuis de Jason, e um sorriso estampado em seu rosto. Ele é tão bonito quanto se acha a última bolacha do pacote, e ainda fico me perguntando como pude amar tanto uma pessoa, que não passa de uma casca bonita, sendo que o verdadeiro conteúdo lhe falta de monte.

— Bom dia, minha rainha — ele vai entrando sem sequer ser convidado.

— Bom dia Jason, a que devo a honra de sua visita?

— Como você fugiu de mim o final de semana, eu trouxe o almoço — ergue a sacola que trouxe para me mostrar.

— Pois bem, não vou recusar comida de graça — e rio da situação, pois realmente ele me aliviaria do trabalho de ter que cozinhar.

Arrumo a mesa para comermos, e como sempre ele sabe me entreter com seus assuntos. Falamos sobre a apresentação das crianças da oncologia em que estou trabalhando e no fim ele me ajuda a terminar tudo.

Quando me dei conta já haviam se passado horas e horas.

— Nem vi a hora passar Jason, obrigada pelo almoço e pela ajuda,

mas acho que está na hora de você ir — sou direta.

— Por que Raíssa? Acho que podíamos ver um filme ou algo parecido — eu sei que ele não é fácil.

— Isaac deve estar pra chegar e provavelmente não vai gostar de te ver aqui — uma mentirinha de leve.

— Já disse pra você que peguei birra desse doutorzinho? — seu olhar escurece, o que me deixa em alerta.

— Não, mas por favor, não quero confusão entre vocês, ele é meu noivo e você é meu amigo, vamos manter as coisas assim.

— Eu não quero ser só seu amigo Raíssa! — O olho cética e sem conseguir responder, apenas abraço meus próprios braços.

— Eu estou noiva...

— Noivados acabam e além disso, desde que cheguei, não vi anel algum — me interrompe, fico sem palavras com sua observação, ele solta um sorriso torto, esse maldito sorriso, que já foi meu ponto fraco um dia.

— Por favor, vai embora — vou em direção a porta, abro e indico para ele sair, ele o faz, mas quando passa pela porta para na minha frente e olha nos meus olhos. — Fique sabendo que um anel não é mais importante que o sentimento e a intenção.

— Mas vivemos em uma sociedade onde é necessário o símbolo.

— Não comigo, atos e palavras me bastam, por favor — faço sinal para ele ir sair.

— Eu não vou desistir de você, nem que para isso eu precise lutar com todas as forças da minha alma, eu te perdi uma vez e não vou perder

novamente, avisa aquele doutorzinho que eu não vou parar — e saiu, entrou no elevador e sumiu de vista. Essa mentira está se tornando uma bola de neve, claro que ele iria querer ver um anel de compromisso, fecho a porta e olho para o apartamento vazio.

Me sentir sozinha nunca foi tão difícil quanto agora, até quando vou conseguir me trancar em meu mundo?

Capítulo 16

ISAAC HALE

Chegando ao prédio vejo o Mauricinho saindo, devia estar importunando Raíssa, alguma coisa dentro de mim doeu e isso só podia ser uma coisa, e eu não queria admitir.

Ciúmes!

Mas ciúmes por quê?

Ela não é nada minha, somos só amigos, mas novamente aquele instinto protetor me chama. Estacionei meu carro, e já no elevador em vez de apertar o botão do meu andar eu aperto o dela.

Toco a campainha e não demora para ela me atender, como se tivesse adivinhado a minha presença.

— Já pedi pra você ir embo... — quando me vê, ela interrompe o que está falando. Parece nervosa, e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Eita mocinha, eu mal chego e está me expulsando? — brinco, deduzindo o que pode ter acontecido. Sem esperar, ela me abraça forte, deixando-me preocupado. Minha vontade era pegar aquela bailarina masculina e lhe dar uma lição. — O que houve?

— Me desculpe Isaac, acho que minha TPM me deixou sensível.

— Não vem com essa de TPM, eu vi Jason saindo daqui, o que aconteceu?

— Nada demais, ele apenas disse que não iria desistir fácil de mim, duvidou mais uma vez do nosso "*relacionamento*", que na verdade não existe, justamente pela falta de um mísero anel de compromisso, eu tentei contornar a situação, mas eu não consigo entender — faz uma pausa e respira fundo, como se segurasse o choro prestes a voltar. — Ele vai embora, me deixa sem dar nenhum sinal de vida por anos, eu fico doente e traço uma meta na minha vida de nunca mais me envolver com ninguém, porque eu sei que não tenho muito tempo, e ele volta causando esse alvoroço todo, não há sanidade mental que aguentar.— noto que ela freia as palavras.

—Raíssa, se você gosta dele, dê mais uma chance — de certa forma me dói falar isto, mas fui sincero.

— Eu não posso — ela respira fundo outra vez, limpa os olhos e vai em direção a cozinha. — Você quer um café? Acabei de passar, está quentinho — muda de assunto. Meu celular toca nos interrompendo, é do hospital.

— Não vai dar, acabei de chegar e pelo jeito já preciso voltar, uma emergência — não posso reclamar, mas no fundo quero quebrar o pescoço de Wagner por conta desse chamado. Logo ela volta com uma xícara com líquido fumegante, senta-se no sofá e liga a TV.

— Ainda precisamos terminar aquela série, Dr. Simpatia — não perde a graça, muda sua postura como se agora mesmo não estivesse em prantos, tentando se livrar de um problema. — Vamos combinar algo?

— Se não demorar lá no hospital, eu volto aqui — caminho até Raíssa e pego a xícara de suas mãos. — Agora eu aceito o café, pois vou precisar — ela abre seu belo sorriso e me fita com suas íris verdes. Acho que eu estou ficando louco, porque passei a admirá-la demais e a querer ficar perto o tempo inteiro.

Chegando ao hospital eu me troco e vou direto para a sala de exames encontrar com Wagner, ele para o que está fazendo e fica me encarando enquanto eu olho uns papéis.

— O que foi? — pergunto.

— Nada, só estou observando esse sorriso escondido aí no canto da sua boca.

— Não sei que sorriso — formo uma carranca. — Eu tinha acabado de chegar em casa, ia tomar um café com Raíssa quando você nos interrompeu.

— Ahhh tá... — ele diz cheio de deboche — Então o sorriso tem nome, se chama Raíssa Montenegro? — Droga! Falei demais e acabei me entregando. — Estou errado? — Wagner arqueia uma sobrancelha.

— Não é o que você está pensando.

— Não estou pensando em nada — levanta as mãos em rendimento. — Ela é minha paciente há anos, uma boa pessoa, agora sua preocupação com ela faz mais sentido — ele para o que está fazendo por um segundo e continua pensativo. — Ela faz um trabalho incrível com as crianças aqui do hospital, foi uma bailarina excepcional, e realmente é uma pena que não possa dançar como antes. Raíssa foi a estrela de uma companhia de dança muito renomada, já tive o prazer de assistir alguns espetáculos. Você já viu algo do tipo?

— Já — deixo o tom soar seco, não querendo prolongar o assunto, pois me faz lembrar de coisas que acabam comigo. — Uma vez! — e ao mesmo tempo aquela bailarina do fatídico dia reaparece em meus pensamentos.

— E gostou? — Que droga Wagner!

— Os exames do pré-operatório do paciente estão prontos? — mudo o assunto. — Precisamos nos preparar, estou cansado e fiquei mais de quarenta e oito horas nesse hospital, quero terminar logo e ir para casa.

— Tudo bem, vamos indo então.

(...)

A cirurgia correu bem, sem complicações, um procedimento de aproximadamente 3 horas. Depois voltei para casa, tomei um banho, fiz uma refeição até mais ou menos, e fui me deitar.

Comecei a pensar nas palavras de Wagner e na sua admiração por Raíssa, ela até me disse que dançava, mas nunca levei isso em consideração, e alguma coisa me dizia que eu devia prestar mais atenção.

Lembro-me que no início daquela apresentação eu estava alheio a tudo, até aquela bailarina aparecer e chamar a minha atenção.

Senti que algo estava errado, e não consegui pegar no sono, por mais cansado que estivesse. Olhei no relógio e já eram duas da manhã, fiquei encarando o teto e imaginando coisas, vislumbrando outras e logo ouvi minha campainha tocar.

Definitivamente, não era o meu dia!

Capítulo 17

RAÍSSA MONTENEGRO

O cheiro de mofo ardeu minhas narinas, eu conhecia bem esse cheiro e sabia exatamente onde estava, minha falta de jeito me causava desconforto, o lugar era apertado e não era para ser assim.

Uma confusão assolou meus pensamentos. Não!

Eu não estava no hospital, alguma coisa me impedia de abrir os olhos, ou era apenas medo de ter despertado?

Quando minha visão finalmente ficou nítida, eu só consegui ver que estava em um lugar fechado. Um véu cobria minhas mãos, não conseguia me mover, o desespero começou a tomar conta, o oxigênio aos poucos foi faltando nos meus pulmões, e ali eu tive a plena certeza que meus dias haviam chegado ao fim. Meu coração havia falhado e finalmente descansei.

Acordei assustada, estava sozinha, com muito medo e suando frio.

— Isaac! — O chamei em pensamento.

Eu não queria mais ficar em casa sozinha. Me levantei e fui até a cozinha para tomar um copo d'água, enquanto digeriria o líquido fresco pela garganta, tomei a decisão de ir até o apartamento dele, calcei sapatilhas, vesti um casaco quente e então desci.

Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, a aceitação foi difícil, e eu já estava mais do que conformada com a minha bomba relógio de estimação.

Quando as portas do elevador se abriram em seu andar me perguntei se era realmente isso que eu queria, relutei em tocar a campainha, mas eu estava amedrontada e queria estar perto de alguém, e esse alguém era ele. Sempre fui forte, mas eu não compreendia o que estava acontecendo, eu não queria incomodar, mas também não queria ficar sozinha. Eu me sentia frágil, era tão mais fácil antes de Jason voltar e Isaac aparecer.

Que destino mais irônico, adora brincar com o sentimento alheio sem pensar nas consequências, fiquei ali olhando aquela porta por uns quinze minutos, até criar coragem de tocar a campainha. Não demorou para que ele atendesse a porta.

— Desculpa te acordar!

— Eu não estava dormindo — um vinco se forma entre as suas sobrancelhas. — Está tudo bem? Entre.

— Tive um sonho ruim e não queria ficar sozinha — paro um pouco antes de pedir, já que estou aqui e não posso hesitar agora. — Posso dormir aqui? Prometo que vou embora bem cedinho — antes de eu terminar, Isaac abre seu lindo sorriso.

— Claro que pode, mas já vou avisando que dessa vez eu não vou dormir no sofá.

— Muito hospitaleiro — brinco. — Eu fico com o sofá, Dr. Simpatia, sem problema nenhum.

— De jeito nenhum, está frio demais, você vai congelar no sofá. Vem deitar comigo, já dormimos juntos uma vez, eu não vou te morder — usa seu tom mais irônico e vai em direção ao quarto, eu ando atrás.

Não questioneei, pois de certa forma eu o quero do meu lado. Deitamos e ficamos conversando assuntos aleatórios. Conto a ele sobre a

minha vontade em criar um centro de apoio para as famílias, e também para aqueles que sofrem com o câncer. Sinto-me mais tranquila, sabendo que se algo acontecesse comigo estando aqui, Isaac saberá o que fazer.

Era errado condicionar sua presença ao fato dele ser médico e saber prestar os primeiros socorros? Ou era muito além disso e eu realmente queria ficar aqui por quê ele me fazia bem?

Questionamentos interessantes esses e plausíveis de uma boa discussão interna.

Quando despertei de meus devaneios, notei que Isaac tinha pegado no sono, fiquei um tempo ali o observando na penumbra do quarto, não sei dizer quanto tempo se passou até que virou para o outro lado, e essa foi minha deixa.

Me virei de costas para ele e ainda não conseguia pegar no sono, não sei se era a falta de costume em dormir na mesma cama com alguém.

Amigos podem dormir juntos?
Nunca vi nenhum mal nisso!

Quando meus olhos começaram a pesar, senti que ele novamente se virou e logo passou seu braço pela minha cintura se aconchegando em mim, fiquei tensa e não movi um músculo, até o sono me vencer.

Quando acordei de manhã Isaac ainda estava agarrado a mim, dormia tão profundamente e um sono tão sereno que fiquei com medo de acordá-lo ao me desvencilhar de seus braços. Peguei minhas coisas e voltei para casa, porque eu tenho trabalho com as crianças.

(...)

A aula foi tão animada e tão gratificante que aproveitei e fiquei um

pouco mais no estúdio. Queria dançar e libertar minha alma, e isso só seria possível quando eu estava na ponta das minhas sapatilhas. Fui até minha bolsa para pegá-las, as coloquei e me aqueci na barra de apoio, coloquei a música para tocar, fechei os olhos e comecei a senti-la. Minha alma transbordava de alegria, um sentimento inexplicável e resoluto, sentia-me liberta como se só existissem coisas boas e memoráveis, a imensidão do mundo lá fora era como se fosse contido em uma pequena garrafa de vidro, era como se asas fossem plantadas nas minhas costas, um espírito livre clamando por socorro, um salto ou uma pirueta, pequenas coisas que transformavam meu mundo.

Quando finalmente abri os olhos encontrei seus olhos negros através do espelho, tinha algo de diferente em seu olhar, um brilho, ele sustentou meus olhos nos seus por um tempo.

Estava encostado na porta com o jaleco branco impecável e os braços cruzados. Quando veio em minha direção me aplaudindo senti que meu coração ia falhar uma batida. Aproximou-se sem desviar o olhar.

— Magnífico o que fez aqui, estou impressionado.

— Não foi nada! — Pela primeira vez fiquei envergonhada em alguém me ver dançar.

— Realmente foi! — ele coloca as mãos dentro dos bolsos. — Ganhei o dia com essa bela apresentação, e nem precisei pagar pelo ingresso.

— Vou começar a cobrar, hein — desvio o olhar e vou em direção ao armário para pegar minhas coisas e me trocar.

— Raíssa — me chama.

— Oi? — viro para encará-lo.

— Não — hesitou — não é nada! — Isaac dá as costas e sai sem olhar para trás.

Capítulo 18

ISAAC HALE

Passando pelo corredor do hospital escutei uma música baixinha e me perguntei de onde vinha, meus sentidos estavam aguçados quanto a canção e segui o som até ficar mais alto e claro, cheguei no estúdio de dança que tinha no hospital para as aulas com as crianças. Ao olhar pela fresta na porta meus olhos ficam fixos.

Era Raíssa, dançava de um jeito que nunca vi nada parecido, usava uma roupa justa bem parecida com a que usava no dia que a encontrei no refeitório, parecia imersa na música, de olhos fechados, tão linda e tão magnífica.

Tive uma espécie de déjà vu, reconheci o rosto de Raíssa na bailarina daquela noite. Será que é ela? Não é possível!

Será que realmente é ela?

Parei de espiar pela porta e entrei, encostei ali e fiquei admirando sua maestria e desenvoltura, movia-se como se tivesse o peso de uma pluma.

É ela!

Tenho quase certeza, seus movimentos são nítidos e iguais aos daquela noite, fiquei imóvel e hipnotizado. Como é linda! Não sei quanto tempo permaneci ali até ela parar e perceber minha presença, a encarei pelo espelho e fui em sua direção.

— Magnífico o que fez aqui, estou impressionado.

Ela pareceu envergonhada enquanto conversamos brevemente. Eu travei para falar, estava muito confuso.

Queria perguntar e tirar a dúvida, mas a coragem me abandonou. Passei o dia mergulhado em trabalho, mas uma pequena pausa me fez sentar na frente do computador e digitar "Raíssa Montenegro" na pesquisa, várias páginas e matérias falavam sobre a academia de dança na qual fazia parte, era a estrela da companhia, uma bailarina em ascensão, que protagonizou diversos espetáculos ao lado de Jason. Havia muitas fotos dos dois juntos, mas as notícias eram antigas, datavam de aproximadamente seis ou sete anos atrás.

E por fim eu concluí que realmente era ela. Encontrei a minha bailarina.

Parei com a pesquisa, eu já estava confuso e isso acabou me deixando ainda mais, resolvi então chamá-la para tomar um café ou jantar, saquei meu celular do bolso e descobri que nós nunca trocamos o número de telefone.

Por sorte ela é paciente aqui no hospital, então eu ligo na recepção e solicito seu contato, logo mando uma mensagem e espero o retorno.

"Boa tarde, bela bailarina!"

Não demorou a resposta.

"Quem é?"

"Você me chama de Simpatia."

"Olha só, Dr. Simpatia, a que devo a honra?"

"Quero te convidar para tomar um café ou jantar, mas já aviso que dessa vez sou eu que escolherei, nada de barraca de cachorro quente."

"Isso é um insulto, mas eu aceito"

"Hoje as nove, passo no seu apartamento, beijos"

"Até mais tarde, beijos"

A noite chegou rápido. Eu subi dois andares para buscar Raíssa e tentei esconder o deslumbre ao vê-la ainda mais bonita.

— Está bem gato, doutor.

— Dá pro gasto — brinquei e dei de ombros.

(...)

No restaurante pedimos um *gnocchi*, conversamos muitas coisas, eu queria tocar no assunto, mas não sabia como.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro!

— Você dança há quanto tempo?

— Há mais tempo que posso contar — Raíssa sorri para mim. — Desde pequena, ainda me lembro da primeira aula de *ballet* que meu pai me levou — seus olhos brilharam de uma forma diferente ao falar do assunto. — Ainda me lembro da última vez que interpretei Odette. — Meu Deus quem é Odette? — Estava acompanhando a academia por várias cidades, fazendo apresentações, e comecei a me sentir mal. Fadiga, inchaço nos pés e nos tornozelos, tonturas, até que um dia eu desmaiei, sentia muita dor no peito e fui levada para o hospital, foi quando recebi o diagnóstico.

— Quem é Odette? Desculpa-me — sorrio confuso. — Não conheço esses personagens — coço a cabeça.

— É a protagonista de *O Lado dos Cisnes*, uma peça escrita por *Tchaikovsky*, tem um enredo bem dramático e muito famoso. Nunca ouviu falar?

— Já assisti uma vez, mas faz bastante tempo — É o necessário para ter certeza que Raíssa é a minha bailarina. Meu coração começou a bater tão forte que temi que ela pudesse ouvir. — E como foi ter que parar?

— No começo foi muito difícil. Foi um choque. Sempre que calço minhas sapatilhas é como se o mundo mudasse de cor para mim. Eu mergulho em uma sensação que só sinto quando estou dançando nas pontas dos meus pés. Meu coração se alegra tanto que, eu não sei o que seria de mim, se vocês médicos me dissessem que eu não poderia mais dançar. Ir em marcha lenta tudo bem, mas parar com tudo... isso realmente me mataria primeiro que a doença, porque minhas sapatilhas respiram por mim.

— Imagino que tenha sido difícil, seria a mesma coisa se me dissessem que eu não posso mais exercer a medicina.

— Mas uma coisa eu aprendi Isaac... Tudo isso me ensinou que a vida é um presente dado por Deus, e mesmo que ela não seja coberta por flores e que encontremos alguns espinhos no caminho, nós podemos arregaçar as mangas e construir o nosso próprio jardim — Raíssa olha para mim e eu busco suas mãos por cima da mesa, entrelaçando nossos dedos.

— Eu sinto muito, Raíssa.

— Não sinta. Deus não nos dá uma cruz mais pesada do que podemos carregar.

Eu não podia mais negar que Raíssa estava entranhada em mim, o pensamento de me afastar agora é inaceitável.

O caminho para casa foi feito no mais absoluto silêncio, aquele jeito

quieto dela não era nada normal, uma vez que ela tagarelava igual uma maritaca, algo a incomodava, acho que fui muito invasivo ao fazer tantas perguntas. Liguei o rádio para quebrar um pouco aquele silêncio e também o ar quente. A temperatura lá fora marcava 0°. Logo fiquei imerso na música que tocava, "All of me", muito propícia uma música dessas em um momento assim, o que me fez revirar o olhos.

"Tudo de Mim

*O que eu faria sem a sua boca inteligente
Me atraindo, e você me afastando
Minha cabeça está girando, sério, eu não consigo te decifrar
O que está acontecendo nessa mente linda?
Estou em sua jornada mágica e misteriosa
E eu estou tão tonto, não sei o que me atingiu, mas eu ficarei bem*

*Minha cabeça está debaixo d'água
Mas estou respirando bem
Você é louca e eu estou fora de mim*

*Porque tudo de mim
Ama tudo de você
Amo as suas curvas e seus contornos
Todas as suas imperfeições perfeitas
Me dê tudo de você
Eu darei tudo de mim para você
Você é o meu fim e o meu começo
Mesmo quando eu perco estou ganhando
Porque eu te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você*

*Quantas vezes eu tenho que te dizer
Mesmo chorando você é linda também*

O mundo está te castigando, eu estou por perto acompanhando tudo
Você é minha ruína, você é minha musa
Minha pior distração, meu ritmo e minha melodia
Eu não posso parar de cantar, está tocando, em minha mente para você

Minha cabeça está debaixo de água
Mas eu estou respirando bem
Você está louca e eu estou fora de mim

Porque tudo de mim
Ama tudo de você
Ama as suas curvas e seus contornos
Todas as suas imperfeições perfeitas
Me dê tudo de você
Eu darei tudo de mim para você
Você é o meu fim e o meu começo
Mesmo quando eu perder estarei ganhando
Porque eu te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você
Me dá tudo de você

Cartas na mesa, nós dois estamos mostrando corações
Arriscando tudo, embora seja difícil

Porque tudo de mim
Ama tudo de você
Amo as suas curvas e seus contornos
Todas as suas imperfeições perfeitas
Me dê tudo de você
Eu darei tudo de mim para você
Você é o meu fim e o meu começo
Mesmo quando eu perder estarei ganhando
Porque eu te dou tudo de mim

E você me dá tudo de você

*Eu lhe dou tudo de mim
E você me dá tudo, tudo"*

(All of me - John Legend)

Chegando no estacionamento, nós descemos do carro e fomos em direção ao elevador, a acompanhei até sua casa e na porta ela me olhou.

— Adorei a noite, obrigada Isaac.

— Raíssa, eu... — a coragem foge pela centésima vez. Apenas me aproximo para vencer a distância entre nós e planto um beijo casto no canto da sua boca. Ela não se afasta e também não diz nada, me olha com seus grandes olhos verdes, que parecem marejados. — Boa noite, bailarina, descanse.

Ela entra e fecha a porta. Saio de lá com um sorriso nos lábios, não posso negar.

É ela que eu quero. Depois de tanto tempo sozinho, eu tenho certeza que quero Raíssa comigo.

Capítulo 19

RAÍSSA MONTENEGRO

A atitude de Isaac hoje me surpreendeu, estava confuso e curioso, perguntou coisas que felizmente eu sabia bem a resposta. Foi muito sincero quando disse que sentia muito pela minha doença, transmitindo calma para a minha alma ao entrelaçar nossos dedos.

Realmente, eu preciso lembrar e reforçar que eu não posso ter ninguém. Eu estou doente, um envolvimento agora seria mais doloroso. A solidão toma conta de mim e a certeza que neste momento eu não posso chamar Isaac para me acalmar, intensifica mais este sentimento.

Rebeca! Eu preciso de Rebeca. A maluca me faz falta demais. Pego o telefone e ligo, mas sem resposta. Deito no sofá e conseqüentemente fico olhando para o teto, e pensando em tudo o que aconteceu hoje.

Isaac se mostrou doce e gentil. Sem dúvidas, ele é uma pessoa incrível. Porém, eu realmente não posso deixar este envolvimento me afetar ainda mais, porque eu preciso andar com as minhas próprias pernas.

Logo meus pensamentos se dispersam para o beijo que ele me deu ao se despedir essa noite. Uma agonia cresce dentro de mim e seguro o choro até não conseguir mais. Por sorte os meus devaneios são interrompidos pelo toque do telefone. É Rebeca.

— Oi — meu desânimo é aparente.

"Oi Ra, tudo bem? Essa voz não me engana, o que houve?"

— Nada, só quero saber quando você vem — pelo barulho, ela deve estar em algum bar ou festa com os amigos.

“Pelo visto, acho que vou voltar logo não é?” — Rebeca brinca.

— Acho que seria bom — tento firmar a voz mas é impossível

“Vou me programar e vou assim que possível, não sei o que está acontecendo, mas aguarde firme tá?”

— Pode deixar, um beijo, se cuida.

Desligo o telefone e o coloco de lado. Que confusão está a minha cabeça!

(...)

Hoje é dia de audições privadas na academia, para a escolha dos solos e da tão esperada Odette. Todos estão presentes, Jason e inclusive Felipe também. Eu sinto que ele me olha estranho, como se me analisasse toda vez que me vê e isso me incomoda, mas prefiro não falar nada, apenas confiro hora ou outra, porque realmente me sinto vigiada.

Ficam todos os responsáveis no final das audições, para apontarmos os favoritos e definirmos quem iria interpretar os papéis principais, avaliamos um a um. Foram horas de escolha, pois não queremos alguém superficial e sem sentimentos, e são poucas as bailarinas que se entregam de corpo e alma para os seus personagens, o que tornou a escolha mais difícil. Dançar qualquer um pode, mas a entrega é o que diferencia os dançarinos.

Após as decisões os nomes são fixados no mural da academia, e amanhã de manhã teremos todos os alunos aqui brigando para conseguir ver o resultado. Um sorriso brotou na minha face, lembrei da minha época e de como ter um solo era importante para o currículo, a magia de ser quem eu

quisesse ser, bons e velhos tempos.

Me despedi de todos e fui até o estúdio, queria dançar para aliviar a tensão e a confusão que estava minha cabeça, a essa hora da noite todos já deviam ter ido embora e eu podia ficar para me jogar na música. Calcei minhas sapatilhas e comecei.

Como sempre fiquei imersa, e em certo momento em que fechei os olhos Isaac veio em meus pensamentos com aquele belo sorriso, foi aí que perdi o controle dos meus pés e caí.

— Droga! — Por pouco não me machuco feio, o que não seria nada bom a essa altura do campeonato. Enquanto tiro as sapatilhas, alguém entra no estúdio.

— Está tudo bem? — Quando me viro fico surpresa, o que esse cara faz aqui? — Desculpa, estava passando e vi quando caiu — ele se aproxima, joga a mochila que carregava, no chão e se abaixa na minha altura.

— Estou bem, obrigada.

—Deixa eu ver, pode ter machucado o tornozelo.

— Não precisa, eu estou bem — reforcei.

— Meu Deus, que teimosa! — ele pega o meu pé esquerdo e avalia o pequeno inchaço. — Repouso e compressa de gelo resolverão isso, foi só uma pequena torção.

— Obrigada. — Eu disse que estava bem. Pensei comigo. Não queria ser mal educada, mas ainda assim fiquei sem graça e desconfortável com a situação.

— Vem que eu te levo para sua casa.

— Não precisa Felipe, eu consigo ir sozinha. — Abusado!

— Só estou querendo ser gentil — insiste.

— Sinceramente, não precisa — perco a conta de quantas vezes eu preciso dizer isso.

— Meu irmão tinha uma noiva que gostava de *ballet*, e a levou uma vez para ver o espetáculo em que vocês estão trabalhando.

— É mesmo?! — Que saco, onde ele quer chegar com isso? — Preciso ir, até amanhã. — Logo corto a conversa, porque há algo estranho nele. Por sorte o toque do meu celular me salva, mostrando o nome de Isaac na tela. Mas eu também não quero falar com ele. Mas finjo atender enquanto pego minhas coisas e vou para casa.

(...)

Uma semana sem vê-lo, inúmeras ligações perdidas e mensagens de texto que variavam entre:

"Raíssa, você está bem?"

"Raíssa, o que houve?"

"Raíssa, porque sumiu?"

"Estou preocupado"

"Posso passar na sua casa?"

"Raíssa?"

Não respondi nenhuma delas e nem atendi as ligações. Se eu estava fugindo?

Sim!

Estava me escondendo do óbvio.

Rebeca me dizia para aproveitar a chance que a vida está me dando, mas ao invés disso, eu estava desperdiçando, porque sentia que para mim não seria possível.

(...)

Na academia o dia foi mais corrido do que o esperado, enquanto eu juntava minhas coisas, Jason apareceu seguido por Felipe, e me convidaram para estender o dia e ir comer algo, recusei, pois eram duas pessoas não muito agradáveis de ter como companhia, e eu realmente não estava afim de aguentar a falação de Jason e muito menos o olhar inquisitivo de Felipe.

Enquanto caminhava na direção da saída e descia as escadas para o estacionamento, meus olhos fixaram na figura forte e chamativa, encostada no Land Rover vermelho. Minhas pernas bambearam. Isaac me viu e veio ao meu encontro.

— Posso saber o motivo do seu desaparecimento? — Ele sorri, mesmo sem jeito.

— Eu não sumi Isaac, só estou ocupada com o espetáculo. Não vai me dizer que emitiu um alerta de pessoa desaparecida? — Brinco, levando a mão na boca em sinal de falsa surpresa.

— Haha! Engraçadinha. Vamos jantar? — Outro jantar não! Minha sanidade não aguentaria.

— Hoje não, eu preciso terminar umas coisas em casa para a apresentação das crianças. — Quando foi que comecei a mentir para me livrar dele? Eu só quis fugir outra vez.

— Sem desculp... — o médico não termina a frase, ele crava os olhos por cima do meu ombro, e eu assisti nitidamente o seu olhar perder o brilho. Noto que cerra os próprios punhos, ficando com a postura rígida. É nítido que ele luta contra algo que viu e que o incomodou muito.

Olho na mesma direção que ele e vejo Jason saindo com Felipe. Isaac está tenso, emanando uma energia fria, e então me olha rapidamente.

— Desculpa Raíssa, preciso ir!

Vira as costas, saindo em passos largos até o seu carro. A reação repentina e negativa não foi por algo que eu falei que o desagradou.

Capítulo 20

ISAAC HALE

Raíssa estava fugindo de mim, já não respondia minhas mensagens e nem atendia minhas ligações, por isso resolvi encontrá-la na academia já que eu estava de folga. Estacionei o carro e fiquei esperando, uma hora depois começou a movimentação de gente saindo. Desci do carro, um pouco nervoso e cheio de expectativas.

Encostei no veículo e ali fiquei, observando cada um que saía para não perdê-la de vista, logo ela apareceu, com aquela bolsa imensa que sempre carregava, desceu as escadas e me viu. A olhei nos olhos e não desviei o olhar. Como sempre, estava linda.

Estava atento ao nosso assunto, e de repente fiquei perplexo. Observei quem estava saindo e não pude crer. Será mesmo meu irmão, Felipe, onde Raíssa trabalha? Mas como?

Meu peito se encheu de raiva e ódio, e para não deixar transparecer nada a ela resolvi ir embora de imediato para esfriar a cabeça. Estava nervoso a ponto de perder o controle e surrar aquele desgraçado na frente de todos ali, ainda não conseguia perdoar a traição asquerosa.

Raíssa notou como eu estava desconfortável e olhou na mesma direção que eu, fiquei ainda mais tenso quando Felipe me viu, me deu um sorriso sarcástico e acenou com a cabeça, meu sangue ferveu, olhei para Raíssa e não consegui me despedir da forma que ela merecia. Mas eu não consegui permanecer ali. Saí o mais rápido possível, com a respiração ofegante como se acabasse de correr uma maratona. Fui direto para casa, estacionei o carro de qualquer jeito no prédio e caminhei para a escada. Subi

dois degraus por vez, mal conseguia colocar a chave na fechadura, de tão transtornado.

Não pode ser! Depois de anos ele aparece para me assombrar e ainda está perto de Raíssa? Me pergunto o que fiz de errado para ele ter tanto ódio de mim assim. Realmente não consigo entender. Felipe sempre foi uma pessoa soberba e interesseira, sempre vivendo às custas dos outros, sempre quis ser o primeiro em tudo, independente do que precisasse fazer.

Minha cabeça não para de fervilhar. Só desperto dos pensamentos quando ouço a campainha tocar. Levanto e um alívio me preenche quando vejo Raíssa pelo olho mágico, abro a porta e peço para que ela entre.

— Eu sei que sumi por alguns dias, mas não precisava ter saído daquele jeito — respiro fundo. Será que ela acha que minha súbita mudança de humor foi sua culpa?

— Não foi nada com você, me desculpe. Eu só vi uma pessoa que não esperava ver nunca mais na minha vida.

— Quem? — pergunta sem rodeios.

— Felipe.

— Por que?

— Ele é meu irmão.

— Quer conversar? — A olho nos olhos e vejo sua preocupação estampada.

— Não sei, acho que não.

— Então vamos sair para dar uma volta no parque. Não aceito não como resposta, e para te compensar eu pago o cachorro quente de hoje. —

Ela é incrível, mesmo num momento como este, consegue me fazer sorrir.

Vamos andando até o parque, já que não é muito longe de casa. Estava frio, caminhamos em silêncio. Avistamos de longe a famosa barraquinha de cachorro quente e nos aproximamos. Raíssa faz os nossos pedidos e continuamos em silêncio enquanto comemos. Sua presença é agradável como sempre, e aos poucos meu coração parece se aliviar da dor de ter lembrado o que passei com Felipe e Vivian.

— Sente-se melhor?

— Bem melhor, bailarina. Obrigado. — Levo as mãos nos seus cabelos e os coloco para trás das orelhas. Ficamos nos encarando, até ela interromper:

— Agora pode ir desembuchando! — Quebra o clima como sempre. Ela tem o dom de me deixar desconsertado e com cara de tonto.

— Tem certeza que você quer ouvir?

— Claro que eu quero! Eu tive muito trabalho pra trazer você até aqui, se bem que não foi tão difícil, e ainda por cima banqueei a cavalheira e paguei o lanche. Então retribua minha bondade contando o que está acontecendo, e o motivo deste mau humor que reina aí dentro de você.

Respiro fundo pois depois desse super-argumento, eu não tenho como fugir do assunto. E também está na hora dela saber que é a minha bailarina.

— Então Raíssa, há alguns anos eu estava noivo e também fazendo minha residência em cirurgia cardíaca, por causa dos estudos eu era um pouco ausente no relacionamento. Tentei me dedicar, mas era difícil. Um dia querendo compensar a ausência, levei minha ex-noiva para um espetáculo de *ballet*, depois saímos para jantar. No meio do jantar eu recebi uma ligação de emergência do hospital, tive que ir embora. Quando terminei tudo e voltei

para casa de Vivian, ela estava dormindo com Felipe. Foi a cena mais repugnante que presenciei em minha vida. Fiquei cego de raiva pela apunhalada que levei dos dois, bem debaixo do meu nariz. Eu não tinha visto e nem percebido nada. Bom, ver os dois na cama acabou comigo — Raíssa ouviu tudo muito atenta. — Vivian era linda, mas por baixo da sua beleza existia um ser repugnante. Vaidade e hipocrisia são o que resumem ela. Depois disso tudo eu foquei na minha especialização e não consegui me envolver com mais ninguém. As mulheres que tive após o ocorrido, não passaram de uma noite apenas. Não consegui me envolver até conhecer você. — Ela engole a informação a seco, mas não diz nada. — No espetáculo em que levei Vivian, foi quando te vi dançar pela primeira vez. Sonhei com você durante esse tempo todo, até te ver dançar aquele dia no estúdio do hospital. Até então eu não sabia que era você, mas naquela noite que jantamos juntos, com todas as perguntas que eu te fiz, minhas dúvidas foram confirmadas.

Não esperei que falasse nada, coloquei seu rosto entre minhas mãos e coleí nossos lábios, numa dança doce e ritmada, ela não me impediu. Logo senti suas pequenas mãos frias me aquecendo em um carinho delicado e gentil, um roçar de lábios urgente e carinhoso ao mesmo tempo. Como eu queria isso como eu precisava disso! Dei leves mordiscadas em seu lábio inferior. Eu não queria soltá-la. Eu queria pegá-la no colo e levá-la para casa, para amá-la como nunca fiz com ninguém nessa vida.

Capítulo 21

RAÍSSA MONTENEGRO

O beijo despertou sensações jamais sentidas em mim. Não sei distinguir o que era, e muito menos sei explicar a bagunça que está se expandindo dentro de mim. Uma confusão de sentimentos. Necessidade de tê-lo por perto e também a ansiedade e a vontade de me afastar para não me machucar. Essa proximidade e o beijo me fizeram sentir um arrepio intenso, fazendo com que eu me entregasse, sedenta ao beijo.

Isaac chegou, literalmente, me atropelando como um ogro e aos poucos foi ganhando espaço que há muito não era ocupado. Eu estava em êxtase, queria que o momento durasse para sempre, mas quando a realidade voltou me afastei dele abruptamente.

Eu queria essa aproximação, mas não podia. Eu possuía uma bomba relógio no lugar do meu coração, que poderia explodir a qualquer momento.

— Isaac, eu não posso. Desculpa-me. — Não consigo olhar em seus olhos, me levanto rapidamente e saio correndo.

— Raíssa, espera! — Ouço sua voz mais alta.

Não olho para trás. Só quero sumir e desaparecer do mundo.

— Eu vou morrer Isaac — sussurro para mim.

Não posso controlar minhas lágrimas, que descem queimando meu rosto.

Freneticamente, as batidas do meu coração me assustam ainda mais.

Eu mal consigo sentir a pulsação de tão acelerada. A adrenalina liberada em meu corpo me dá forças para correr até não aguentar mais. Quando a ar começa a faltar eu sou obrigada a parar, pois minhas pernas não me obedecem mais. Perco o controle e escoro em um banco na praça. Me sento e olho para trás, vejo Isaac correndo ao meu encontro. Quando se aproxima, também noto que está ofegante por conta da corrida.

— Respira devagar Raíssa — segura meu pulso, medindo meu batimento cardíaco. — Você não pode fazer isso, se esforçar desse jeito. Ficou maluca? — Uma bronca merecida.

— Me desculpa — peço ofegante.

— Não precisa se desculpar, só não faça mais isso — seu tom de voz é de pura preocupação. — Me prometa.

— Eu pro... prometo — falo depois de um tempo. Ele beija minha cabeça com carinho e afaga meus cabelos.

— Na próxima vez que for surtar, grita, me bate, faça qualquer coisa, menos se esforçar assim. — Por Deus, quanta bronca! — Se em cinco minutos seus batimentos cardíacos não normalizarem, nós vamos para o hospital — apenas concordo com a cabeça.

Ele me abraça com força, me mimando como uma menina. Eu tenho que parar de lutar comigo mesma, mas ao mesmo tempo tudo me parece assustador. É um sentimento jamais vivido, uma forma avassaladora que está me tomando por completo, e eu não consigo assumir. E lá no fundo eu sei que não adianta lutar contra, pois será batalha perdida.

Não sei quanto tempo fico em seus braços e não noto quando perco a consciência.

Acordo mais uma vez com o bip dos aparelhos me comunicando que

estou no hospital. Isaac dorme na poltrona do lado da cama. Minha maratona me trouxe aqui. Busco o relógio na parede para ter a mínima noção de quanto tempo se passou desde que apaguei. São quase quatro horas da manhã. A agulha enfiada no meu braço está doendo, e assistir o soro junto da medicação caindo gota por gota, me entedia.

Vejo Isaac se remexer na poltrona e abrir lentamente os olhos. Quando me vê acordada ele desperta passando as mãos pelo próprio rosto.

— Como se sente?

— Dolorida, mas bem.

— Vai passar a noite aqui em observação e depois te levo para casa.
— Eu sei que não posso questionar e que nada que eu disser mudará alguma coisa. — E eu vou cuidar de você, peguei uns dias de folga.

— Isaac, não precisa. Eu sei me virar sozinha.

— Não é discutível. Eu prometi cuidar de você e é isso que estou fazendo. Não vou aceitar a sua recusa. Desde que cheguei aqui sempre estive acompanhando o seu caso. Wagner vai te avaliar na próxima semana e iremos refazer alguns exames. Sua perda de consciência me preocupou e não vai mais ficar sozinha a partir desse instante. — Respiro fundo, pois só me resta concordar com tudo.

(...)

O dia amanheceu e segundo Isaac, Dr. Wagner passou a visita enquanto eu dormia, disse ainda que poderia apenas acompanhar e opinar sobre o caso, mas não tinha o poder de decisão mesmo sendo o chefe do departamento, também não explicou o motivo.

Enquanto aguardava ele voltar, lembrei do beijo que me deu, um beijo

doce e carinhoso. Por dentro o meu peito ardia.

Vi ele entrar no quarto com uma cadeira de rodas, seus cabelos estavam molhados e o cheiro de banho recém tomado invadiu minhas narinas, havia trocado de roupa, na certa devia ter uma troca guardada aqui em algum armário já que vivia mais no hospital do que na sua própria casa.

— Hora de ir para casa, bailarina — ele parece radiante.

— E o seu plantão?

— Estou de folga.

Isaac me ajuda a levantar da cama, como se eu fosse uma boneca de pano sem controle das próprias pernas.

— Isaac — o chamo.

— O que?

— Eu ainda posso andar. Não precisa me levar nessa cadeira — reclamo.

— É o procedimento, Raíssa — prefiro não responder. Não quero discutir, pois sei que sairei perdendo.

E mais uma vez estou aqui, sendo levada pelo bonitão. E é impossível não detectar os olhares cobiçosos das mulheres do hospital, o que me causou certo desconforto no peito. O ciúme dando as caras.

Entro em seu carro, e juntos vamos em direção ao nosso prédio. O caminho é feito em silêncio, vez ou outra eu escuto ele cantarolar baixinho junto com a música que toca no rádio. Já em casa, ele me acomoda no meu sofá e segue para a cozinha, dizendo que vai preparar algo para almoçarmos. Enquanto a televisão está ligada eu ouço o barulho das panelas batendo. Nem

percebo quando adormeço, mas logo depois acordo com Isaac me chamando para comer.

A comida está uma delícia, como sempre uma macarronada com carne e queijo vai bem em qualquer momento. Volto para sala e coloco um filme qualquer. Isaac senta-se comigo e nos cobre com uma manta quente.

— O que vai fazer?

— Passar o resto do dia e a noite aqui com você — ele sorri para mim, me fazendo arregalar os olhos. Só não digo nada porque quero que ele fique mesmo.

Minutos depois eu estou concentrada no filme enquanto Isaac dorme profundamente no outro canto do sofá. Olho para ele e admiro os belos traços de sua feição. Lembro do que me contou e de como sofreu, tudo vem a tona como um tanque que transborda sem me deixar conter a vazão da água. Agora eu entendo o porquê de sua carranca e mau humor. Ele foi absurdamente decepcionado pela mulher que amava e pelo seu irmão. Sempre foi contido e nunca o vi acompanhado. Agora vejo Felipe como a pessoa que desconfiei e realmente é. Ele nunca me desceu pela garganta e eu dificilmente me engano com as pessoas.

Capítulo 22

ISAAC HALE

Acordo tarde da noite, dolorido por ter ficado todo torto nesse sofá. Raíssa dorme profundamente, toda encolhida, com a cabeça apoiada sobre o próprio braço e a outra mão segurando a manta fina em torno do pescoço. Parece serena. Acho que nunca me cansarei de admirá-la.

Levanto devagar para não acordá-la e vou para o quarto, pego outro cobertor mais quente e a cubro. Como sempre o frio está castigando.

Vou até a cozinha para tomar um copo de água e sento na bancada. Fico pensando em que Felipe quer aqui, o que ele fazia perto de Raíssa. Deve estar aprontando, não há outra explicação. E ainda por cima, junto com Jason. Alguma coisa está muito errada. Aperto os punhos o mais forte que consigo, tentando conter a ira que cresce dentro de mim desde que vi o filho da puta na academia de dança. Eu não vou deixar ele se aproximar da minha menina, e Jason que se cuide, porque também está na minha lista!

Só consigo me imaginar arrancando a cabeça dos dois.

Volto a sã consciência e empurro os pensamentos homicidas para o fundo da mente. Resolvo focar realmente no que importa: em Raíssa e o seu Frágil Coração.

Mando uma mensagem para Wagner, falando das minhas desconfianças sobre a evolução da doença. Ele me responde pouco depois, dizendo para levá-la no hospital para investigarmos. Depois disso fico inquieto. Não consigo pensar em mais nada. Pego o celular e ligo para o hospital, pedindo para que me mandem por e-mail o prontuário de Raíssa. Eu

quero estudá-lo novamente, com mais calma. Presenciei duas crises de falta de ar em pouco tempo e isso não é um bom sinal.

Desço até o meu apartamento e pego meu notebook para que eu possa pesquisar melhor, volto rapidamente para o apartamento dela e averiguo se ela está bem. Eu definitivamente não consigo mais deixá-la sozinha. Respiro aliviado quando consto que ela continua dormindo profundamente.

Abro meu computador e avalio exame por exame, desde quando ela começou o tratamento, mesmo já tendo feito isso. Eu tenho que estudar mais, nada pode passar despercebido.

A cardiopatia congênita é o defeito na estrutura do coração, e existem diversos tipos, que podem ser leves e serem descobertas somente na idade adulta, que é o caso de Raíssa. A doença pode ter evoluído silenciosamente por anos, e isso é o que mais me preocupa.

De acordo com os sintomas que ela apresenta, e se não estou errado, ela evoluiu para uma cardiopatia grave, que leva à diminuição brusca das funções do coração. Olho meticulosamente para os exames e confirmo que precisamos realizar novos exames para traçarmos um plano de tratamento que seja eficiente e preciso.

— Meu Deus, Raíssa. Por favor, seja forte, porque eu preciso de você — falo baixinho.

A verdade é que estou desesperado e com muito medo, pois melhor do que ninguém, eu sei com o que estamos lidando.

Levanto da frente do computador totalmente exasperado. Eu sei que a evolução da doença pode tirar a dança da vida dela, que é o que ela mais ama. Ela pode estar sofrendo de insuficiência cardíaca, que pode gerar uma grande incapacidade, causando desgaste físico e também emocional. Entretanto, com

tudo isso, eu tenho outra certeza, a minha bailarina nunca desistirá de viver e nem se entregará para a tristeza, e eu vou ficar do lado dela.

Guardo todos os livros esparramados sobre a bancada da cozinha de Raíssa e também o meu computador. Vou conferir como ela está e paro para pensar, nada disso está certo, ela não merece passar por tudo isso. Nunca fui religioso e nem acredito muito nessas coisas, mas se Deus realmente existe, como Raíssa sempre diz que acredita, ele está sendo muito injusto causando todo esse transtorno a uma pessoa tão maravilhosa e que só tem a acrescentar neste mundo.

Decido pegá-la nos braços e levá-la para o quarto. Ela está dormindo serena e tão linda, que é impossível não ficar admirando seus traços. Não sei quanto tempo fico observando, até me deitar ao seu lado. Fico acordado por um tempo, sem parar de pensar em um plano de ação para o tratamento dela. Eu e Wagner faremos o possível, mesmo sabendo que não posso interferir no tratamento, pois estou muito envolvido.

Acordo mais cedo do que de costume, e vou preparar o nosso café da manhã.

Wagner me avisou sobre o horário disponível para a consulta dela, para que eu possa acompanhar os exames pessoalmente.

— Acorde, dorminhoca — chamo baixo, ela abre os olhos totalmente sonolenta. — Vamos, levanta e se arruma! Preparei o seu café e você tem horário com o Dr. Wagner agora de manhã.

— Me deixa dormir só mais um pouquinho — resmunga.

— Depois. Agora levanta, vem logo, estou esperando — saio do quarto.

Minutos depois ela aparece trocada e pronta. Radiante. Usa os cabelos

soltos, que caem em perfeitas ondas nas laterais de seu rosto. Uma blusa de lã preta, calça jeans e botas.

— Bom dia doutor, posso pedir uma coisa? — questiona séria.

— Claro — olho desconfiado para ela. Coisa boa não é.

— Me prometa que vai manter distância, e não vai mais me beijar ou me abraçar, ou fazer qualquer coisa do tipo? — Ela só pode estar brincando comigo.

— Por que isso agora?

— Porque eu não quero me machucar e nem magoar você. Somos amigos e eu adoro isso, não quero que se afaste de mim, mas sinto que não estou pronta para um relacionamento.

— Tudo bem, Raíssa — digo apenas para que a conversa não se prolongue. É óbvio que não vou desistir. — Vamos, você tem hora marcada.

Saímos da sua casa no mais absoluto silêncio, e seguimos rumo ao hospital. Chegamos e Raíssa é encaminhada para a sala de exames, onde encontramos com Wagner.

— Bom dia, Raíssa. Como tem passado?

— Bem, doutor.

— Hoje vamos fazer um ecocardiograma, raio X do tórax e uma ressonância magnética, para podermos avaliar melhor as funções do seu coração e ter uma imagem mais clara. Também vamos avaliar suas funções renais, certo? — Ela apenas assente com a cabeça. — E você não vai nos acompanhar Dr. Hale, e não me interessa se você é o ou não o chefe do departamento, mas não vai entrar naquela sala, porque agora você é o

acompanhante da minha paciente.

Só aceno em concordância enquanto Raíssa me olha assustada. Confesso que não gostei da idéia, mas eu faria o mesmo, considerando que eu acabaria interferindo em algo e atrapalhando.

Raíssa é levada, e antes de sumir do meu campo de visão ela olha para trás e me encontra sorrindo.

— Enquanto eu respirar, jamais deixarei de cuidar de você! — sussurro para mim mesmo.

Capítulo 23

RAÍSSA MONTENEGRO

Isaac me trouxe cedo para o hospital, o Dr. Wagner lhe deu uma bronca e não permitiu que acompanhasse a realização dos exames. Senti Isaac tenso e preocupado.

Após terminarmos, uma enfermeira me guia até um quarto, o que é um sinal claro de que não temos boas notícias.

Estou mais uma vez aqui, com a certeza de que tenho pouco tempo e preciso aproveitar o máximo que posso. Definitivamente eu preciso afastar Isaac da minha vida, não quero que ele perca tempo comigo.

Algo me diz que a minha vida a partir de agora será mais dentro deste hospital do que em qualquer outro lugar. Eu tenho que planejar meus passos e o que mais me dói, é sentir que a cada vez mais as minhas asas estão sendo cortadas. Um passarinho livre, porém sem força suficiente para bater asas e levantar vôo.

Meus pensamentos são interrompidos quando Isaac entra pela porta. Seu semblante está sério. Dr. Wagner entra atrás dele, o que me deixa mais apreensiva.

— Não temos boas notícias, Raíssa — Isaac diz com a voz embargada, fazendo minhas mãos suarem.

— Sua doença evoluiu. Diante dos resultados dos exames que fizemos agora, junto da ressonância, notamos uma grande deformidade em seu coração, que às vezes por um erro meu não notei antes — Dr. Wagner

informa. Em seguida o vejo apertar o botão que há em um dos monitores, iluminando o exame para me mostrar. O médico aponta uma das partes do borrão, e só mesmo os médicos podem entender a imagem. — Infelizmente, é outro quadro cirúrgico. Você precisa de transplante, Raíssa.

Parece que o chão se desfaz sob meus pés. Eu já estava preparada para algo errado, mas não esperava algo tão grave assim.

— Por favor, me explique melhor — peço.

— O que você tem Raíssa, nós chamamos de transposição corrigida das grandes artérias. É uma invasão ventricular, onde o átrio direito se comunica com o ventrículo esquerdo, que dá origem pulmonar, e o átrio esquerdo se comunica com o ventrículo direito, que dá origem a aorta — para por um segundo e apresenta outra imagem no aparelho, uma imagem mais nítida. — Obviamente, Raíssa, esse ventrículo direito não foi feito para trabalhar com o sistêmico, e é aí que o paciente desenvolve ao longo da vida, uma insuficiência ventricular direita, causando a famosa insuficiência cardíaca. O seu coração está fraco e não consegue mais cuidar sozinho de tudo, ele não trabalha mais com a mesma força de antes, então precisamos encontrar um novo. — A esta altura, meus olhos já escorrem. Sempre soube da gravidade do caso e uma hora ou outra as coisas ficariam realmente feias.

— Tudo bem, doutor. Vamos procurar um coração novo então — digo.

Isaac está quieto até demais, parece estar se contendo para não falar. Dr. Wagner pede licença e sai. Isaac caminha até a cama onde estou, senta na beirada e acaricia meu cabelo.

— Raíssa, você vai precisar parar com o *ballet* agora, e também com as aulas que dá para as crianças. Não podemos correr o risco de você sofrer com as crises e piorar ainda mais a situação. Por agora, você precisa ser

monitorada. Vão colher mais exames de sangue para te cadastrarmos na central de transplantes.

— Tudo bem, Isaac. Infelizmente não há o que fazer, só vou esperar e rezar para dar certo — sorrio desanimada. Ele se aproxima e encosta a testa na minha, fechando os olhos. Sinto sua respiração ofegante, como se segurasse o choro.

Sinceramente ver um homem desse tamanho, nessa condição mexe demais comigo. Ele desce as mãos para o meu pescoço, eu levanto buscando distância, mas ele chega perto novamente e pega gentilmente nos meus braços. Abraço a mim mesma, tentando controlar o tremor que se instala em meu corpo. Isaac se aproxima ainda mais e me abraça por trás, apoiando o queixo em meu ombro e encostando o nariz na minha pele para inspirar o meu cheiro.

— O que está fazendo? — pergunto nervosa.

— Nada — responde quase em um sussurro.

— Por que está tão próximo?

— Não sei, eu só não consigo me afastar — dá outro suspiro. — Não quero e não vou me afastar.

Ele me coloca de frente para ele e me fita intensamente com seus olhos negros, como se enxergasse tudo dentro de mim. Meu coração bombeia agitado e minha respiração pesa.

Estamos muito próximos, ele ergue as mãos e segura meu rosto para que eu não desvie o olhar. Seu toque quente sobre minha pele me faz arrepiar, não me permitindo raciocinar direito. Seus lábios lentamente roçam nos meus, meu corpo todo treme e neste momento ele enreda o meu corpo com seu braço forte.

Quando termina o beijo, seus dedos vêm novamente em meu rosto. Fecho os olhos para sentir o toque suave que quase me desmonta, ao abri-los tento controlar a minha boca, mas a razão fala mais alto.

— Me desculpe, mas sugiro que procure uma mulher melhor do que eu. Você é lindo, bem sucedido e eu não tenho nada para te oferecer. Sou uma pessoa doente e com os dias contados, não posso me envolver e não quero te magoar.

— Para com isso, Raíssa. Para de lutar contra si própria!

— Você merece alguém melhor do que eu, Isaac — reforço, sentindo as lágrimas ameaçando a cair. — Eu vou morrer.

— Todos nós vamos morrer Raíssa, só não sabemos quando — ele fica impaciente.

— Eu sei, mas o meu prazo de validade está expirando

Ele fica de costas, claramente nervoso e irritado, passa as mãos no cabelo e vai em direção a porta. Convencida de que ele desistiu, fico surpresa quando o vejo voltar em minha direção. Isaac rapidamente toma os meus lábios em um beijo doce e urgente.

Capítulo 24

ISAAC HALE

Eu sei que ela está desenganada, mas não vou sair sem antes dar uma prova de que eu vou lutar junto com ela, porque irei até o fim do mundo para conseguir um coração saudável e fazer o transplante.

Voltei em sua direção e tomei sua boca, ela não reagiu de imediato, mas logo cedeu e depois me abraçou.

A seguro nos braços, acariciando seus cabelos loiros e quando me afasto, olho no fundo dos seus olhos verdes, analisando em seguida o semblante cansado e triste, que demonstra a luta internada contra seus próprios sentimentos.

— Deve haver muitas mulheres que queiram estar com você, Isaac. Eu notei isso desde a primeira vez que saiu me levando na cadeira de rodas. São muitos olhares de admiração.

Que mulher teimosa!

— Raíssa, pela última vez, coloca uma coisa nessa sua cabeça dura — encaixo seu rosto entre as minhas mãos. — Eu não sou homem que busca diversão ou cantadas baratas, eu encontrei alguém que me completa, que me faz ser uma pessoa melhor, e esse alguém é você. Pode lutar contra o quanto quiser, mas eu não vou embora, não vou te deixar. Já disse e repito, eu vou cuidar de você, basta você abrir seu coração e me deixar entrar.

Seus olhos que estavam marejados, agora inundam e molham as bochechas com lágrimas. Ela me abraça e eu retribuo apertando-a no meu

corpo. Deposito um beijo em sua cabeça enquanto ela soluça, molhando a minha camisa.

— Você quer saber o que eu sinto em relação a você? — Pergunta baixinho.

— Claro.

— Eu estou com medo. Porque sinto como se você quisesse apenas um lado meu, o lado feliz e descontraído, a Raíssa que finge que está tudo bem e que tudo é fácil.

— Jamais Raíssa, eu quero você inteira. Os defeitos, as qualidades. E isso pode ser mais fácil sim, você que está complicando.

— Me desculpa — ela abaixa a cabeça e suspira, como se pensasse bem nas palavras que vai dizer: — Eu não vou mais lutar. — Ouvir isto me alivia. — Eu não tenho ninguém, já te disse isso. Tenho apenas a Rebeca e ela nem sempre está aqui. A realidade é que estou muito assustada com a notícia de precisar de um coração novo, mas se você está disposto a enfrentar isso comigo é porque sabe dos riscos.

— Eu sei perfeitamente o que está acontecendo, e estou muito mais do que envolvido emocionalmente, por este motivo Wagner não permite que eu acompanhe como seu médico.

— Em um minuto eu estava bem e no outro parece que eu vou perder tudo — ela desabafa.

— Você não vai perder tudo, eu estou aqui agora, minha pequena — a abraço outra vez e beijo castamente a sua boca. — Você sabe que isso não é sua culpa, não está no seu controle, o que importa é que vamos conseguir superar isso juntos Raíssa.

— Então não me abandone, e eu te darei o melhor que tenho. Ao que depender de mim, o seu coração ferido nunca mais vai sangrar, pois se sua noiva fez o que fez, foi porque ela nunca te mereceu.

— Raíssa, eu... — não consigo responder. Essa mulher me tem por completo, de corpo e alma.

A beijo sem pedir permissão, acariciando suavemente suas costas.

É como diz aquele velho ditado: "Um beijo fala mais do que mil palavras".

Finalmente ela cede, a primeira batalha está ganha. Agora iremos lutar juntos no seu tratamento e recuperação.

Depois eu a ajudo se deitar, me aconchego junto na pequena cama de hospital, nada confortável, mas vale cada segundo ao lado dela. Fico até ela adormecer. Preocupado, fico pensando sobre os meus horários loucos e os plantões de horas a fio, meu maior medo é ter que deixá-la por causa de alguma emergência, mas aprenderemos a lidar com isto.

Vou atrás do Dr. Wagner para verificar o cadastro da Raíssa na central de transplantes e tiro um peso das costas ao saber que seu nome está no topo da lista.

— Você gosta mesmo dela, não é?

— Eu não diria que gosto Wagner, eu acho que amo essa mulher.

(...)

Semanas passaram, Raíssa deu uma reagida boa com a nova medicação, já não havia mais necessidade de ficar no hospital e finalmente iria para casa.

Indo em direção ao seu quarto, saio do elevador e congelo com o que vejo. Jason conversando com Raíssa e Felipe encostado na porta, com seu sorrisinho cínico. Fico do lado de fora observando, vejo que Felipe diz algo e sai.

— O que você quer aqui? — Pergunto um pouco alto.

— Não sabia que a princesinha é de porcelana, e que as visitas são proibidas — responde petulante.

— Seu desgraçado, filho da puta — contengo a vontade de esmurrar a cara dele. — O que você quer aqui?

— O que você acha?

Perco a cabeça, dou passos em sua direção e junto ele pelo colarinho, o encostando na parede com força.

— Fique longe dela e me deixa em paz, você e aquele bailarino de meia tigela. Não sou mais o cara bonzinho que você conheceu a vida inteira e não vou permitir que você se meta na minha vida de novo.

— Você sempre foi fraco, Isaac — provoca sorrindo, acabando com a minha sanidade.

— Eu fui um idiota que caiu nos encantos da vadia da Vivian, e mesmo sendo um filho da puta, você fez um favor me livrando dela. E agora Felipe, eu não vou permitir que você se aproxime de Raíssa e que tente fazer algo, ou eu juro que você vai se arrepender pelo resto dessa sua existência medíocre.

Ele ri com ironia.

— Tem certeza, Isaac? Porque o Jason não vai deixar ela em paz, todo

esse tempo na Rússia ele falou como se arrependeu de ter deixado ela aqui. Eu não arruinei a sua vida, você fez isso sozinho quando deixou de dar atenção que a Vivian pedia. E você imbecil, vai perder a bailarina bonitinha rapidinho, porque ela já chegou no fim da linha.

É o auge para me fazer perder a cabeça, me fazendo desferir um soco em seu queixo com toda força.

— Desgraçado! Você não vale nem o chão que pisa! Vou chamar a segurança para te tirar daqui e proibir a sua entrada neste hospital.

Dr. Wagner nota a confusão e vem ao nosso encontro.

— Solta ele, Isaac — ele tenta me conter.

— Não se mete, Wagner! — estou realmente furioso, fora de mim.

— Solta ele, Dr. Hale — fala mais alto, e Felipe mesmo com o canto da boca sangrando não tira o sorrisinho da cara.

— Viu só? Você não tem autoridade nenhuma.

— Aí que você se engana — Wagner me encara e vejo o pedido silencioso para que eu tenha cautela. Solto Felipe, que cambaleia. Pego o celular no bolso e solicito a segurança no andar. — Neste departamento quem manda sou eu, então engula essa inveja e morra engasgado com ela.

Pela primeira vez vejo Felipe irritado, e Wagner completa:

— Pois é moleque, você mexeu com o chefe da porra toda!

Capítulo 25

RAÍSSA MONTENEGRO

Estava pensando em como minha vida será daqui pra frente, sem o *ballet*, sem as crianças, sem a correria do dia a dia, acho que até a velha rotina me fará falta.

Mas analisando melhor, é um erro dizer que não tenho nada. Eu tenho Isaac. Uma pessoa que apareceu de repente, um noivado de mentirinha, e agora um companheiro pelo pouco que me resta de vida.

Jason e Felipe apareceram para me visitar, e notei certo desânimo em Jason. Para Felipe apenas agradeci a visita, não queria muita conversa. Depois que ambos saíram, Isaac entrou com o sorriso maravilhoso de cegar os olhos.

— Desculpa a demora, minha bailarina. Tive um contratempo — ele vem e me dá um beijo rápido. — Tenho boas notícias.

— Então fala logo, doutor — brinco.

— Você está reagindo muito bem ao tratamento e eu posso levá-la para casa, hoje!

— Não vejo a hora de dormir na minha cama, e não ouvir mais o barulho desses monitores.

— Assim que o Wagner assinar a sua alta eu volto para te buscar, enquanto isso vou terminar de passar as visitas dos meus pacientes.

— Tá bom, Simpatia. Vai lá salvar o mundo, vou te esperar bem aqui.

— Minha bailarina — e com outro beijo doce ele se despede de mim.

(...)

Finalmente em casa, como eu estava com saudade do meu cantinho.

— Vou descer para buscar umas coisas e já volto.

Aproveito para ficar olhando a vista da minha janela que eu tanto amo. Abraço-me, revivendo um filme que passa na minha cabeça. Desde que fiquei sozinha e aprendi a me virar, com sorte nada me faltou, e sempre pude retribuir da melhor forma possível. Sentirei muita falta do meu trabalho no hospital, mas agora está na hora de cuidar de mim mesma, pois só assim eu poderei voltar bem.

E de uma coisa eu tenho plena convicção, nunca na minha vida encontrarei pessoa melhor que Isaac, que se dedica tanto e é tão esforçado para fazer tudo dar certo.

Meu frágil coração foi tomado completamente pela força avassaladora de Isaac Hale.

Eu estou completamente apaixonada, ele é lindo de corpo e alma. Rabugento às vezes, mas sempre encontra uma maneira de se redimir pelo mau humor. Um sorriso brota nos meus lábios ao me lembrar de todas as vezes que eu o chamei de Simpatia, no intuito de irritá-lo. Sim, eu encontrei um amor para mim e tentarei não desperdiçar essa chance.

Vou para o quarto e separo um pijama, que visto assim que saio do banho.

Deixei que todas as preocupações e angustias saíssem pelo ralo.

Foram dias difíceis e agora só me resta esperar um doador. Nem sei quanto tempo fiquei no banho, mas minhas energias se renovaram.

Já devidamente agasalhada, eu pego um livro, deito na cama e nem sei quanto tempo depois, eu pego no sono.

(...)

Acordo com o barulho e o cheiro maravilhoso vindo da cozinha. Levanto e vou de encontro, me deparo com um homem lindo na minha cozinha, de cabelos molhados e um conjunto de moletom cinza. Tão diferente do que estou acostumada a ver, pois na maioria das vezes o vejo de jaleco e todo formal.

Ele nota a minha presença e vem na minha direção, deixando um beijo calmo nos meus lábios.

— Estou preparando o nosso jantar, espero que você goste.

— O cheiro está ótimo — elogio.

— Vem, senta aqui enquanto eu termino.

Ele me leva até a bancada da cozinha, como se eu precisasse de ajuda o tempo inteiro.

Mas não! Isaac é apenas muito cuidadoso e excessivamente protetor.

Enquanto ele mexe em tudo de um lado para o outro, eu fico observando e ao mesmo tempo curiosa em saber como ele aprendeu a cozinhar.

— Onde aprendeu a cozinhar assim? Porque olhando daqui parece até um MasterChef — ele ri com o meu comentário.

— Saí de casa muito cedo para estudar, e sempre fui meio enjoado, sempre gostei de comida caseira. Confesso que não aprendi sozinho, minha mãe me ensinou a maioria — enquanto fala ele corta uma cebola.

— Que bom, doutor. Eu me arrisco pouco na cozinha, mas até que dá pro gasto.

Isaac arrumou a mesinha do centro da sala e nos serviu.

— Lasanha a bolonhesa, com molho branco. Espero que goste.

— Hum... a cara está ótima. — Dou a primeira garfada e realmente, está divina. — Merece um prêmio Isaac, está maravilhosa — ele sorri para mim e volta a comer.

Arrumamos a bagunça juntos quando acabamos. Como de costume vamos ver um filme, deixo que ele escolha. Pouco depois eu sinto o sono quase me vencer, então resolvo ir para a cama. Não demora muito para que ele desligue a TV e venha atrás de mim. Deitamos juntos, ele se aconchega atrás de mim.

Fico tão bem em seus braços, me sinto protegida.

Devagar, viro de frente para ele e o beijo apaixonadamente.

— Obrigada, Isaac. Obrigada por estar comigo nesse momento — agradeço de olhos fechados.

— Sempre estarei, bailarina.

Dito isto ele pega o meu rosto entre suas mãos e ataca a minha boca com urgência. Eu retribuo ainda mais ávida. Nossas respirações estão entrecortadas, suas mãos sobem e descem acariciando meu corpo, a única barreira que fica entre nós é o tecido do meu pijama, já que ele tira o próprio

moletom, ficando somente de cueca.

Logo ele se afasta, encostando a testa na minha. Ele está ofegante e pulsando de desejo, eu sei disso, porque estou igual.

— Se não pararmos agora, eu não vou conseguir me segurar Raíssa, porque você não faz idéia do quanto eu te quero.

Capítulo 26

RAÍSSA MONTENEGRO

— Eu também quero, quero muito, mas já faz tanto tempo que... — não consigo terminar a frase.

Isaac sela minha boca, beija docemente cada um dos meus olhos, a minha testa, as bochechas, a ponta do meu nariz e por fim novamente os meus lábios. Encostamos nossas testas, sorridentes. Por fim, seguimos uma dança sensual quase que ensaiada, um encaixe perfeito, um beijo lento e caloroso. Eu não consigo tirar minhas mãos dele, e Isaac partilha da mesma necessidade.

Sua barba roça em mim, causando arrepios.

Deus! Como isso é bom.

Enfio meus dedos no emaranhado dos seus fios negros, ele se afasta devagar e me fita intensamente, seu olhar está escuro, como uma onda de desejo e necessidade pulsante que nos assola a cada segundo. Fico desconsertada pela forma como me olha, como se seus olhos pudessem ver a minha alma.

É como se o mundo parasse a nossa volta. Levo minhas mãos em seu rosto e o vejo fechar os olhos.

— Raíssa, eu sei que está cedo mas eu preciso te dizer uma coisa.

— Pode falar — sussurro.

— Você me tirou do buraco, me salvou do meu inferno pessoal e eu

estou completamente apaixonado por você.

Sem resposta, eu apenas insinuo para que ele tire a minha blusa, e ele entende o recado. Me encarando com um olhar travesso, Isaac tira carinhosamente e acaricia meus ombros. Distribui beijos lentos e suaves até a curva do meu pescoço e segura nas alças do meu sutiã, descendo elas. Outra onda de arrepio percorre o meu corpo, e sinto quando ele leva as duas mãos no fecho do sutiã e me liberta da peça íntima.

Confesso que fiquei com medo de me sentir envergonhada, mas me enganei. Me sinto tão bem em seus braços, seu cuidado e proteção me encorajam.

Eu estava entregue, completamente tomada pela sua força avassaladora.

Isaac é uma visão do céu, eu sei que ele tem algumas tatuagens, mas nunca parei para reparar nelas, então com a ponta dos dedos eu contornei cada desenho que marca sua pele e que ficam escondidas com suas roupas. Eu estou completamente deslumbrada com sua beleza e masculinidade, minhas mãos descem e sobem venerando seu corpo.

— Continue me tocando Raíssa, por favor, não pare — faço o que ele pede, e o vejo fechar os olhos para aproveitar minhas carícias.

Mas não demora para ele tomar o comando, levando as mãos até o cós da minha calça e encaixando seus dedos para tirá-la. Ele me deixa só de calcinha e deita sobre o meu corpo, beijando-me avidamente, perdendo a calma, deixando o momento ainda mais quente. De olhos fechados nos vem uma avalanche de sentimentos e desejo que contemos com muito custo. Nós dois precisávamos um do outro, nos sentir, nos tocar, e isso ficará eternizado em minha memória pelo resto dos meus dias.

Entre respirações ofegantes, Isaac tira a última barreira que nos separa

do paraíso. Com as mãos em meu quadril, ele vai trilhando minha pele com beijos, do pescoço até minha virilha, fazendo-me cravar as unhas em seus ombros fortes, dominada pela ansiedade e excitação. Minha respiração fica ainda mais pesada quando sinto sua língua no meu sexo quente e pulsante, o poder da sua boca me deixa nas nuvens.

Quando Isaac sobe com o rosto de encontro ao meu, nós roçamos nossos lábios, ambos ofegantes. Ele segura minhas mãos na altura da minha cabeça, entrelaçando nossos dedos. Nossos olhos ficam fixos, enquanto nos admiramos. Eu estou mais do que pronta para recebê-lo.

— Por favor, Isaac — sussurro, desesperada.

— Raíssa...

Ele para por um momento com a testa colada na minha, o desejo avassalador nos consumindo. Depois levanta e pega algo na carteira ao lado da cama, abre a embalagem metalizada e desliza o preservativo pelo seu membro.

Seu olhar parece escurecer, com promessas caladas que me deixam mais ansiosa. Minhas mãos deslizam pelas laterais de seu corpo quando seu tronco cobre o meu. Ele segura meu quadril e me invade de uma vez só, preenchendo meu corpo com o seu e também a minha alma.

— Ahh... — ofego.

— Minha menina, minha Raíssa, minha bailarina, minha... só minha — fala possessivamente, o que só me faz desejá-lo ainda mais, como se isso fosse possível.

Isaac investe com movimentos rápidos e precisos, ainda segurando no

meu quadril. Ele não para, deixando-me à beira do precipício e percorre meu corpo com suas mãos, como se quisesse memorizar cada parte.

Nossos lábios se encontram de novo, delicadamente, embora a paixão entre nós dois esteja palpável.

— Abra os olhos e olhe para mim, Raíssa, vamos juntos — ordena firme.

Faço o que ele manda e este é o nosso fim. Quente, magnífico, carinhoso. Eu não sei descrever a montanha russa de sensações crescendo dentro de mim.

Isaac rola para o lado tirando o preservativo, e o joga do lado da cama, em seguida vem mais perto e me abraça.

— Como se sente? — pergunta levemente preocupado.

— Foi maravilhoso — ele sorri diante da minha resposta e beija minha testa.

— Eu também amei cada segundo, minha bailarina. Vamos para o banho? Você se esforçou demais e a culpa é minha, você precisa descansar.

— Isaac... — o corto, respirando fundo. Ele me olha curioso. — Obrigada.

— Você não precisa agradecer, eu prometi cuidar de você e vou honrar minha promessa, até a última batida do meu coração.

Capítulo 27

ISAAC HALE

“O barulho do bip dos monitores me atormentava a cada minuto. Estou aqui, em uma sala de cirurgia com as mãos sujas de sangue, mas tem algo estranho que não sei decifrar. Todas as pessoas presentes na sala estão com as mãos erguidas e me olham acusadoramente.

Estranho!

Olho no monitor e a linha reta indica que é o fim.

Acabou!

Olho no relógio pendurado na parede da sala de cirurgia e declaro a morte do paciente.

— Hora da morte, 23:47.

Mas em um sobressalto começo a notar as minhas mãos sujas de sangue, eu não usava luvas e nem a roupa obrigatória, o ambiente que deveria ser estéril estava tomado pelo caos.

Havia sangue por toda parte.

Meu Deus, o que eu fiz?

A ficha caiu quando olhei a face do paciente naquela mesa, era

Raíssa, totalmente imóvel, inerte, morta!

A primeira reação foi tentar limpar todo aquele sangue das minhas mãos para poder tocar nela para reanimá-la.

Que droga, cadê o desfibrilador?

Era como se as coisas estivessem desaparecendo, já não havia mais ninguém ali comigo.

Eu não podia fazer uma massagem cardíaca, pois seu peito estava retalhado e aberto naquela mesa, meu bisturi tinha feito um estrago.

A culpa era minha!

— Não Raíssa, por favor, não agora, por favor, por favor Raíssa, abre os olhos, volta pra mim! — Não conseguia encontrar nexo para o que acontecia ali — Não Raíssa... — era puro desespero.”

Acordei em um sobressalto, e a primeira coisa que fiz foi olhar minhas mãos, estavam limpas. Pude respirar aliviado, e a segunda foi procurar por Raíssa, que dormia serena ao meu lado.

O que foi isso?

Um aviso?

Depois de tê-la em meus braços essa noite, em um momento mais que especial onde nos entregamos de corpo de alma, onde ela terminou de me tomar por completo, acho que eu sinto mais medo de perdê-la do que qualquer outra coisa nesse mundo. É a pessoa que eu mais amo, nem minha família é tão importante.

Levanto rapidamente e visto minhas roupas, pego meu celular e disco o número do hospital. Eu preciso ter informações sobre as notificações da

central de transplantes, mesmo sabendo que ainda não apareceu nada. Falo com o plantonista e desligo, vou em direção ao banheiro e jogo uma água fria no rosto para acalmar meus ânimos. Fito meu reflexo, olho em meus ombros e um sorriso bobo se abre quando vejo as marcas das unhas de Raíssa.

— Mãe!

"Oi meu filho, aconteceu alguma coisa?" — pergunta preocupada e sonolenta.

— Não mãe, mas eu preciso conversar com a senhora.

“Estou te ouvindo.”

Conto tudo, sem esconder nenhum detalhe. Oculto apenas a parte em que Felipe está à espreita. Ela também não sabe o que aconteceu com a Vivian, nunca tive coragem para contar porque não queria decepcioná-la e fazer meu irmão me odiar mais. Ela até riu quando falei sobre o noivado de mentira, que Raíssa teve a audácia de me submeter. Suas palavras foram de conforto.

“Isaac, vejo que gosta muito dessa menina e sendo bem sincera, nunca fui com a cara da Vivian. Sempre achei que ela não te merecesse, nunca escondi isso, não é?! Mas te via feliz e isso bastava para mim. Se você ama essa menina, seja o bom homem que eu ensinei a ser, e vou logo dizendo que quero conhecer a moça.”

Imaginei que ela diria isso e adiantei que não há possibilidade de uma viagem tão longa, considerando o estado de saúde da Raíssa.

— A distância é muito grande, mãe. Uma viagem só traria mais desgaste.

“Isaac Hale, você é médico e pode cuidar do problema!”

— Dona Isabel, não é bem assim que as coisas funcionam!

“Tudo bem, meu filho. Então eu pego o próximo avião e aproveito para ver meus dois filhos queridos.”

Trinco os dentes sem saber o que dizer. Minha mãe sabe que eu e Felipe não nos damos bem, mas não tem conhecimento das nossas diferenças. Lá no fundo ela sabe que ele é mesquinho e egoísta, e eu sinceramente tenho medo da sua reação ao saber o que aconteceu entre ele e Vivian.

— Se quiser, eu providencio a sua passagem.

“Eu ainda sei me virar sozinha, Isaac. Estou velha, mas não estou gagá.”

— Está bem, mãe. Avise-me o dia e o horário que vai chegar, que eu dou um jeito para te buscar no aeroporto. E traga roupas quentes, o frio aqui está castigando.

“Deixa comigo, Isabel Hale sabe se virar.”

— Eu te amo mãe!

“Eu também te amo, meu filho. Cuide-se e dê um beijo e um abraço na moça por mim, diga a ela que estará em minhas orações.”

Estou de mãos atadas, continuo meio perdido. Minutos depois meus devaneios são interrompidos com o toque estridente do meu celular, olho na tela e vejo que era uma chamada do hospital, seguida de uma mensagem:

“Emergência.”

Corro para o quarto, dou um beijo leve em Raíssa e sigo rumo ao hospital.

Noto a movimentação ao entrar, me troco rapidamente e vou direto para a emergência. Ocorreu um acidente envolvendo três carros. A informação que tenho foi que um rapaz dirigia alcoolizado e colidiu contra outro veículo, que estava estacionado. E ao tentar fugir, o responsável pela merda bateu no segundo carro, só que em movimento, ferindo cinco pessoas, entre elas, duas crianças que por sorte tiveram escoriações leves. Um adulto está em estado grave, que assim que termino de analisar o exame, confirmo a suspeita: tamponamento cardíaco.

— Sala de cirurgia, agora! Preparem o paciente que eu já estou subindo.

Deparo-me com uma cena que me enche de raiva na saída da emergência. Um dos residentes tenta atender um paciente que está causando tumulto, com gritos.

— Vocês residentes são todos imprestáveis!

— Moço, por favor, acalme-se! Preciso cuidar dos seus ferimentos — diz uma das médicas residentes.

— Não, vocês usam as pessoas para brincar de medicina e acabam matando elas. Não encoste em mim! — gritou.

— O que está acontecendo aqui? — Questiono alto e firme, abrindo a cortina do leito.

— Foi esse moço que causou o acidente, Dr. Hale. Ele está alcoolizado e não nos deixa atendê-lo para limpar os ferimentos.

Quando olho para a cara do desgraçado eu não posso crer!

Felipe.

Não é de se espantar uma atitude fria e mesquinha vinda dele. Causar um acidente e fugir sem prestar socorro para as vítimas.

— Pode deixar comigo, doutora.

— Arrumem outro médico, pois esse cara que vocês chamam de médico é um assassino — Felipe está totalmente descontrolado.

Algumas pessoas me olham assustadas e confesso que eu também estou confuso.

— Felipe, cala a sua boca ou eu vou ser obrigado a te apagar na marra.

— É só isso que você sabe fazer mesmo, Isaac, apagar as pessoas — berra mais uma vez. Do que esse louco está falando?

— Dê a ele dez miligramas de Alprazolam — ordeno à residente. — E leve-o para o quarto, assim que sair da cirurgia eu resolvo isso.

— Doutor, mas...

— Sem “mas”, faça o que eu estou mandando. Quando ele se acalmar nós o atenderemos. Espere ele apagar e realize um exame toxicológico.

Caminho em direção à sala de cirurgia e está quase tudo pronto. O pesadelo que me atormentou essa noite vem em minha mente e me deixa atordado.

Meu Deus, o que eu fiz?

Capítulo 28

ISAAC HALE

Passei o tempo da cirurgia concentrado no que fazia, hora ou outra pensava nas acusações que Felipe proferiu contra mim. Estou certo de que não errei com meu irmão, mas assim que sair eu preciso conversar com ele.

Mais tarde passo as visitas dos meus pacientes e avalio todos os pós-operatórios. Dirijo-me ao quarto onde Felipe está.

O que eu vejo me assusta de certa forma, há um policial do lado de fora do quarto e ele está algemado na cama.

A residente que o atendeu está no quarto e faz anotações no prontuário.

— Saiu o resultado do toxicológico?

— Sim doutor, e indica o uso de metanfetamina.

Há um resquício de surpresa em mim, mesmo que eu estivesse esperando algo ruim.

— E o policial lá fora?

— Estão esperando o doutor, para que informe o estado da vítima do acidente, e também aguardando que esse paciente acorde para interrogá-lo, ele está sendo acusado por tentativa de homicídio.

Converso com a polícia e esclareço o estado delicado da vítima, e digo que assim que Felipe acordar, a polícia pode colher seu depoimento.

Nunca desejei mal a ninguém, mas estaria sendo hipócrita se falasse que ele não merece a acusação e o tratamento.

Ligo para a minha mãe para avisá-la do ocorrido, e ela adianta a viagem. Ligo para Raíssa, mas porque preciso ouvir a voz dela.

O telefone chama até cair na caixa postal. Um desespero cresce em meu peito. Eu tenho que voltar para saber se ela está bem. Quando estou prestes a sair, um frio percorre a minha espinha.

— Você a matou, seu médico de merda! — Gelo com o que escuto e o desespero cresce ainda mais.

Só consigo pensar em Raíssa e em mais ninguém, também não consigo entender o que está acontecendo e do que Felipe me acusa.

— O resultado do toxicológico indicou o uso de substâncias entorpecentes, Felipe — desvio o foco.

— Você a matou, Isaac. Você matou a Samantha, ela foi à única mulher que amei nessa vida e você a matou, seu médico de merda!

Ainda me lembro da primeira paciente que perdi, era uma moça jovem e bonita e se chamava Samantha. Foi no meu primeiro ano de residência, chegou ao hospital com uma overdose e tentamos reverter, porém foi em vão.

— Jurei para mim mesmo que acabaria com você e que você nunca seria feliz com ninguém. Quando a Vivian chegava em casa, reclamando para a nossa mãe sobre a sua ausência, eu descobri que era por ali que eu começaria. Foi muito fácil a fazer cair na minha rede, era mesquinha e implorava por atenção. Não exigiu nenhum sacrifício.

— O que você fez com ela?

— Nada, eu sabia que era questão de tempo até você descobrir tudo, só não contava que seria nas vésperas do seu casamento. Depois que fiz tudo aquilo, eu fui embora para a Rússia, e quando voltei vi que você se apaixonou por aquela sem sal da Raíssa. Era mais uma oportunidade para eu poder te infernizar, mas depois que eu descobri que ela já está com o pé na cova, resolvi deixar Jason cuidar do assunto.

— Seu desgraçado! Você vai pagar caro por isso!

Fecho os punhos com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. Uma ira percorre cada célula, me descontrolando. Minha vontade é surrar Felipe até ele ficar inconsciente.

— Eu não, Isaac, mas você com certeza vai pagar, gosta tanto da garota e logo vai ficar sozinho de novo, porque tenho certeza que ela não vai durar muito. Você nunca soube escolher mulher direito, primeiro uma vadia e agora uma doente, você merece todo esse sofrimento.

— Seu filho da puta!

Perco o controle e vou para cima de Felipe sem me importar que está algemado na cama, infelizmente sou impedido por Wagner e pelo policial.

— Você conhece este homem, doutor? — o policial pergunta.

— Sim.

— E por que não nos informou?

— Não achei necessário. Ele é meu irmão.

— Vamos sair daqui, Isaac. Você precisa se acalmar — Wagner diz.

— Preciso ir ver a Raíssa, ela não está atendendo minhas ligações.

O Dr. Wagner concorda com a cabeça, tão consciente da condição dela quanto eu.

No caminho eu só consigo pensar que vou encontrar Raíssa desfalecida, e a culpa é minha por ter deixado ela sozinha. Lágrimas escapam dos meus olhos, e a voz de Felipe me chamando de assassino ecoa na minha mente.

Quando entro em seu apartamento a encontro cantarolando em frente da pia da cozinha. Está linda com seu cabelo revolto, vou na sua direção em passos rápidos e a aperto em meus braços, beijo seus cabelos e novamente as lágrimas enchem meus olhos.

— O que houve, Isaac? Está chorando — interroga preocupada.

— Você não atendeu o telefone, eu fiquei louco de preocupação por ter te deixado sozinha, me perdoa bailarina.

Ela se vira para mim e encaixa meu rosto entre suas pequenas mãos, enxuga delicadamente as lágrimas que insistem em cair escorrendo pelo meu rosto, abre um sorriso e beija delicadamente a minha boca. Raíssa se enfia no meu abraço, acalmando meu coração e a minha alma perturbada.

— Eu não tive culpa, Raíssa — estou inerte e com os pensamentos desorganizados.

— Culpa pelo o que?

Sentamos no sofá e eu conto tudo o que aconteceu, desde a hora que fui chamado para a emergência até a hora que fui impedido de esmurrar o meu irmão.

— Eu amo você, Raíssa. Nada e nem ninguém vai mudar isso.

As lágrimas continuam sem freio e os olhos dela estão marejados, mas não expressam tristeza.

— Eu também te amo, Isaac — seu sorriso se expande.

Dou um beijo apaixonado, Raíssa retribui e sobe no meu colo, em meio a beijos e abraços calorosos, ela me olha profundamente e sorri.

Não consigo mais falar nada, me levanto com ela no colo, que encaixa suas pernas em volta da minha cintura, e a levo para o quarto. Não consigo ser paciente como da primeira vez.

Venero seu corpo em uma dança frenética, acariciando-a com as minhas mãos e minha boca. Sua face está corada e alegre, a luz da lua brilhando lá fora ilumina seu belo corpo cheio de curvas, as cobertas amarrotadas deliciosamente guardam o nosso cheiro, até chegarmos ao ápice do prazer juntos.

Raíssa realmente é tudo o que eu preciso, é o meu calmante, meu alento, o meu tudo.

Abraço ela apertado e ficamos assim, encaixados perfeitamente, como uma peça na outra sem espaço para mais nada e nem ninguém.

— Bailarina, temos que tomar cuidado com isso. Você não pode se esforçar muito e receio que eu não consiga me controlar. Você vai precisar me frear, porque meu autocontrole some quando te tenho em meus braços.

Ela se vira para mim e deita em meu peito, suas mãos acariciam levemente a minha barriga e eu faço o mesmo em suas costas. A pele macia e lisa se arrepia com o meu toque, e eu sei que nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

— O meu lugar favorito no mundo é dentro do seu abraço — Raíssa

sussurra.

Capítulo 29

RAÍSSA MONTENEGRO

O estado melancólico em que Isaac chegou me preocupou. Ver um homem daquele tamanho chorar, mexeu muito comigo, não sei se foi por conta da minha própria luta interna, ou se é porque eu estou tão ligada a ele que doeu muito em mim.

Isso me faz lembrar o que minha mãe sempre dizia.

“A gentileza é de graça.”

Em toda a minha vida eu tentei fazer o que pude, nunca fui egoísta. O melhor que eu posso fazer é aconchegá-lo e oferecer meu ombro para que ele descarregue toda a amargura que está sentindo no peito.

Dentro do seu abraço eu me sinto segura, e mesmo sendo tão pequena para confortá-lo nos meus braços, sinto que o coração dele volta a bater mais calmamente.

A avalanche de sentimentos demonstrados na última noite preencheram o vazio que havia em meu peito. Com Isaac é como se eu fosse intocada, dentro de uma fortaleza. Ouvindo e sentindo a respiração irregular pelo choro recente, noto que ele ainda parece remoer tudo o que o irmão falou.

— Isaac — chamo sua atenção —, a culpa não é sua.

Ele se aconchega ainda mais em mim, prendendo-me junto ao seu corpo. Ficamos assim até sua respiração pesar, mostrando que o sono e a

exaustão o venceram. Fico mais um pouco acordada, pensando sobre tudo o que aconteceu nos últimos dias e não demora muito até que eu me perca nos sonhos.

Acordo com o som de uma voz estridente, que eu reconheço em qualquer lugar deste mundo.

— O que está acontecendo aqui?

Mal consigo abrir os olhos, mas conheço o cabelo laranja de longe. Isaac acorda sobressaltado e esfrega os olhos.

— Rebeca! — salto da cama e vou de encontro a ela, que me abraça forte. — Que saudade!

— Eu também estava! Confesso que não esperava encontrar essa big surpresa — diz referindo-se a Isaac deitado na cama. Ele permanece mudo, mas atento a nossa conversa.

— Tudo bem, Rebeca? — ele pergunta.

— Melhor impossível, doutor. Tem mais da onde você saiu?

— Garanto que a outra cria da dona Isabel você não vai querer conhecer — digo entre dentes.

— Preciso concordar com a Raíssa, meu irmão não é uma das melhores pessoas que conheço.

— Nossa, é bom saber disso. E a senhorita já sabe até o nome da sogra?

Isaac solta uma gargalhada e Rebeca ri também. Logo ele se levanta e com cumplicidade no olhar eu entendo que nos deixará a sós, para termos privacidade.

Antes de sair ele me beija e enlaça minha cintura com o braço, deixando-me com as pernas bambas. Me pergunto se toda vez será assim.

— O que foi? — indago quando constato minha prima me observando.

— Já se olhou no espelho?

— O que é que tem?

— Essa sua cara de boba apaixonada! — minha prima sorri e eu dou os ombros. — Doeu se deixar levar e cair na rede do bonitão?

— Não. Foi à melhor escolha que eu tomei.

— Estou vendo, não precisa nem me contar. Está totalmente explicito na sua cara e na dele.

— Não é pra tanto também né, Rebeca.

Ela preenche o ambiente com sua risada escandalosa. Me deito na cama e Rebeca fica ao meu lado. Conversamos sobre tudo o que aconteceu desde que ela foi embora.

— Estou completamente apaixonada por ele Beca, mas ainda tenho medo. Sempre fui forte, mas saber que cedo ou tarde meu coração vai falhar me deixa tão angustiada. Queria muito ter conhecido Isaac antes e poder ter ficado com ele, amado e me sentir amada. Vivo na expectativa, sabe? Nunca sei se vou amanhecer viva ou não. Fiquei dias no hospital e ele ficou comigo, só saía para atender os pacientes. Eu o amo, amo tanto que o meu coração dói, e eu não posso suportar a idéia de ir embora e deixá-lo aqui, só que isso cedo ou tarde vai acontecer.

Capítulo 30

ISAAC HALE

Já fazem três dias que Felipe está hospitalizado, porque quebrou a perna e duas costelas e vem apresentando quadros de crises respiratórias em consequência da fratura.

Com Rebeca aqui em Washington eu fico mais tranquilo em sair para trabalhar, pois sei que Raíssa não está sozinha. Hoje a minha mãe chega e eu adianto as visitas dos meus pacientes para poder buscá-la no aeroporto.

Quase na hora, eu mando uma mensagem para Raíssa pedindo que ela me espere no saguão do prédio, porque quero sua companhia, e também tem consulta marcada com Wagner, mas ela não responde, deve estar ocupada.

Quando chego não encontro Raíssa, pego meu celular no bolso da calça e ligo para saber se ela está pronta, mas congelo quando Rebeca atende ofegante.

— Isaac, a Raíssa não está bem. Chamei uma ambulância mas estão demorando.

— Estou subindo!

Desço do carro e corro o mais rápido que posso, vou pela escada, já que o elevador vai demorar.

Quando entro no apartamento, Rebeca está com o rosto vermelho de tanto chorar.

— Cadê ela?

— No quarto!

Desesperado, apresso o passo.

— Ela está cianótica, não dá tempo de esperar a ambulância — pego ela nos braços. — Vou levá-la no carro mesmo.

A aglomeração de curiosos na portaria me incomoda, ninguém mexe a porra de um músculo para ajudar.

Ligo para o hospital já com o carro em movimento, rezando para não cometer nenhuma imprudência e acabar piorando ainda mais a situação.

— É o Dr. Hale, estou chegando com uma emergência. Quero a equipe posicionada na porta do pronto socorro. Preparem um eletrocardiograma e chamem o Dr. Willians, a paciente está cianótica.

Estaciono na área específica para ambulâncias e a equipe já aguarda na porta. O Dr. Wagner me dispensa de imediato, e eu sei que só me chamará depois da sua avaliação.

Os minutos se multiplicam como uma eternidade.

Rebeca se aproxima e não consegue controlar o choro.

— Ela vai ficar bem?

— Espero que sim, Rebeca. A doença evoluiu rápido, Raíssa tem transposição corrigida das grandes artérias — a prima de Raíssa parece confusa. — O coração dela tem uma deformidade, onde ambos os ventrículos não se conectam no local certo, causando insuficiência cardíaca. Ela precisa de um transplante com urgência.

— Meu Deus! Ela me contou, mas eu não sabia a gravidade da situação.

Meu celular começou a tocar.

Minha mãe!

Droga! Esqueci de buscá-la no aeroporto.

"Meu filho, estou há mais ou menos quarenta minutos te esperando!"

— Mãe, me desculpa. Estou no hospital, Raíssa não está bem.

“Por Deus, vou pegar um táxi e te encontro no hospital.”

Dou a ela o endereço e o nome do hospital. Eu tenho certeza que ela fará o taxista chegar em tempo recorde.

Nem sei quanto tempo passa até que minha mãe entra pela porta do hospital, vindo na minha direção. Dona Isabel me abraça tão forte, transmitindo tudo o que eu preciso neste momento. Seu colo robusto e carinhoso é o meu lugar preferido desde pequeno.

— Como está, meu filho?

— Preocupado — sou sincero.

— E essa moça? — pergunta sobre Rebeca.

— Sou prima da Raíssa, senhora. Prazer, Rebeca.

— Prazer em conhecê-la, filha — e puxa Rebeca para um abraço carinhoso, notando que ela também está muito aflita. — Me diga uma coisa Isaac, por que não é você que está lá dentro atendendo a menina?

— Relação entre médico e paciente, mãe. Meu envolvimento com ela pode interferir na minha conduta profissional.

— Você é o melhor, meu filho. Não deveria pensar dessa forma.

— Felipe está internado aqui, quer ir vê-lo? — busco mudar de assunto.

— Claro.

— Rebeca, por favor, me avise caso o Dr. Wagner volte — peço, ela apenas assente, nitidamente apreensiva.

No caminho até o quarto em que Felipe está, minha mãe faz perguntas sobre o hospital e da minha rotina aqui. Conto brevemente o que ela quer saber, sem conseguir distrair minha mente.

— Se importa se eu ficar um pouco, Isaac? — ela direciona os olhos para mim.

— Não, mãe. Fique à vontade, se a senhora precisar de algo, peça para alguma enfermeira. Eu preciso voltar e esperar notícias de Raíssa.

Não consigo voltar para a sala de espera e fico na porta do pronto socorro, esperando Wagner trazer notícias. Logo ele vem, com o semblante sério.

— O que me diz?

— Olha Isaac, vamos mantê-la no hospital. Ela está muito fraca, a cardiopatia de Raíssa é altamente variável e parece estar na dependência do grau de progressão da doença. E dada à presença de complicações como hipertensão arterial sistêmica e insuficiência aórtica, eu pensei em inserir um balão intra-aórtico.

— Utilizado na falência ventricular esquerda ou choque cardiogênico — completo.

— Você sabe que é arriscado. Ela está no topo da lista, vamos observar e ver como vai evoluir de hoje para amanhã. Ela vai para a UTI pelo menos por enquanto, para que possamos monitorar melhor. Vamos fazer uma angiografia também.

Meu chão vai sumindo sob meus pés. Caminho desnorteado até Rebeca, para atualizá-la da condição de Raíssa.

— Raíssa vai ficar na UTI em observação. O Dr. Wagner pediu uma angiografia para avaliar melhor.

— O que é isso?

— É um exame importante para a análise da aorta e seus ramos, dá pra visualizar bem as alterações dos vasos. Vai ser essencial se for considerada a manipulação percutânea das lesões, seja para dilatação ou colocação de *stent*.

— Isaac, não me venha com esses termos médicos porque eu não entendo nada.

— Desculpa, é melhor você ir para casa. Eu aviso se houver qualquer alteração. — A prima de Raíssa concorda e sai.

Impaciente, vou direto para onde Raíssa está sendo levada. Espero que a equipe de residentes libere o quarto para eu poder ficar com ela.

Vê-la tão vulnerável acaba comigo. Sento na cadeira ao lado do leito e seguro em sua mão. Não sei quanto tempo passa até eu pegar no sono.

Acordo com um leve aperto em minha mão. Raíssa me olha com seus lindos olhos, seu rosto está pálido e as olheiras escuras, está fraca e debilitada.

— Oi meu amor — beijo sua mão, sem conseguir conter as lágrimas que queimam em meus olhos.

— Oi — responde baixinho, quase sem forças. — Acho que preciso fazer uma lista.

— Uma lista do que?

— De coisas para fazer antes de eu partir.

Capítulo 31

ISAAC HALE

Suas palavras ao invés de despertar meu desespero me faz sentir raiva.

Raiva por uma pessoa tão altruísta estar morrendo, e por uma pessoa tão medíocre como Felipe, possuir um coração forte no peito.

E não me sinto culpado por sentir isso. É injusto, muito injusto.

— Não fale isso, Raíssa. Nós vamos fazer uma lista, mas para realizar depois da cirurgia. Nós vamos fazer muitas coisas juntos, eu vou te dar o mundo, o que você quiser.

— Tenho fé que sim — ela sorri e engole seco. — Isaac?

— Diga.

— Eu te amo.

— Eu também amo você, minha bailarina.

— Estou cansada.

— Volte a dormir e não se preocupe com nada. Cuidarei de tudo.

Ela volta a dormir, com o semblante carregado de dor. É difícil demais vê-la nesse estado e não poder fazer muita coisa.

— Dr. Hale, sua mãe está chamando o senhor no quarto do seu irmão
— uma enfermeira avisa.

— Obrigado, diga que eu já vou.

Levanto e deposito um beijo na cabeça da minha menina. Sim, ela é minha e eu sou dela, mais do que qualquer outra coisa neste mundo!

No caminho vou me questionando como pode uma pessoa querer causar tanta dor e guardar tanto rancor.

De certo modo eu até consigo entender Felipe, se ele amava a moça como eu amo Raíssa, é até compreensível, mas os fins não justificam os meios.

Passo no refeitório para pegar um café, já que no momento estou sendo movido pela cafeína. Nem sei qual foi minha última refeição.

Porém, minha dor de cabeça aumenta quando vejo Jason.

Nada ruim que não possa piorar.

Em toda sua pose de galã, ele tem em volta de si um aglomerado de mulheres. Na certa estão pedindo autógrafos, sim, ele é uma celebridade no mundo do *ballet*. Que o cara é galã eu não posso negar, mas também é um completo idiota!

Tento sair de fininho na esperança de que ele não me veja, e não venha com suas gracinhas.

— Dr. Hale! — Mas não deu certo.

— O que você quer?

— Saber da Raíssa. — Mas é muito babaca mesmo!

— Vai embora, Jason. Não tem nada pra você aqui.

— Olha doutor, eu fui um completo idiota com ela. — Primeira coisa que eu concordo com ele. — Quero me desculpar com você e com a Raíssa.

— Por que? — sondo.

— Eu soube que ela não está bem, fui até a casa dela e lá me informaram que a trouxeram às pressas para o hospital.

— Olha Jason, eu não tenho permissão para falar de nenhum paciente com você, e também não sou o médico responsável pelo caso. Se você quiser saber, espere pelo horário de visitas — dou as costas.

— Para de ser tão ranzinza cara, eu não desejo o seu mal. Bom, pelo menos não mais.

— Que bicho te mordeu, imbecil? — indago perdendo a paciência.

— Eu descobri que amava demais uma pessoa só depois que perdi, e um dia essa mesma pessoa me disse que amar é colocar as necessidades do outro acima das próprias.

— E o que isso tem a ver comigo e com Raíssa?

— Foi ela que me falou isso. Por favor cara, acordei para a vida tarde

demais, mas eu só quero vê-la bem e feliz. Já me conformei que não sou a pessoa que ela ama, se eu nunca tivesse ido embora talvez ela ainda seria minha.

— Ainda bem que você reconhece. Foi embora e a abandonou quando ela mais precisou de você, agora ela tem a mim e ninguém vai passar por cima disso, entendeu?

Meu tom de voz está alto e nossa conversa acaba sendo o centro das atenções. Respiro fundo, recuperando o fôlego e resolvo dar a informação, mesmo a contragosto:

— Raíssa não está bem. O estado dela é grave e precisa de urgência de um transplante de coração — sou sucinto. — Agora por favor, vai embora e suma da minha vista.

— Obrigado, doutor.

Que dia de merda!

O pior ainda está por vir, que será encarar minha mãe e Felipe. Chego no quarto e minha mãe está toda melosa falando com ele.

Mal de mãe!

— Tudo certo por aqui? — pergunto tentando não demonstrar meu desgosto.

— Claro, meu filho. Só não consigo entender o motivo de ter um guarda aí fora.

— Felipe provocou um acidente, só estão aguardando o médico dar alta para que possam colher o depoimento dele e levá-lo em custódia. Ele vai responder por homicídio, porque causou um acidente grave que matou uma

pessoa.

Nossa mãe arregala os olhos pretos e coloca a mão sobre o peito.

— Por essa eu não esperava, Isaac. E a menina?

— Temos muito o que conversar, mãe. E Raíssa não está nada bem, precisamos de um doador — vejo o vinco formado entre suas sobrancelhas, demonstrando sua preocupação. — Vai tomar um café e comer alguma coisa, eu fico aqui até a senhora voltar.

Ela se vira e sai. Sua aparência está cansada, assisto seus passos lentos e os ombros caídos até que vire o final do corredor.

— Ficou aqui sozinho para tentar me matar também?

Capítulo 32

ISAAC HALE

— Cala a boca, Felipe!

Ele solta uma risada diabólica, arrepiando os pelos dos meus braços.

— Então a ridícula está morrendo? Isso é uma ótima notícia.

Tento miseravelmente ignorá-lo, nem sei o que estou fazendo neste quarto, lutando com todas as forças que possuo para não enfiar a mão na cara dele.

— Vai ficar sozinho de novo... pobre Isaac.

— O que você quer, Felipe? O que você quer para me deixar em paz?

— EU QUERO QUE VOCÊ MORRA! — meu irmão grita.

— Pra que tanta amargura? Eu não te fiz nada, sua namorada morreu não foi por minha culpa, a culpa foi sua que deixou ela se drogar ao ponto de não suportar.

— Cala a boca! Você não sabe de nada! Sua namoradinha vai morrer e eu vou comemorar igual comemorei quando me enfiei no meio das pernas de Vivian, seu bosta!

— Você o que? — Congelo ao ouvir a voz da nossa mãe vindo da porta do quarto. — O que você disse, Felipe Hale?

— Não foi nada mãe — respondo tentando apaziguar a situação.

— Não estou falando com você, Isaac! Responda, Felipe! Estou esperando e não arredo o pé daqui até você falar.

— Mãe...

— Calado, Isaac.

Enquanto isso Felipe parece estar avesso a tudo, seu cinismo tirando nós dois do sério.

— Isaac te contou que matou a minha namorada quando fazia residência?

Ela me olha interrogativa, e resolvo despejar tudo aquilo que estava entalado na minha garganta há anos, se é hora de lavar a roupa suja eu não sei, mas estou cansado de esconder as coisas dela.

— Não matei, Samantha chegou na emergência tendo uma overdose, até então eu não sabia que ela era a sua namorada. Já que estamos falando em drogas, o Felipe chegou aqui em completo estado de embriaguez, e o exame toxicológico apontou uso de entorpecentes. Não estou julgando, porque cada um faz o que quiser da própria vida, mas querer me prejudicar por uma coisa que eu não tive culpa?

— Do que está falando, Isaac? Ouvi o nome da Vivian, o que ela tem a ver com isso?

— Me deixa terminar! O seu caçula causou um acidente gravíssimo, tinham cinco pessoas no carro, entre elas, duas crianças. Uma pessoa ficou em estado grave e a outra morreu, você quer mais o que com isso Felipe? — estou invadido pela raiva. — E o homem com quem Vivian me traiu é o seu filho caçula, eu flagrei os dois na cama.

Nossa mãe ficou pálida.

— E por que não me contou?

Felipe continua impassível sem dizer uma palavra, porém eu tenho certeza que ele se importa com o que nossa mãe pensa, porque tem o apoio financeiro dela.

Ainda me lembro de quando éramos moleques e perdemos nosso pai para um câncer, foi devastador, minha mãe lutou sozinha para nos dar sempre do bom e do melhor, nunca faltou nada, e hoje com 35 anos, vejo tudo o que conquistei com o apoio desmedido da dona Izabel, me formou e depois formou Felipe, sempre nos incentivou a estudar.

Felipe com 29 anos terminou os estudos na marra, não sabia como era enquanto profissional, mas sua dependência sempre foi nítida, não julgava e nem nunca o julguei, pois eu não sabia o que se passava dentro de sua cabeça, eu só sabia de uma coisa: Ele nutria um ódio por mim, que o levou a ruína por ter uma mente tão desprezível.

— Porque eu nunca quis lhe causar desgosto, mãe — confesso.

— Eu amo os meus filhos mais do que qualquer coisa nessa vida — ela olha para mim e depois para Felipe, apontando o dedo para ele — mas você Felipe, sempre foi o mais mimado e foi ai que eu pequei com você. Sempre teve tudo o que quis, mas isso acaba aqui.

— Mãe, o Felipe vai responder pelo crime que cometeu. Vai pegar alguns anos de prisão.

— Ele vai pagar pelo erro que cometeu sim, e eu não moverei um músculo sequer para ajudar. Quem sabe lá dentro da cadeia você aprende a dar valor a alguma coisa, quem sabe alguém lá dentro te dê uma lição melhor do que eu jamais fui capaz de ensinar — lágrimas escorrem de seus olhos, a decepção nítida.

Ela enxuga o rosto, vai até o sofá e pega sua bolsa, a joga no ombro e caminha em direção à saída.

— Mãe — pela primeira vez Felipe fala.

Ela ergue a mão sinalizando para que ele não continue, noto seus ombros subindo e descendo por conta da respiração pesada. Nossa mãe está nervosa, ela dá mais um passo, mas não se contém, volta até ele e desfere um tapa muito bem dado na cara de Felipe, que parece não se conformar.

— Isso é por esses anos todos que eu te eduquei para ser um bom homem, que você retribuiu causando mal ao seu irmão e a outras pessoas.

Ela sai logo em seguida sem falar mais nada e nem olhar para trás. Felipe me encara com ódio, seus olhos parecem vermelhos, sua respiração ofegante. Eu não tenho mais nada para fazer aqui, e antes que eu saia eu o ouço gritar:

— Ela vai morrer Isaac, e você vai se foder sozinho!

Meu celular toca, olho na tela uma mensagem de texto que quase me faz perder o ar.

“Emergência, Dr. Wagner Williams solicita apoio médico no leito 3 da UTI.”

— Por favor, não! — É o leito de Raíssa.

Faço meu caminho até a UTI o mais rápido possível. As pessoas no corredor do hospital me olham curiosas, as palavras de Felipe mais uma vez ecoam em minha mente. Faço uma prece silenciosa, eu que nunca acreditei muito em Deus, estou aqui pedindo e implorando.

— Por favor, meu Deus. Se Você existe mesmo, cuide da minha

bailarina.

Capítulo 33

RAÍSSA MONTENEGRO

Eu nunca parei para pensar muito em como eu iria partir, ou se realmente existia aquela linha tênue que separava o céu e o inferno, ou para qual dos dois lugares eu iria, mas confesso que se este for o meu momento eu iria feliz, não totalmente tranquila, mas feliz.

Feliz com o que fui capaz de fazer no decorrer da minha vida, feliz por me aceitar do jeito que eu sou, feliz por ter conquistado o mundo do *ballet*, por pouco tempo, e esse pouco me tornou uma grande bailarina, meu nome era reconhecido dentro do mundinho pequeno de artistas da dança. E principalmente feliz por ter aberto meu coração e aceitado o amor conhecendo a pessoa mais maravilhosa e rabugenta desse mundo.

Isaac me fez tão bem, fez eu me sentir mulher como nunca imaginei ser possível, sua proteção, seu carinho e seu cuidado era o que eu mais queria e mais precisava nessa vida.

Minha única dor é ter que deixá-lo. Eu me arrependo de não ter permitido ele entrar na minha vida antes, ter morrido de amor ou de paixão não doeria tanto. Minha dor maior é vê-lo sofrer, como vi agora pouco, dormindo todo torto em uma poltrona.

Assistia o monitor que mostrava linhas subindo e descendo, e ouvia o ruído incessante do big a cada segundo.

Sem querer peguei no sono novamente e de repente senti uma pontada no peito. Ouvi o monitor disparar, não foi um bom sinal. O bip irritante tornou-se um barulho estridente e desesperador.

Escutei uma enfermeira chamar o médico, mas não consegui discernir suas palavras. Minha concentração maior estava na dor muito forte que se alastrou em meu peito, fazendo com que o ar começasse a faltar.

A equipe médica chega e tenho a impressão de ver Isaac junto do Dr. Wagner, luto com a minha consciência e também com toda a carga emocional que me acompanha dominando-me inteira. Logo tudo fica escuro e não vejo mais nada, minhas pálpebras pesam tanto que não suporto o peso, mergulhando em uma escuridão agonizante.

(...)

Acordo com uma leve ardência no peito. Estou sonolenta e com a visão turva, não sei quanto tempo levo para tomar o controle da minha consciência. Como é de costume, Isaac está aqui comigo, encostado no canto da parede, com os olhos vidrados na janela. Fico admirando-o, seu semblante sério, sem deixar de notar o copo de café, que em seguida ele dá um gole generoso. Só consigo ver seu perfil, o queixo quadrado impondo toda a sua masculinidade. Ele leva a mão no rosto e coça os olhos, aparentemente cansado. Olha direto para os monitores quando fica de frente para mim, como se verificasse constantemente as batidas do meu coração. Quando vê que estou acordada vem rapidamente até a beira da cama e se senta.

— Que bom que você acordou, me deu outro susto — se aproxima e beija meus lábios.

— O que houve? Não me lembro de quase nada.

— Você teve uma parada cardíaca. — O meu tempo realmente está acabando. — Eu pedi para Deus que cuidasse de você e que não a tirasse de mim, não sei se ele me ouviu, mas alguma coisa ele fez, você está aqui comigo meu amor.

Não consigo conter as lágrimas que insistem em transbordar dos olhos. Isaac também chora, eu tento lhe dar algum tipo de conforto segurando em suas mãos, já conformada com a minha situação. Tento mudar de assunto.

— Já assistiu “Um Amor para Recordar” do Nicholas Sparks?

— Não sei quem é esse cara — ele sorri.

— Conta a história de uma moça que tem uma doença terminal, e que conhece o amor mais improvável de todos. No decorrer do filme ela conta que tem uma lista de coisas para fazer antes de morrer.

— Por que está falando sobre isso de novo?

— Porque eu também quero uma lista — insisto.

— Não fala assim, Raíssa, não de novo, por favor.

— A primeira seria fazer uma tatuagem, você tem! Dói muito? — tento descontrair para mandar a melancolia embora.

— Depende do lugar que você vai fazer, mas geralmente é uma pequena ardência. O que você tem em mente?

— Uma bailarina, ou quem sabe uma sapatilha.

— Vai ficar linda se fizer aqui, bem pequena e delicada — ele segura minha mão direita e aponta para o meu pulso. Isaac abre outro sorriso, que não esconde sua tristeza profunda.

— Quero conhecer o Brasil, a cultura indígena e as famosas praias. Dizem que são lindas e que o clima é quente.

— Podemos fazer isso!

— Eu queria desenvolver super poderes — Isaac faz cara de surpreso e me olha interrogativo.

— Por que?

— Queria amenizar as injustiças desse mundo, a dor das crianças que sofrem com o câncer ou passam fome, por exemplo.

Ele olha no fundo dos meus olhos e me abraça forte.

— Sim, Raíssa, o mundo é muito injusto!

— Só me arrependo de uma coisa nessa vida — ele se afasta para me olhar — ter perdido tanto tempo e não ter gasto ele com você. Tudo está passando tão rápido, mais rápido do que eu imaginei, e quando o meu frágil coração parar de bater, eu quero que você saiba que nunca estará sozinho, porque de um jeito ou de outro, permanecerei em seu coração pelo resto da vida.

Mais lágrimas são derramadas dos meus olhos, minha voz sai embargada pelo choro. Isaac chora também, de uma forma mais contida. E saber que eu sou o motivo de seu sofrimento me dói ainda mais. Ele fica mudo, ele melhor do que ninguém sabe que cedo ou tarde eu vou deixá-lo.

— Eu te amo, Raíssa — diz aos soluços.

— Eu também amo você, mais do que achei ser possível amar alguém.

Isaac me beija e me abraça forte. Suas lágrimas misturam-se com as minhas quando ele encosta seu rosto no meu.

Estamos sofrendo por antecipação, ainda há chances, entretanto eu não acredito mais nelas. É errado pensar assim, mas estar desenganada e

aceitar a situação talvez seja melhor.

Isaac deita na cama pequena se aconchegando junto a mim, e me envolve em seus braços apoiando sua cabeça ao lado da minha no travesseiro, e diz baixinho:

— Nós vamos conseguir um coração novo para você. Eu tenho fé que vamos conseguir. Seu nome está no topo da lista de transplantes, é só questão de tempo para aparecer.

— Alguém tem que morrer para eu conseguir, e não desejo isso.

— Ninguém tem o poder de alterar a ordem natural das coisas. Nós vamos conseguir, bailarina.

Capítulo 34

ISAAC HALE

Consegui compreender o lado de Raíssa depois da nossa conversa séria. Ela entende bem a gravidade da situação, mas eu estou muito relutante, não consigo aceitar o fato de que a perderei, mesmo sendo questão de pouco tempo para acontecer. Definitivamente, não estou nem um pouco preparado para isso. Seria como perder o melhor pedaço de mim.

Só consigo me sentir tão insignificante e desarmado como uma metralhadora sem munição. Estou aqui, ciente de tudo o que pode acontecer e simplesmente não posso fazer nada.

A espera tornou-se algo quase insuportável, são minutos que mais parecem horas, e horas que parecem durar dias, e os dias se arrastam na esperança de receber um mísero telefonema me informando que há um coração disponível para a minha bailarina.

Desejar que alguém compatível tenha uma morte cerebral e que seja doador de órgãos, ou que a família autorize a doação, é um pecado, é como se eu tivesse a intenção de salvar a minha própria pele, sendo demasiadamente egoísta, por sentir que não conseguirei viver em um mundo onde Raíssa não esteja presente.

— Meu filho, você precisa dormir um pouco — ouço minha mãe falar baixinho. — Pode ir que eu fico com ela, vai descansar.

— Não vou sair daqui, mãe.

— Deixa de teimosia, por favor — ela pede cheia de compaixão,

fazendo-me aceitar.

Levanto, dou um beijo na testa de Raíssa e me despeço da minha mãe.

Saio movido pela esperança de encontrar uma solução, ou que alguém me ligue da central de transplantes com uma boa notícia.

Faço o caminho para casa como se o meu piloto automático estivesse ligado, totalmente absorto e avesso ao mundo lá fora.

Ao chegar no prédio, vou direto para o apartamento dela, o que se tornou corriqueiro para mim. Minha casa serve apenas para pegar uma coisinha ou outra, pois praticamente me mudei para o apartamento de Raíssa sem pedir permissão.

Quando abro a porta não consigo dominar a saudade de tê-la em meus braços, e sentir o calor de seu corpo. Estremeço ao pensar que nunca mais poderei venerar o corpo dela.

No quarto vou até o armário para pegar uma toalha e quando abro o guarda roupas, o cheiro dela invade minhas narinas em grande proporção. No cantinho encontro uma caixa de madeira que chama a minha atenção, a pego e dentro dela encontro suas sapatilhas, vários pares, umas mais usadas que as outras, e me lembro do dia em que a vi dançar pela primeira vez, aproximadamente há seis anos. Tão linda e tão majestosa. Queria tanto saber qual desses pares ela usou naquele dia. Pego um aleatório e deixo em cima da cama, quero que ela saiba que eu achei.

Pego a toalha e vou direto para o banheiro tomar um banho quente e demorado, o contato da água quente nas minhas costas faz com que meus músculos tensos comecem a relaxar pouco a pouco. A água que escorre se mistura com as lágrimas que, eu nunca achei possível derramar por alguém.

Puxo o ar pelo nariz bem devagar e solto pela boca, tentando controlar

minha respiração. Encosto as mãos na parede buscando encontrar um apoio, pois sinto que minhas pernas podem fraquejar a qualquer momento, tento respirar fundo e não deixar que a agonia crescente tome conta da minha sanidade, sem querer encosto a cabeça na parede e é difícil evitar os soluços que trancam a minha garganta.

Perco a noção do tempo no chuveiro, e só percebo quando o frio começa a castigar meu corpo, então desligo e saio. Me seco, visto uma cueca e logo deito na cama, os lençóis estão impregnados com o cheiro da minha bailarina, tudo aqui tem o seu cheiro e não demora muito até eu mergulhar em um sono pesado.

(...)

Acordo meio perdido, sem noção nenhuma de quanto tempo apaguei, fito o teto e paro mais uma vez para pensar na situação e no meu envolvimento com Raíssa. Ela é, sem dúvida, a mulher com quem eu quero passar o resto da minha vida. Levanto rapidamente e vou direto para o banheiro escovar os dentes, enquanto me encaro no espelho tomo uma decisão que eu já deveria ter tomado há algum tempo.

Não importa e nem interessa à ninguém, somente a mim e a minha bailarina, se serão poucos dias ou não, mas será por ela e por mim. Raíssa merece ser feliz independente de quanto tempo resta para nós, estou disposto a proporcionar os melhores dias de sua vida.

Saio do banheiro, pego o celular, e peço silenciosamente para que a pessoa do outro lado da linha não demore a atender.

— Rebeca, preciso da sua ajuda, chame a minha mãe também, por favor!

Visto uma calça jeans azul e moletom cinza, calço o tênis, pego as

sapatilhas de Raíssa, a chave do carro e saio em busca do necessário.

RAÍSSA MONTENEGRO

— O que faz tanto nesse celular, Rebeca?

Fico curiosa ao ver Rebeca andar para lá e para cá atendendo ligações misteriosas, toda sorridente enquanto digita incansavelmente.

— Não é nada — ela está escondendo alguma coisa.

— Sei bem, mocinha.

— Relaxa, Ra.

— Se eu relaxar mais vou me fundir com essa cama de hospital!

— Bobona — ela brinca e sorri.— Como está se sentindo?

— Bem, na medida do possível.

— Você vai ficar bem — minha prima se aproxima da cama com sua feição alegre de sempre, mas há algo que ela continua me escondendo. O brilho em seus olhos não me engana. Seu celular toca outra vez, ela me olha e depois desvia o olhar para a tela. — Preciso sair rapidinho, já volto.

Quando Rebeca sai do quarto eu me sinto esquisita. Isaac não apareceu por aqui hoje, eu entendo sua situação, porém confesso que ele me faz muita falta. O que eu mais quero é que ele apareça na porta com seu sorriso lindo, poder sentir o cheiro almiscarado em sua pele, e sentir seus lábios nos meus. Uma saudade doida me aperta o peito, quase impossível de controlar.

Minha cabeça e meu coração pedem por calma, o corpo pede mais tempo, mas a vida segue e o relógio não para. Por tanto tempo eu lidei com

tudo, e agora estou me recusando a aceitar que minha vida tem horas contadas.

Estou confusa.

Fecho meus olhos e faço uma prece silenciosa, para que eu possa ganhar um coração novo, ou que pelo menos consiga enfrentar essa aflição.

Com os olhos já fechados e quase pegando no sono, sinto uma leve carícia na minha cabeça, a presença dele preenche todo o quarto, seus poros exalam o perfume que eu tanto amo.

— Oi, minha bailarina — Isaac sorri docemente para mim.

— Oi — retribuo o sorriso.

— Eu quero te fazer uma pergunta.

— Estou inteiramente ao seu dispor, doutor — brinco.

— Antes de qualquer coisa, eu quero que saiba que eu te amo, e que nada neste mundo me fará mudar de idéia. Eu não quero saber se você está doente, porque eu tenho certeza que vamos superar juntos. Eu te conheço e sei que pode criar um monte de empecilhos para o que vou te falar agora, e eu juro que não quero saber Raíssa... eu só quero que você me responda sim ou não.

— Fala logo, Isaac — todo esse discurso me deixou ansiosa.

Ele coloca um par de sapatilhas no meu colo, que eu conheço muito bem, e olha no fundo dos meus olhos.

— Raíssa, você aceita se casar comigo?

Meus olhos ficam marejados e eu não consigo conter a alegria

crescente, respondo com uma única palavra, como ele pediu.

— Sim.

— Eu sou seu e você é minha, e a partir de hoje você terá o meu sobrenome.

*"Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara
Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência
Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?*

*A vida é tão rara
Tão rara
Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não para
A vida não para não
Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara
Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida é tão rara
A vida não para não
A vida é tão rara"*

(Paciência - Lenine)

Capítulo 35

RAÍSSA MONTENEGRO

— Sim.

— Eu sou seu e você é minha, e a partir de hoje você terá o meu sobrenome.

Não consigo disfarçar o sorriso bobo em minha face, ele cola seus lábios nos meus e logo se afasta.

— Vou deixar você se arrumar. Tem uma surpresa te esperando.

— Uma surpresa? Me arrumar para que?

— Se eu contar deixa de ser surpresa, espertinha.

Isaac sai sorridente, Rebeca nos observava na porta discretamente, ela corre reluzente na minha direção e então me abraça apertado. Só não pulou e fez mais bagunça porque provavelmente eu teria um ataque cardíaco.

— Aiii prima, será que um dia eu vou arrumar um homem desses?

— Claro que vai, é só você parar de procurar que ele vai aparecer.

— Vem, que vamos deixar você ainda mais linda.

— Pra que?

— Ué sua boba, ele não disse que tem uma surpresa?

— Disse, e você sabia de tudo o tempo todo, não é mesmo, Rebeca?

— indago.

— Sim, me desculpa — abre um sorrisinho e depois ri.

Logo dona Isabel entra no quarto carregando um pacote grande nas mãos, e tira um vestido branco de dentro dele.

— Esse vai ficar lindo em você, Raíssa. É o meu presente de casamento.

Espera, ela disse vestido de casamento?

Fico perplexa, boquiaberta e em choque, mas não digo nada, tentando engolir a vontade de fazer mil perguntas.

— Venha, vamos te arrumar — Isabel me chama.

Uma moça veio para arrumar o meu cabelo e também fazer uma maquiagem leve.

É lógico que eu sei o que está prestes a acontecer e confesso que está impossível conter a alegria.

Depois de tudo pronto, minha sogra me entrega o vestido e eu fico totalmente deslumbrada ao ver a peça. É lindo e simples, do jeito que eu gosto. As duas me ajudam a vesti-lo, e quando me admiro no espelho, uma emoção diferente de tudo o que já senti, toma conta do meu íntimo.

— Você está linda, Raíssa — Rebeca diz.

Ela pega um espelho grande e coloca na minha frente. Fico extasiada com a imagem refletida, meus cabelos caem em ondas perfeitas um pouco abaixo dos ombros, o vestido longo e branco, em tecido *zibeline*, frente única, deixa meus braços finos a mostra, alongando bem a minha silhueta, uma fita de cetim na cor creme faz o contorno da minha cintura, o recorte do tecido

desde justo até um palmo acima dos joelhos e a partir dali ele cai em uma abertura maior, cobrindo até os meus pés.

Não existem palavras para descrever, simplesmente magnífico. Moldou perfeitamente todas as curvas do meu corpo. Por fim, calço sandálias de tiras de salto alto.

— Vamos! — Isabel fala animada.

Logo uma das enfermeiras vem com uma cadeira de rodas, e eu me sento, já sabendo do protocolo. Rebeca me leva pelos corredores do hospital e não reconheço o caminho que estamos percorrendo pelo *Medstar*, mas a ansiedade me consome e não deixa prestar atenção nos detalhes.

— Agora é a sua hora — Rebeca anuncia quando paramos na frente de uma porta de vidro fumê, que impossibilita a visão para o lado de dentro.

Levanto da cadeira, minha prima pega uma coroa de flores naturais e coloca no topo da minha cabeça, em conjunto um buquê de rosas brancas. Eu não consigo encontrar palavras para descrever o momento.

— Essa é a surpresa, é o seu momento, aproveite.

Suas palavras penetram no fundo do meu coração, eu só posso acenar positivamente com a cabeça, porque qualquer palavra que ousasse falar seria um rio de lágrimas jorrando dos meus olhos, tamanha felicidade que estou sentindo.

Meu estômago revira ao pensar o que me espera do outro lado da porta, me sinto como uma adolescente boba descobrindo seu primeiro amor, o amor da minha vida, o melhor presente que pude ganhar aos empurrões. Sorrio com a lembrança do ogro bonitão falando pra eu olhar por onde eu andava.

E agora estou indo ao seu encontro para me tornar sua esposa. Respiro fundo e logo as portas se abrem, ao som da música do *EdSheeran* na voz de *BoyceAvenue*. Dona Isabel vem do meu lado e me apóia para me levar ao encontro do seu filho, que me espera no altar.

Perfeita

*Eu encontrei um amor para mim
Querida, mergulhe de cabeça
E me siga
Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce
Eu nunca pensei que você era
A pessoa que me esperava
Pois nós éramos apenas crianças
Quando nos apaixonamos
Sem saber o que aquilo significava
Eu não desistirei de você desta vez
Mas querida, me beije devagar
Seu coração é tudo o que eu tenho
E em seus olhos, você guarda os meus
Querida, estou dançando no escuro
Com você entre os meus braços
Descalços na grama
Ouvindo nossa música favorita
Quando você disse que estava desarrumada
Eu sussurrei sob minha respiração
Mas você ouviu, querida
Você está perfeita esta noite
Eu encontrei uma mulher mais forte
Do que qualquer pessoa
Ela compartilha os meus sonhos
Espero um dia compartilhar seu lar,
Ainda somos crianças*

*Mas estamos apaixonados demais
Lutando contra todos os obstáculos
Sei que ficaremos bem desta vez
Querida, segure minha mão
Seja a minha garota, serei seu homem
Eu vejo meu futuro em seus olhos
Querida, estou dançando no escuro
Com você entre os meus braços
Descalços na grama
Ouvindo nossa música favorita
Quando te vi naquele vestido
Tão linda
Eu não mereço isso, querida
Você está perfeita esta noite
Querida, estou dançando no escuro
Com você entre os meus braços
Descalços na grama
Ouvindo nossa música favorita
Eu tenho fé no que vejo
Agora eu sei, conheci um anjo em pessoa
E ela é perfeita, eu não mereço isso
Você está perfeita esta noite.*

(Perfect - Ed Sheeran)

O MedStar tem um jardim de inverno lindo, e só tomo conhecimento disso agora. O local foi transformado, há flores naturais por todos os lados e o cheiro delas preenche todo o local. Luzes artificiais também compõem a decoração, o corredor por onde passo está repleto de pétalas de rosas da mesma cor que o meu buquê, olho para cima e vejo o teto de vidro onde a neve cai discretamente. Está tudo perfeito.

ISAAC HALE

Confesso que se não fosse pela ajuda da minha mãe e de Rebeca para fazer tudo isso acontecer tão rápido não seria possível. O que mais me deixou nervoso foi escolher uma aliança para minha bailarina, eu estava inseguro e fiquei morrendo de medo de errar o tamanho do anel, mas não ia ser isso que me impediria de fazer isso por ela.

Agora estou aqui, ansioso a sua espera. Deixei Raíssa aos cuidados da prima e da minha mãe, onde elas prepararam tudo para arrumá-la para esse momento tão especial.

Quando a música que eu escolhi começa a tocar, o meu coração salta em batidas fortes e frenéticas. Consigo ver sua silhueta através da porta, uma imagem borrada, mas que confirma que ela está ali. A porta se abre e eu a vejo tão linda, e a cada passo ela fica mais próxima de ser minha para sempre.

Recordo do nosso primeiro beijo, que a fez sair correndo assustada, da nossa primeira noite de amor juntos, que nos levou ao êxtase como nunca senti na vida.

Este é o nosso momento e eu estou feliz em poder proporcionar isso para ela.

Minhas pernas estão bambas, mas me esforço para ir de encontro a ela, ao amor da minha vida.

RAÍSSA MONTENEGRO

No final do corredor Isaac me aguarda junto a um juiz de paz, a cada passo dado e o ressoar da música parecem fazer minha respiração falhar. Isaac está lindo, com um smoking preto, camisa branca e gravata borboleta. Seu sorriso estampado no rosto me diz o quanto ele está reluzente. Simplesmente maravilhoso.

Ele desce do pequeno altar e se aproxima de mim, pega em minhas mãos e beija a minha testa, depois faz o mesmo com a mãe que me acompanhou até aqui. Ainda me sinto fraca e com medo de cair em qualquer passo em falso. Ele percebe e então oferece seu braço.

Nos acomodamos e o senhor olha para as poucas pessoas presentes e começa o discurso:

— Estamos aqui hoje para celebrar as melhores coisas da vida, a confiança, a esperança, o companheirismo, o amor entre este casal (...) — me perco entre as palavras do juiz de paz. — Vocês são parte insubstituível do seu ontem, do seu hoje e de todos os seus amanhãs...

Depois do tão esperado sim, Isaac me olha nos olhos e diz:

— Raíssa, eu te conheci da forma mais improvável de todas, e agradeço tanto por você ser desastrada e ter trombado comigo. Você me ensinou amar, me ensinou a cuidar de alguém, me ensinou que as coisas que realmente valem a pena não tem preço. Te escolhi e você me escolheu, nessa união quero que o nosso amor cresça ainda mais, uma caminhada rumo ao futuro. Vamos abrir mão de tudo o que somos separados, em prol de tudo o que podemos ser juntos. Eu te entrego essa aliança agora, porque eu nunca estive tão certo de algo na minha vida. É com você que eu quero viver o resto dos meus dias, pois enquanto eu respirar jamais deixarei de cuidar de você.

— Eu não tenho um discurso, mas estamos longe da superfície agora — digo bem próxima do seu ouvido, fazendo-o sorrir.

— Não importa. A única coisa que importa agora é que somos apenas um.

"O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."
(1 Coríntios 13:4-7)

— Pode beijar a noiva.

Quando nossos lábios se tocam a magia acontece.

— Se lembra quando você se apresentou em Vancouver, há aproximadamente seis anos? — Ele questiona assim que afastamos nossos lábios, encosta a testa na minha e fecha os olhos como se lembrasse de algo.

— Sim, mas por que a pergunta agora?

— Eu estava lá. Assisti você dançando O Lado dos Cisnes, e desde então nunca tirei você da minha cabeça. — Isaac sorri e encaixa meu rosto entre suas mãos. — Gosto de pensar que estávamos predestinados, e agora você é minha. Tudo o que aconteceu no meu passado fez parte do percurso para nos encontrarmos. Eu não te contei, mas quando descobri que era você, eu prometi a mim mesmo que nunca te deixaria e que iria insistir o quanto fosse necessário para ficarmos juntos.

Reajo abraçando ele o mais forte que meus braços conseguem, as lágrimas que escorrem dos meus olhos são de alegria.

O destino às vezes pode ser irônico, ao mesmo tempo que é cruel, é bondoso, porque uniu nossas vidas dessa forma. Com mais um beijo, nós selamos o compromisso.

Minha única reação nesse momento é abraçá-lo o mais forte que meus braços permitem, as lágrimas que escorrem dos meus olhos são de alegria.

Parece que só existe nós dois, e só volto quando o ressoar de palmas toma o ambiente. Olho para Rebeca e Isabel, que também choram emocionadas. As enfermeiras que sempre cuidaram de mim também suspiram, como se todo o ocorrido fizesse parte de um conto de fadas. É bonito o olhar de admiração que todos têm por Isaac. Carter, que é diretor da companhia de *ballet*, está presente, e por incrível que pareça Jason também. Olho interrogando Isaac e ele dá os ombros, sorrindo torto.

Logo vamos até uma mesa onde sentamos, e servem um jantar magnífico, com salada caesar, massas divinas e especiarias gourmets. Tudo simples e ótimo. Os doces são sofisticados. Isaac pensou em tudo.

Pouco depois o Dr. Wagner entra no jardim e se aproxima de nós e para nos parabenizar.

— Vá com calma mocinha, não se esforce demais — ele brinca.

— Obrigada, doutor.

— Bom, eu não vim aqui somente para felicitar o casal, vim para te trazer um presente de casamento, Raíssa.

Um vinco se forma entre as sobrancelhas de Isaac, e sinto a tensão em seu braço.

— A central de transplantes acabou de ligar, chegam dentro de três horas.

— Então quer dizer que temos um coração? — pergunto.

— Sim, menina — o meu médico sorri gentilmente e olha para Isaac.

— O meu presente pra você Isaac, é permitir que assista a cirurgia, mas já aviso que qualquer reação não profissional da sua parte, eu vou obrigar que se retire, sem me importar se você é o meu chefe ou não — Dr. Wagner sorri e dá um tapinha leve no ombro do amigo.

Eu não consigo crer. Isaac me abraça forte e quando me solta posso observar seus olhos marejados, porém, nós dois não conseguimos controlar. Nunca chorei tanto em minha vida como nesses últimos meses, uma emoção atrás da outra.

— Preparem-se. Já solicitei que os residentes façam o pré-operatório, só estão te esperando Raíssa. Vejo vocês dois na sala de cirurgia.

Capítulo 36

RAÍSSA MONTENEGRO

Já na mesa de cirurgia Isaac segura a minha mão. Vejo Dr.Wagner através do vidro, se lavando para começar o procedimento.

Se eu estou nervosa?

Com certeza!

— O procedimento dura em torno de cinco horas. Vai dar tudo certo, meu amor. Todos os testes foram feitos, não tem porque dar errado. Estarei aqui com você o tempo todo.

— Se algo der errado, eu quero que você saiba que eu te amo Isaac.

— Eu também amo você, minha bailarina — ele me beija e se levanta quando Dr. Wagner entra na sala.

— Raíssa, nos vemos daqui algumas horas — o médico diz e sorri. Passam poucos segundos até eu começar a me sentir sonolenta, enquanto isso, meus olhos e os de Isaac permanecem fixos até eu perder totalmente a consciência.

ISAAC HALE

Quando ela adormece começo a suar frio e ficar nervoso, enquanto Wagner começa o procedimento fico observando de longe, já faz quase uma

hora de cirurgia, e meu telefone toca.

"Emergência."

Wagner me olha e acena com a cabeça, transmitindo tranquilidade. Confesso que não conseguiria suportar tantas horas na sala cirúrgica mesmo, vendo Raíssa desfalecida e ligada à uma máquina enquanto seu coração é arrancado do peito.

(...)

Quando termino de atender o meu paciente, eu volto correndo, mas não me atrevo a entrar, fico apenas assistindo pelo vidro da antessala que usamos para nos esterilizar. Wagner está prestes a colocar o novo coração no peito de Raíssa, o que me faz tremer. Meus pulmões começam a faltar ar, e sem perceber eu estou pedindo que Deus abençoe as mãos do meu amigo, para que nada dê errado.

Um procedimento que na minha experiência profissional é de fato comum, se torna um martírio sem fim.

Agora entendo perfeitamente porque os médicos não podem atender pessoas próximas, a carga emocional atribuída é imensa, e qualquer descuido ou decisão errada tomada pela emoção pode custar a vida do paciente.

Saio meio sem rumo, e vejo que Felipe teve alta e está sendo levado pela polícia. Ele passa por mim algemado, lançando seu olhar rancoroso e ameaçador. Vejo de longe que minha mãe está enxugando as lágrimas, tentando ser forte. Ela sabe que ele precisa pagar pelo erro e sabe-se lá mais o que o meu irmão aprontou por aí. Não sei para onde ele vai, mas o mínimo que Felipe deve fazer é tirar uma lição significativa disso tudo para tentar ser uma pessoa melhor.

Quando sai pela porta, através do vidro eu o vejo sendo escoltado para

dentro do carro da polícia. Minha mãe vem até mim, me abraça forte e chora.

Não deve estar sendo fácil para ela, mas eu tenho certeza que dona Isabel não moverá uma palha para tirar Felipe da cadeia, e sim se dispor a ajudar a família que ele destruiu.

(...)

Algumas horas depois Raíssa foi encaminhada para a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), respirava por aparelhos e permanecerá assim em torno de quatro a cinco dias, e posteriormente ficará no hospital por aproximadamente duas semanas. Esse é o tempo necessário para avaliarmos a sua função cardíaca, e também haverá a necessidade de realizarmos uma biópsia miocárdica, na qual saberemos se seu corpo irá ou não rejeitar o coração transplantado, e também servirá para controlar a dosagem dos medicamentos que ela vai tomar pelo resto da vida.

A espera foi longa, mas finalmente teve fim com o melhor presente de casamento de todos os tempos.

Eu fico a observando, neste momento não sou médico e muito menos chefe do departamento. Eu sou apenas o marido ansioso por informação, eu tenho sim alguns privilégios, como acompanhar todo o procedimento e ser comunicado de qualquer coisa com prioridade, mas neste exato momento, eu sou o acompanhante e receptor de boas ou más notícias.

— Correu tudo bem na cirurgia, fique tranquilo — Wagner diz com a mão em meu ombro.

O ar que faltou em meus pulmões finalmente começou a voltar, consigo respirar mais aliviado. Impensadamente, eu abraço o meu amigo e companheiro de trabalho, que retribui o gesto sem jeito.

— Obrigado, Wagner.

— Só fiz o meu trabalho. Eu tenho certeza que você faria o mesmo por mim.

— Não tenha dúvidas.

Enquanto os residentes conferem se todo equipamento está ligado e os sinais vitais de Raíssa estão dentro dos padrões, ouço alguns cochichos entre eles sobre nosso casamento, tento ignorar mas fico irritado, coisa que não acontece há algum tempo.

— Já terminaram? — indago, irritado.

— Sim, Dr. Hale.

— Então saiam agora!

Os residentes saem de cabeça baixa, eles entenderam minha repreensão e meu mau humor, que já é bem conhecido por todos.

Horas depois Raíssa vai recobrando a consciência aos poucos, e logo começa a engasgar com o tubo inserido na sua traqueia, removo o tubo com cuidado e ela respira com mais facilidade. Está pálida, com olheiras escuras ao redor dos olhos, a examino e ao que tudo indica, ela está bem, ainda está sonolenta e não diz nada, ela me olha e sorri e logo fecha os olhos pegando no sono por conta da medicação forte.

Fico tão aliviado que é como se uma tonelada de carga fosse tirada das minhas costas, a agonia crescente do meu coração se esvaia aos poucos, mas ainda não é hora de comemorar, as primeiras vinte e quatro horas eram cruciais e decisivas.

RAÍSSA MONTENEGRO

Aos poucos recobro a consciência, meu peito arde e até respirar

parece ser uma tarefa difícil, minha boca está seca, Isaac está aqui e posso notar que me examina. Não consigo falar nada, minhas pálpebras ainda estão pesadas, e mesmo lutando para me manter acordada não consigo, mal consigo avaliar o que está a minha volta quando adormeço.

Mais tarde meus olhos pesados se abrem novamente, não tenho idéia de quanto tempo fiquei apagada. Isaac não está no quarto, olho em volta e estou sozinha, o curativo no meu peito chega perto do meu pescoço e vai até a altura do meu estômago, sinto um desconforto grande pela cirurgia recente, não é nada agradável sentir seu peito repuxar por dentro, é como se minhas entranhas estivessem amarradas por uma corda tão apertada quanto um nó cego. Tento respirar fundo, mas é quase impossível.

Uma das enfermeiras vem até mim e me pergunta como me sinto, e digo apenas sobre o desconforto, ela sorri carinhosamente e sai. Não demora muito para Dr. Wagner e Isaac entrarem no quarto.

— Boa noite, menina.

— Boa noite, doutor.

— Como se sente?

— Dolorida.

— É comum após uma cirurgia grande dessas. Você está respondendo muito bem, e logo poderá sair da UTI e ir para outro quarto. Ainda ficará alguns dias no hospital, para termos certeza de que tudo corre bem. As primeiras vinte e quatro horas que eram as mais preocupantes, já foram. Agora vamos continuar te monitorando, certo?

— Certo doutor, obrigada — ele anota algo em uma prancheta e sai.

Isaac me olha de braços cruzados, seu jaleco abraça seus braços fortes

e o deixa ainda mais sexy. Sinto falta do seu abraço forte e do seu corpo no meu, seus olhos parecem marejados e seu semblante cansado, porém continua lindo. Meu homem, meu marido.

— Pode falar — sussurro.

Ele não consegue mais conter as lágrimas que com muito custo segurava.

— Eu estava tão preocupado, morrendo de medo de te perder. Minhas lágrimas são de alegria por saber que você está bem. Acho que não consigo viver em um mundo que você não esteja.

Respiro fundo e sorrio. Como eu amo esse homem!

— Nós vamos ficar bem, Isaac.

Dessa vez o otimismo é meu, pois eu quero viver ao seu lado, construir uma família linda, e acordar todos os dias ao lado dele.

(...)

Quase um mês depois estou em casa, Isaac entregou o apartamento e veio morar comigo. Por enquanto não vemos a necessidade de uma casa maior, só para nós dois meu apartamento está de bom tamanho.

O tempo passado no hospital no pós-operatório foi tão angustiante quanto a espera de um novo coração, passou tão devagar quanto. A ansiedade em ir para casa e estar nos braços de Isaac foi uma tortura.

Ficamos sabendo que Felipe foi condenado a anos de prisão, dona Isabel sofreu, mas não deixou a peteca cair e logo depois voltou para a sua casa. Rebeca ia e voltava sempre que podia, mas saber que Isaac estaria em casa comigo todos os dias, foi o que me confortou e me manteve forte.

Não podia dizer que ele chegava todos os dias no mesmo horário, às vezes sentia a cama afundar no meio da noite e seu abraço apertado, outras vezes chegava pela manhã, e outras no final de tarde. Sua rotina no hospital continuava atribulada, saía correndo para atender emergências, mas eu sabia que a qualquer momento ele entraria pela porta, sem nunca deixar de me agraciar com seus abraços fortes.

Nos últimos meses eu sempre olhava pela minha janela, todas as noites, e sentia o vento frio bater em meu rosto. Eu literalmente tinha ganhado uma segunda chance, uma segunda vida.

Tomando um chocolate quente, enquanto assisto a primavera enfeitar a cidade. Termino o caminho para deixar a caneca na pia.

Pego no sono e logo me sinto aquecida pelo corpo grande de Isaac, que me abraça forte e beija meus cabelos. Viro para ele e lhe dou um beijo apaixonado.

— Boa noite, minha bailarina.

— Boa noite. Estava com saudades!

— Não mais do que eu!

Ele me beija avidamente e eu retribuo na mesma intensidade. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, Isaac avança com beijos pelo meu pescoço e ombros, abaixa à alça da minha camisola de seda, sua respiração pesada deixa uma trilha quente por onde passa, até alcançar a minha calcinha de renda e tirá-la. Ele me preenche fortemente com estocadas firmes e precisas, até encontrarmos o paraíso juntos.

Com as respirações ofegantes, Isaac me fita com seus olhos negros tão intensos quanto a escuridão da noite. Ele desce o olhar para o meu peito e carinhosamente traça o caminho da minha cicatriz com os dedos.

— Eu te amo.

O abraço o mais forte que consigo, pois agora eu sei que temos bastante tempo. Não sei se são cinco, dez, quinze anos ou mais, mas tenho convicção de que nunca mais estarei sozinha.

No dia seguinte me levanto cedo e vou tomar um banho, Isaac dorme como uma criança, seu sono as vezes é pesado, pelas exaustivas horas dos plantões. Ligo o chuveiro e a água quente que cai nos meus ombros, relaxa meus músculos e automaticamente faço uma prece silenciosa, igual todos os dias.

— Obrigada, meu Deus, pela dádiva da vida, pela segunda chance.

Desligo assim que termino, me seco e visto o roupão. Enquanto penteio meus cabelos, me lembro do passado, aprendi a ser forte, aguentar toda situação de cabeça erguida, e não desistir facilmente, mesmo que fosse pequena na época, eu consigo recordar da minha mãe dizendo:

“Caiu? Agora você levanta e tenta outra vez!”

Enquanto eu me olho no espelho com meu corpo coberto somente pelo roupão, meus olhos descem para a grande cicatriz no meu peito, inerte e pensativa em tudo o que aconteceu nos últimos meses, e na luta que foi sobreviver a tudo isso, logo noto a presença de Isaac que encaixa seu corpo com o meu, me abraça e me fita através do espelho, seu olhar desce na mesma direção que o meu, eu acolho seu abraço e pergunto:

— Essa cicatriz no meu peito te incomoda?

Fiz a pergunta por curiosidade, pois nunca me senti envergonhada pela marca que eu carregaria pelo resto da vida.

Ele me vira pra que eu fique de frente para ele, me ergue, me coloca

sentada na bancada da pia e se encaixa entre minhas pernas, suas mãos seguram meu rosto, ele me dá um beijo doce, logo se afasta poucos centímetros e me admira.

— Jamais, meu amor. Essa é a marca da sua vitória, ela nos mostra que mais do que as batalhas vencidas e as dificuldades encontradas, você venceu a guerra.

Fim

Epílogo

Anos Depois

Todos esses anos vividos ao lado de Raíssa, posso dizer com convicção certa que foram os melhores da minha vida, ela me ensinou o que era amar na mesma proporção do que é sentir a perda.

Há perdi um ano atrás, meu mundo desabou, mas seu altruísmo e seu jeito encantador de ser, permanecerão entranhados em meu ser até o fim dos meus dias.

Infelizmente a ciência não conseguiu vencer a força da natureza e eu a perdi cedo demais. O transplante de coração nos deu tempo para construir uma família linda, tivemos duas filhas que hoje são o meu orgulho.

Beatriz Montenegro Hale, hoje com 18 anos, seguiu os passos de Raíssa como bailarina e se inspira na mãe como uma lenda do mundo da dança. E Vitória Montenegro Hale, que com 20 anos está cursando a faculdade de medicina. As meninas são meu orgulho, a razão do meu viver, e o apoio que tenho para suportar a falta que a minha bailarina faz.

Se Beatriz e Vitória são nossas filhas de sangue?

Não!

As duas são irmãs legítimas, mas com a dificuldade que Raíssa teve para engravidar, o que já era esperado, devido os imunossupressores e os coquetéis de até dez medicamentos que pessoas transplantadas devem tomar para garantir a convivência com seu novo órgão, impedindo o

desenvolvimento de novas células de rápido crescimento, entre elas as que são necessárias para obter a gravidez, diante dessas condições nós optamos por adotar. Nunca tivemos preferência nenhuma por menino ou menina, e muito menos queríamos que as crianças se parecessem conosco, mas quando chegou nossa vez na fila para adoção, e vimos às duas princesas no abrigo em que foram deixadas pela família biológica, soubemos na hora que elas seriam nossas.

E hoje com minhas meninas crescidas eu posso respirar aliviado, pois educamos as duas com sucesso e tornaram-se pessoas maravilhosas.

Me tornei o chefe geral de cirurgia do *MedStar*, e minha carreira só cresceu.

Hoje é dia de festa, o Natal está chegando e Beatriz refez uma das peças que Raíssa tanto gostava. Vitória é mais séria, mas também faz trabalho voluntário com as crianças com câncer, ela diz que quer se especializar em oncologia, e arrastou a irmã mais nova para ajudá-la a preparar a apresentação, já que se julga ter dois pés esquerdos e afirma não levar jeito nenhum para a dança.

Sempre acho engraçada essa colocação dela, pois eu nunca a vi como uma pessoa desastrada ou desajeitada, sempre foi delicada e organizada. Tudo bem que dificilmente, eu como pai, enxergaria defeitos no que eu fui responsável por criar.

Beatriz desde pequena é mais independente, sempre cheia de si, não tem medo de se arriscar e foi com tanta garra e insistência, que hoje ela faz parte de uma grande academia de *ballet*, conciliando com a preparação para entrar no curso de direito.

— Papai, está tudo pronto — diz Vitória.

— Vamos começar então, meu amor — ela vem e me dá um beijo no rosto. Depois sobe no palco e desaparece atrás da cortina.

Logo a acompanho e verifico que tudo está em seu devido lugar. Palco montado e figurinos distribuídos. Algumas bailarinas da academia em que Beatriz estuda, estão participando para embelezar ainda mais o espetáculo, ajudando na produção das *carecas* com as maquiagens, apelido carinhoso pelo qual Raíssa chamava as crianças.

Beatriz acena positivamente com a cabeça, me dizendo que eu posso anunciar o espetáculo. E do outro lado do palco eu vejo Vitória conversando com um dos novos residentes, que identifico ser o filho mais velho de Wagner. Meu coração começa a saltar, o ciúme de pai ou instinto protetor é muito aflorado em mim. Olho para o rapaz com cara feia, e ele fica sem graça ao perceber. Vitória nota e me olha de cara feia, em seguida abre um sorriso radiante. Mesmo não sendo filha biológica de Raíssa, ela parece muito com a mãe, os olhos e a cor do cabelo lembram muito.

Respiro fundo tentando aceitar que minhas filhas estão crescendo, e estou orgulhoso.

Pouco antes de começar o espetáculo, atrás das cortinas, todos estão posicionados e prontos para iniciar. As crianças nas cadeiras de rodas serão os flocos de neve, as enfermeiras também estão participando e são as fadas do inverno, as bailarinas as fadas do verão. Beatriz é a Clara, personagem na qual se identifica segundo ela, é forte e independente.

Dou uma espiada e vejo o pequeno espaço do hospital cheio. Está na hora de abrir as cortinas e deixar a magia acontecer.

— Boa noite, senhoras e senhores. É com muito orgulho que o projeto Raíssa Montenegro apresenta a vocês a peça “O Quebra-Nozes.”

No final, todos aplaudem de pé, realmente foi lindo e mágico.

Os pais das crianças se aproximam para agradecer a mim e as minhas filhas pelo trabalho. Logo depois um Papai Noel aparece para distribuir presentes, o que não estava nos meus planos, com certeza foi idéia da minha dupla dinâmica.

Eu assisto de longe a alegria das crianças ao receberem os presentes, um pequeno gesto que fez toda a diferença.

Olho a minha volta e é impossível não me lembrar de Raíssa. Faço questão que todos os anos essas crianças tenham algo especial, para que elas se sintam incluídas.

Quando olho do lado, Beatriz ainda está caracterizada e vem me abraçar. Em seguida todos a abraçam coletivamente, uma cena tão linda de se ver, e lágrimas escorrem dos meus olhos sem que eu possa conter.

Vitória assiste de longe e também chora emocionada. Ela é abraçada por Rafael. Esse rapaz vai me dar dor de cabeça! Ela agradece e se afasta, percebendo meu olhar repreensivo.

É o primeiro natal sem Raíssa, mas eu tenho minhas filhas que são minha base e força.

Fizemos uma campanha juntos, como todos os anos. Arrecadamos brinquedos, roupas e donativos para distribuir em instituições beneficentes, que acolhem crianças e pessoas idosas, cobertores para moradores de rua e demais famílias carentes. É o mínimo que podemos fazer, e é reconfortante.

Um gesto pequeno que, se cada pessoa nesse mundo fizesse, qualquer mera boa ação para ajudar o próximo, o mundo seria mais colorido, e poderíamos diminuir a desigualdade social. Porque somos todos seres humanos, somos todos irmãos, merecedores de uma vida digna e justa.

Desperto dos meus devaneios com o toque do meu celular, quando olho na tela constato o que eu já imaginava: uma emergência. Aproveito e chamo Vitória para me acompanhar, e no caminho eu pergunto:

— Aquele rapaz está interessado em você, devo me preocupar?

Ela me olha e sorri.

— Não papai, somos apenas bons amigos.

Lhe dou um abraço e beijo sua testa, em sinal de carinho e proteção.

— Não perca o foco dos estudos, este é só o começo e o caminho para chegar onde se deseja é árduo.

Ela me olha com cumplicidade e concorda, ciente da minha preocupação.

— Não vou te decepcionar, papai.

Agradecimentos

Sinceramente eu nem sei por onde começar....

Mas primeiramente quero agradecer a Deus por estar comigo em todos os momentos, pois só ele sabe o período de aflição que passei até começar a escrever, vendo isso como uma válvula de escape para problemas maiores, salvando minha sanidade mental.

Segundo a minha família, meu amigo e confidente e companheiro Alex e nossa filha Lara, são meu apoio e minha vida, que estão sempre comigo nos bons e nos piores momentos.

Terceiro quero agradecer minha mãe, uma mulher guerreira que nunca mediu esforços para cuidar de mim e puxar minhas orelhas quando necessário, sou hoje o que ela me moldou para ser e sou grata por isso.

Quero dizer que eu não acreditava em mim mesma, nunca achei que isso seria possível e que eu poderia chegar até o fim de uma história, mas eu venci, e confesso que escrever me tirou de um buraco quase sem volta. Foi prazeroso demais estar colocando minhas palavras em cada linha escrita.

A imensa gratidão pelas minhas leitoras, que me acompanharam nessa caminhada seguindo firmes e fortes junto comigo.

Mônica eu não tenho palavras para expressar o quanto sou grata a você, pelos puxões de orelha que me deu, pelas dicas, pelos elogios, pelo apoio que sempre vem me dando e que sempre me serviu como aprendizado. Obrigada de coração.♥ agradeço muito a Deus por nos ter apresentado e termos construído uma amizade, você é especial e ocupa um pedacinho do meu coração.

As meninas do meu grupo que estão comigo em todas as horas, não tenho palavras para expressar a gratidão que sinto a cada uma de vocês, são muito especiais para mim, amo cada uma de vocês do fundo do meu coração.

Peço perdão se esqueci de agradecer alguém, mas eu só tenho uma palavra a dizer.

GRATIDÃO!

Outras Obras:

Incansável Coração – livro 2

“Vitória Hale uma oncologista que por vezes sente que não vai vencer por seus próprios méritos, e sim pela grande influência que tem seu pai super protetor Isaac Hale, um médico renomado e chefe do hospital no qual trabalha.

Sempre muito focada e determinada, mas por um descuido acaba se deixando levar pela paixão repentina por um colega de trabalho, mas inesperadamente alguns segredos do passado vem a tona para atormentar a vida de Vitória, e tudo o que ela acha que sabe ou tem domínio desmorona quando conhece o enigmático Kevin Collins, um homem misterioso que pode acabar virando a vida da bela moça do avesso.”

Obstinado Coração – livro 3

Beatriz Hale, uma mulher independente, determinada e dona de si, a grande paixão de sua vida é o ballet, paixão que herdou da mãe adotiva, por anos foi a estrela de uma grande companhia de dança, mas se afastou dos palcos depois de ter sofrido um grande trauma que mudou sua vida no mundo artístico.

Formada em Direito passou aos poucos a exercer a profissão, mas não abandonou totalmente a dança, vez ou outra visita a escola que estudou e arrisca alguns passos, e é em uma dessas visitas que conhece um cara vestido em um macacão de serviço que desperta aos olhos da moça um interesse

incomum.

Davi Adams um homem correto e trabalhador que está pagando por um crime que não cometeu, luta diariamente para manter a filha de 03 anos após a morte de sua esposa, e que acredita que nenhuma outra pode substituir a mulher que perdeu.

Um coração traumatizado e outro ferido pela dor da perda.

Duas vidas, dois mundos diferentes!